



Programa de  
Pós-Graduação em  
**Linguística**

AUTORIA E TEXTUALIZAÇÃO: HUMOR NOS PROCESSOS DE INSCRIÇÃO DISCURSIVA NA  
CONSTITUIÇÃO AUTORAL DE TUTTY VASQUES

Diogo Silva Chagas

SÃO CARLOS - SP

2017



**Universidade Federal de São Carlos**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

AUTORIA E TEXTUALIZAÇÃO: HUMOR NOS PROCESSOS DE  
INSCRIÇÃO DISCURSIVA NA CONSTITUIÇÃO AUTORAL DE TUTTY  
VASQUES

DIOGO SILVA CHAGAS

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento  
de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Linguística, para obtenção do  
título de mestre Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz André Neves de Brito





## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

### Folha de Aprovação

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Diogo Silva Chagas, realizada em 28/03/2017:

---

Prof. Dr. Luiz Andre Neves de Brito  
UFSCar

---

Prof. Dr. Márcio Antonio Gatti  
UFSCar

---

Profa. Dra. Jauranice Rodrigues Cavalcanti  
UFTM

*Aos meus pais, Odineia e José;*

*à minha irmã, Cibele;*

*à minha vó, Elsa;*

*à minha tia, Vanderlina:*

*razão de tudo.*

*Ao professor Bruno Curcino,  
cujo exemplo de luta e integridade  
me inspira uma caminhada  
que preza um futuro próspero e justo.*

*(in memoriam)*

\*\*\*

Vamos caminando  
Aquí se respira lucha

(CALLE 13)

## agradecimentos

A confiança é um ato de fé, e esta dispensa raciocínio.  
(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Ao **Luiz André Neves de Brito**, pela acolhida, pela disposição em me orientar nessa empreitada, pela paciência e bom humor e pelas boas conversas durante esses dois anos;

Aos professores **Jauranice Rodrigues Cavalcanti** e **Márcio Antônio Gatti** pela leitura e arguição acuradas nas bancas de qualificação e defesa deste trabalho, e aos professores **Luciana Salazar Salgado** e **Manoel Luiz Gonçalves Corrêa** por aceitarem a suplência da banca de defesa;

Aos colegas do grupo de pesquisa **Comunica**, que tanto me acolheram como compartilharam minhas inquietações e proporcionaram discussões essenciais para que esse trabalho fosse realizado, e, em especial, à **Luciana Salazar Salgado**, pelas conversas pelos corredores, na salinha e nos cafês, que tanto contribuíram na realização deste trabalho, e às queridas **Daniela**, **Helena** e **Letícia**, pela boa prosa, pelas boas risadas, pela partilha e pela afetuosa amizade que encontrei em vocês;

Aos **professores** do PPGL/UFSCar e do Curso de Letras da UFTM, pela minha formação acadêmica;

À equipe da **Editora Apicuri**, em especial ao **William Oliveira**, editor, pela presteza e atenção nos contatos e por ter enviado um exemplar do livro *Ó, raça!* pela cota de apoio à pesquisa acadêmica;

À **Capes**, pela bolsa de incentivo a pesquisa;

Aos queridos amigos, **Bruna**, **Candice**, **Carla**, **Clarissa**, **Henrique**, **Luiz** e **Rosanna**, que desde antes estão comigo e que sempre estiveram presentes compartilhando momentos dessa trajetória;

E à minha família: meus pais, **José** e **Odineia**, minha irmã, **Cibele**, minha avó, **Elsa**, e minhas tias, **Vanderlina** e **Ana Maria**, pelo incentivo de sempre, pelo amor e carinho, pelo exemplo de luta e respeito, por serem a base do que sou hoje e razão de eu ter chegado nesse momento, por tudo.

Imensa gratidão a todos!

Quanto mais ampla a cobertura jornalística, mais provinciano é o noticiário. Táí a internet que não me deixa mentir! Quem tem o hábito doentio de acompanhar a informação em tempo real na web me entende. [...] tudo o que não interessa está ali ao nosso alcance, basta ligar a máquina.

(TUTTY VASQUES)

CHAGAS, DIOGO SILVA. **Autoria e textualização:** humor nos processos de inscrição discursiva na constituição autoral de Tutty Vasques. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

Filiando-se ao quadro teórico da Análise do Discurso de linha francesa, mais precisamente, às reflexões propostas por Maingueneau e Possenti, este trabalho se desenvolve a partir dos estudos sobre autoria e humor. Para Maingueneau (2010), há três dimensões diferentes em relação à noção de autor: (i) a de *autor-fiador*; (ii) a de *autor-ator* e (iii) a de *autor-auctor*. Maingueneau (2006; 2010) lança mão, ainda, do conceito de *paratopia criadora*, que se refere a um desenvolvimento de três instâncias que forjam a construção autoral; as instâncias são as de *inscritor*, *escritor* e *pessoa*. Com tais considerações, Maingueneau (2010) entende que desse processo criador emerge uma imagem de autor, que pode estar relacionada a qualquer daquelas dimensões autorais (*autor-fiador*, *autor-ator*, *autor-auctor*). Ademais, este trabalho, se desenvolve levando em consideração o que Possenti (2009) propõe como sendo indícios de autoria, proposta de análise que entende que a autoria só pode ser entendida num nível discursivo, pelos indícios. No que se refere ao humor e textos humorísticos, recorreremos às proposições de Raskin (1985) e Possenti (1998; 2013). Entendemos, nesse trabalho, que o humor é decorrente da sobreposição de *scripts* e que, nessa sobreposição, observável na textualização, é possível observar os indícios de autoria em funcionamento. O *cópus* desta pesquisa agrupa textos do período de outubro a dezembro de 2014 escritos por Tutty Vasques para a coluna *Tutty Humor*, para o blog *Tutty Humor: má notícia é a maior diversão do Portal Estadão*, e os textos de sua conta no Twitter *@tuttyvasques*. Os textos selecionados apresentam características similares: (i) são, em sua maioria, concisos e (ii) provocam um efeito de humor sempre relacionado a acontecimentos contemporâneos às suas publicações. Levando em consideração o estilo do autor e a materialização de discursos polêmicos, a análise do *cópus* pretende mostrar a imagem de autor que emerge em relação a Tutty Vasques.

**palavras-chave:** autoria; indícios de autoria; textualização; humor.

CHAGAS, DIOGO SILVA. **Authorship and textualization**: humour on the process of discourse inscription on Tutty Vasques' authorial constitution. Dissertation (Master's Degree in Linguistics). Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

Joining the theoretical framework of French Line Discourse Analysis, more precisely, to the reflections proposed by Maingueneau and Possenti, this work is developed from the studies on authorship and humour. For Maingueneau (2010), there are three different dimensions in relation to the notion of author: (i) the *author-guarantor*, (ii) the *author-actor* and (iii) the *author-auctor*. Maingueneau (2006; 2010) also uses the concept of *paratopic creating*, which refers to a development of three instances that forge the authorial construction; the instances are those of *inscriber*, *writer* and *person*. Considering this, Maingueneau (2010) understands that from this creative process emerges an image of author, which may be related to any of those dimensions of author (*author-guarantor*, *author-actor*, *author-auctor*). In addition, this work is developed taking into account what Possenti (2009) proposes as being *signs of authorship*, a proposal of analysis that understands that authorship can only be understood at a discursive level, by the signs. In relation to humour and humorous texts, we have recourse to the propositions of Raskin (1985) and Possenti (1998; 2013). We understand, in this work, that humour is due to the overlapping of scripts and that, in this overlapping, observable in the textualization, it is possible to observe the signs of authorship in operation. The corpus of this research groups texts from October to December 2014 written by Tutty Vasques for *Tutty Humor* (Tutty Humour) column on *O Estado de S. Paulo* newspaper, for the blog *Tutty Humor: má notícia é a maior diversão* (Tutty Humor: bad news is the biggest fun) on *Portal Estadão*, and the texts of his Twitter account, *@tuttyvasques*. The selected texts have similar characteristics: (i) they are mostly concise and (ii) they provoke a humorous effect always related to events which are contemporaneous with their publications. Taking into account the style of the author and the materialization of polemic discourses, the analysis of the corpus intends to show which image of author is emerged in relation to Tutty Vasques.

**keywords:** authorship; signs of authorship; textualization; humour.

## lista de figuras

|                                                                                                                                                                       |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1.1</b> Postagem no blog <i>TuttyHumor: má notícia é a maior diversão</i> 7 out. 2014.....                                                                  | 23 |
| <b>Figura 1.2</b> Coluna Tutty Humor 7 out. 2014.....                                                                                                                 | 24 |
| <b>Figura 1.3</b> Tweet @tuttyvasques 7 out. 2014.....                                                                                                                | 24 |
| <b>Figura 1.4</b> Digitalização da Capa e da Ficha Catalográfica do livro <i>Ô, raça! má notícia é a maior diversão: o humor de Tutty Vasques na internet</i> .....   | 27 |
| <b>Figura 1.5</b> Nó borromeano das instâncias da paratopia criadora .....                                                                                            | 29 |
| <b>Figura 1.6</b> Nó borromeano das instâncias da paratopia criadora de autor que se consagra antes pelo seu estatuto social.....                                     | 30 |
| <b>Figura 1.7</b> Nó borromeano das instâncias da paratopia criadora de um autor estreante.....                                                                       | 30 |
| <b>Figura 1.8</b> Postagem de “despedida” na Página Tutty Vasques no Facebook .....                                                                                   | 34 |
| <b>Figura 1.9</b> Carta ao leitor: O editor de dupla personalidade .....                                                                                              | 37 |
| <b>Figura 1.10</b> Prefácio de Artur Xexéo em <i>Nem tutty é verdade</i> .....                                                                                        | 39 |
| <b>Figura 1.11</b> Prefácio de Zuenir Ventura em <i>Nem tutty é verdade</i> .....                                                                                     | 46 |
| <b>Figura 1.12</b> Adaptação do nó borromeano das instâncias da paratopia criadora.....                                                                               | 41 |
| <b>Figura 1.13</b> Capa do livro <i>Ô, raça!</i> .....                                                                                                                | 42 |
| <b>Figura 1.14</b> Sumário do livro <i>Ô, raça!</i> .....                                                                                                             | 43 |
| <b>Figura 1.15</b> Miolo do livro <i>Ô, raça!</i> (p.10 e p.107).....                                                                                                 | 44 |
| <b>Figura 1.16</b> Livro <i>Nem tutty é verdade</i> .....                                                                                                             | 45 |
| <b>Figura 1.17</b> Captura de tela do vídeo promocional de <i>Nem tutty é verdade</i> . - o vídeo (17'34") .....                                                      | 47 |
| <b>Figura 1.18</b> Captura de tela do vídeo promocional de <i>Nem tutty é verdade</i> . - o vídeo (17'32") .....                                                      | 48 |
| <b>Figura 1.19</b> Digitalização da Capa e de parte do sumário do livro <i>As cem melhores crônicas brasileiras</i> .....                                             | 49 |
| <b>Figura 1.20</b> Aba “Sobre” da Página <i>Tutty Vasques</i> no <i>Facebook</i> .....                                                                                | 50 |
| <b>Figura 1.21</b> Blog Reinaldo Azevedo.....                                                                                                                         | 51 |
| <b>Figura 1.22</b> Texto da <i>Revista Veja (Entretenimento)</i> : CCBB realiza debate sobre humor nas crônicas do País .....                                         | 51 |
| <b>Figura 1.23</b> Captura de tela do jornal <i>O Expresso</i> .....                                                                                                  | 52 |
| <b>Figura 1.24</b> Captura de tela de pesquisa pelo termo “Tutty Vasques” em Google Livros, termo encontrado no livro <i>Como pensam os humanos</i> .....             | 53 |
| <b>Figura 1.25</b> Captura de tela de pesquisa pelo termo “Tutty Vasques” em Google Livros, termo encontrado no livro <i>O exercício das vozes: crônicas</i> .....    | 53 |
| <b>Figura 1.26</b> Captura de tela de pesquisa pelo termo “Tutty Vasques” em Google Livros, termo encontrado no livro <i>A menina quebrada</i> .....                  | 54 |
| <b>Figura 1.27</b> Captura de tela de pesquisa pelo termo “Tutty Vasques” em Google Livros, termo encontrado como verbete no livro <i>Nem só de Aurelião...</i> ..... | 55 |
| <b>Figura 1.28</b> Captura de tela do verbete <i>Tutty Vasques</i> na <i>Wikipédia</i> .....                                                                          | 55 |
| <b>Figura 1.29</b> Captura de tela do verbete <i>Tutty Vasques</i> na <i>Desciclopédia</i> .....                                                                      | 56 |
| <b>Figura 1.30</b> Coluna <i>Tutty Humor</i> 8 out. 2014.....                                                                                                         | 58 |
| <b>Figura 1.31</b> Blog <i>Tutty Humor</i> .....                                                                                                                      | 59 |
| <b>Figura 1.32</b> Twitter @tuttyvasques.....                                                                                                                         | 60 |
| <b>Figura 1.33</b> Tweet @tuttyvasques 10 out. 2014.....                                                                                                              | 61 |

|                                                                                                               |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 1.34</b> Ilustrações de Tutty Vasques assinadas por Pojucan .....                                   | 64  |
| <b>Figura 1.35</b> Ilustrações de Tutty Vasques assinadas por Pojucan .....                                   | 64  |
| <b>Figura 1.36</b> Ilustrações de Tutty Vasques assinadas por Pojucan .....                                   | 64  |
| <b>Figura 1.37</b> Captura de tela do vídeo promocional de <i>Nem tutty é verdade</i> . - vídeo (2'27") ..... | 65  |
| <b>Figura 1.38</b> Captura de tela do vídeo promocional de <i>Nem tutty é verdade</i> . - vídeo (0'38") ..... | 65  |
| <b>Figura 1.39</b> Captura de tela do vídeo promocional de <i>Nem tutty é verdade</i> . - vídeo (1'13") ..... | 65  |
| <b>Figura 1.40</b> Captura de tela do vídeo promocional de <i>Nem tutty é verdade</i> . - vídeo (7'28") ..... | 66  |
| <b>Figura 1.41</b> Captura de tela do vídeo <i>Juca Entrevista - Tutty Vasques (parte 1)</i> .....            | 66  |
| <b>Figura 1.42</b> Captura de tela do vídeo <i>Humor &amp; Cia 5 - Antônio Prata e Tutty Vasques</i> .....    | 67  |
| <b>Figura 1.43</b> Adaptação do esquema da paratopia criadora: Tutty Vasques .....                            | 67  |
|                                                                                                               |     |
| <b>Figura 2.1</b> <i>Eu, hein!</i> 7 out. 2014 .....                                                          | 75  |
| <b>Figura 2.2</b> <i>50 tons de pretinho</i> 10 out. 2014 .....                                               | 76  |
| <b>Figura 2.3</b> Tweet @tuttyvasques 27 nov. 2014 .....                                                      | 78  |
| <b>Figura 2.4</b> Tweet @tuttyvasques 13 out. 2014 .....                                                      | 84  |
| <b>Figura 2.5</b> <i>Sexta negra</i> 19 nov. 2014 .....                                                       | 86  |
| <b>Figura 2.6</b> Tweet @tuttyvasques 26 nov. 2014 .....                                                      | 87  |
| <b>Figura 2.7</b> <i>PT que te Paris!</i> 27 nov. 2014 .....                                                  | 89  |
| <b>Figura 2.8</b> Tweet de @tuttyvasques 1 dez. 2014 .....                                                    | 90  |
| <b>Figura 2.9</b> Tweet @tuttyvasques 7 out. 2014 .....                                                       | 93  |
| <b>Figura 2.10</b> Tweet @tuttyvasques 10 out. 2014 .....                                                     | 93  |
| <b>Figura 2.11</b> <i>Efeito Frankenildo</i> 8 out. 2014 .....                                                | 95  |
| <b>Figura 2.12</b> Tweet @tuttyvasques 5 dez. 2014 .....                                                      | 97  |
| <b>Figura 2.13</b> Tweet @tuttyvasques 30 nov. 2014 .....                                                     | 98  |
| <b>Figura 2.14</b> Tweet @tuttyvasques 13 nov. 2014 .....                                                     | 98  |
| <b>Figura 2.15</b> <i>Sustentabilidade</i> 17 out. 2014 .....                                                 | 98  |
| <b>Figura 2.16</b> <i>Sem folga</i> 7 nov. 2014 .....                                                         | 101 |
| <b>Figura 2.17</b> <i>Faremos agora uma pequena pausa...</i> 20 out. 2014 .....                               | 101 |
| <b>Figura 2.18</b> Tweet @tuttyvasques 16 nov. 2014 .....                                                     | 102 |
| <b>Figura 2.19</b> Tweet @tuttyvasques 10 out. 2014 .....                                                     | 104 |
| <b>Figura 2.20</b> <i>O Brasil mudou!</i> 23 out. 2014 .....                                                  | 105 |
| <b>Figura 2.21</b> <i>Copacabana te engana</i> 17 nov. 2014 .....                                             | 107 |
| <b>Figura 2.22</b> Tweet @tuttyvasques 21 nov. 2015 .....                                                     | 108 |
| <b>Figura 2.23</b> Tweet @tuttyvasques 4 dez. 2014 .....                                                      | 109 |
| <b>Figura 2.24</b> <i>Cá pra nós</i> 26 nov. 2014 .....                                                       | 110 |
| <b>Figura 2.25</b> Tweet @tuttyvasques 13 nov. 2015 .....                                                     | 112 |
| <b>Figura 2.26</b> <i>Desmentido</i> 4 nov. 2014 .....                                                        | 114 |
| <b>Figura 2.27</b> <i>Intriga da oposição</i> 6 nov. 2014 .....                                               | 114 |
| <b>Figura 2.28</b> <i>Código linguístico</i> 8 out. 2014 .....                                                | 117 |
| <b>Figura 2.29</b> <i>Aécio sim, Aécio não...</i> 9 out. 2014 .....                                           | 118 |
| <b>Figura 2.30</b> <i>Desarranjo na Bovespa</i> 22 out. 2014 .....                                            | 119 |
| <b>Figura 2.31</b> <i>Esse chove não molha!</i> 23 out. 2014 .....                                            | 120 |
| <b>Figura 2.32</b> <i>A revolta dos sem-água!</i> 17 out. 2014 .....                                          | 121 |
| <b>Figura 2.33</b> <i>Ceia nas redes sociais</i> 29 out. 2014 .....                                           | 121 |

## lista de tabelas

|                                                                      |     |
|----------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Tabela 1</b> Ocorrências do modalizador “ô, raça!” .....          | 106 |
| <b>Tabela 2</b> Ocorrências do modalizador “cá pra nós” .....        | 111 |
| <b>Tabela 3</b> Ocorrências da expressão “caramba” .....             | 113 |
| <b>Tabela 4</b> Ocorrências de “E não se fala mais nisso, ok?” ..... | 113 |

|                                                                                         |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>introdução</b> -----                                                                 | <b>13</b>  |
| <b>PRIMEIRA PARTE: da autoria</b>                                                       |            |
| <b>tutty vasques: uma (im)possível definição</b> -----                                  | <b>17</b>  |
| <i>a noção de autoria: breve panorama</i> -----                                         | 19         |
| <i>acerca da paratopia criadora</i> -----                                               | 28         |
| <i>a paratopia criadora de Tutty Vasques</i> -----                                      | 31         |
| <i>instância pessoa: imbricações entre Tutty Vasques e Alfredo Ribeiro</i> -----        | 31         |
| <i>instância escritor: o jornalista/ humorista</i> -----                                | 40         |
| <i>instância inscritor: as publicações de Tutty Vasques</i> -----                       | 56         |
| a coluna “Tutty Humor” e o blog “Tutty Humor: má notícia é a maior diversão” -----      | 57         |
| o twitter @tuttyvasques-----                                                            | 60         |
| <i>uma imagem de autor</i> -----                                                        | 61         |
| <b>SEGUNDA PARTE: do humor nos processos de textualização</b>                           |            |
| <b>humor e outros indícios de autoria: do gesto inscricional de tutty vasques</b> ----- | <b>70</b>  |
| <i>dos indícios de autoria e da heterogeneidade discursiva</i> -----                    | 72         |
| <i>da memória no discurso</i> -----                                                     | 79         |
| <i>do humor (na linguística)</i> -----                                                  | 82         |
| <i>dos indícios de autorais e do estilo de Tutty Vasques</i> -----                      | 91         |
| <i>algumas marcas autorais</i> -----                                                    | 96         |
| “ô, raçal”-----                                                                         | 100        |
| “entreouvido” -----                                                                     | 106        |
| “cá pra nós” -----                                                                      | 109        |
| “caramba” -----                                                                         | 112        |
| “e não se fala mais nisso, ok?” -----                                                   | 113        |
| <i>intertextualidade interna e externa</i> -----                                        | 116        |
| <b>considerações finais</b> -----                                                       | <b>123</b> |
| <b>referências</b> -----                                                                | <b>123</b> |
| <b>anexos</b> -----                                                                     | <b>128</b> |



## introdução

Conheci os textos de Tutty Vasques ainda na graduação quando, após algumas leituras sobre o humor no campo dos estudos discursivos, comecei a elencar possíveis materiais de análise para realizar meu trabalho de conclusão de curso. Era fim de 2013, ano marcado por uma série de acontecimentos que impactaram tanto o Brasil como todo o mundo. A população de São Paulo indo às ruas protestar contra o aumento de R\$0,20 na tarifa do transporte público e incitando uma série de outros protestos que, por fim, “não eram só pelos R\$0,20”, pois, afinal, o cenário político-social apresentava outras várias questões a serem solucionadas, era tempo de ir às ruas, pois se estava daquele jeito, “imagina na Copa!”: “o Gigante acordara”.

Papa Bento XVI renunciou ao pontificado e foi sucedido pelo Papa Francisco, primeiro papa latino-americano, que veio ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude. Marcos Feliciano presidia a Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) com a polêmica proposta do projeto “cura gay” (!). Edward Snowden denunciou o grande esquema de espionagem em massa organizado pelos Estados Unidos, por meio da National Security Agency (NSA). A imprensa, a “grande mídia”, as redes sociais e mídias sociais eram (e ainda são) cada vez mais fomentadas por um fluxo incontrolável de informações numa tentativa de deixar todos atualizados de tudo que estava acontecendo o todo tempo.

Foi nessa conjuntura que comecei a olhar com mais atenção para o que de humor era produzido no meio disso tudo que estava acontecendo. Minha orientadora, professora Jauranice Cavalcanti, indicou algumas fontes para ajudar a delimitar o *córpus* e dentre as indicações estava Tutty Vasques, jornalista carioca. Fui ler seus textos publicados no *Portal Estadão*, website ligado ao jornal *O Estado de S. Paulo* e achei nos textos a característica que mais me chamou atenção: eram, em sua maioria, curtos e se pareciam com os microtextos do *Twitter*. Tinham esse aspecto urgente de tentar acompanhar as informações, mas fazer humor delas, afinal não era (e não é) fácil acompanhar a velocidade dos informes, e o humor parecia a saída para amenizar o impacto dessa urgência das informações. Achei dados convidativos de análise, estava definido, os textos de Tutty Vasques publicados no blog *Tutty Humor: má notícia é a maior diversão* comporiam meu *córpus* de pesquisa.

Desenvolvi então a pesquisa de trabalho de conclusão de curso (CHAGAS, 2014), que teve como propósito explicitar alguns dos recursos linguísticos mobilizados pelo humorista, testando a produtividade de algumas categorias de análise propostas por

Maigneueau (2008a) como a de *destacabilidade, aforização, sobreasseveração e hiperenunciador*, além de ter recuperado bem brevemente a noção de *ethos* para a análise. A partir desta pesquisa, alguns questionamentos foram suscitados ainda em relação aos dados coletados: como estes textos, entendidos como humorísticos, contribuem para a construção da imagem do autor Tutty Vasques? Por via das discussões acerca da heterogeneidade discursiva, como funciona este humor? O que é, enfim, o humor de Tutty Vasques?

Engajei-me, então, nesta pesquisa de mestrado em que a proposta se funda nesses questionamentos, que apontam para uma questão maior do que apenas os textos em si, mas também para o autor Tutty Vasques. Sendo assim, a noção da autoria se pôs em relevo juntamente com a de humor para delinear análises que fundamentassem a hipótese de que o processo de inscrição com efeito humor presente na textualização de Tutty Vasques configura indícios de autoria que contribuem para a construção de uma imagem de autor.

Comecei a coleta do material e, desde então, tive um *cópus* que, mesmo com uma delimitação inicial, teve certo movimento e foi se constituindo durante a pesquisa. Na proposta inicial, consideraríamos os textos publicados pelo jornalista em sua coluna *Tutty Humor* no jornal *O Estado de S. Paulo*, os do blog *Tutty Humor: má notícia é a maior diversão*, ligado ao *Portal Estadão*, e os da conta *@tuttyvasques* no *Twitter*, mas faltava delimitar o período de publicação para a coleta. Entretanto, entre a escrita do projeto e o início da pesquisa, no dia 4 de dezembro de 2014, Tutty Vasques saiu do quadro de colunistas do jornal *O Estado de S. Paulo* e, tal fato, impôs certa delimitação para a coleta.

Sendo assim, decidimos que coletaríamos os textos publicados nos três últimos meses retroativos ao dia que anunciou sua saída do jornal, ou seja, os textos publicados entre 4 de outubro e 4 de dezembro de 2014, entendendo que teríamos material suficiente para levantamento de dados e, com isso em mente, comporia o *cópus* o material publicado na coluna, no blog e, também, em sua conta no *Twitter* entre 4 de outubro e 4 de dezembro de 2014. Entretanto, ocorreu que, ao começar a coleta no *Twitter* nos estágios iniciais desta pesquisa, nos deparamos com uma imposição técnica da plataforma: o acesso aos textos do *Twitter* tem uma limitação de data e foi possível acessar até o dia 7 de outubro de 2014, uma diferença de 3 dias do previsto.

Condições impostas, preferimos manter o mesmo período para as três vias de publicação, a partir do dia 7 de outubro de 2014 (data mais antiga resgatável no *Twitter*) e 4 de dezembro de 2014 (último dia de publicação n' *O Estado de S. Paulo*). Podemos destacar dois temas contemporâneos às publicações deste período e que tiveram certo destaque na época: o

final de período eleitoral conturbado no Brasil e uma crise hídrica em pauta, dentre outros fatos mais específicos e de duração mais curta do que esses dois.

Ademais, coletamos materiais publicados por Tutty Vasques durante os seus 30 anos de produção, o que inclui os livros *Ô, raça! má notícia é a maior diversão: o humor de Tutty Vasques na web* e *Nem tutty é verdade*, textos do autor e sobre o autor, vídeos, entrevistas, ilustrações, dentre outros.

### Im

Este texto está dividido em duas partes, que se dedicarão (i) à *autoria*, *paratopia criadora* e *imagem de autor* e (ii) aos *indícios de autoria*, à *memória* e ao *humor*, se estruturando de forma a afigurar possíveis condições para que o material seja apresentado na medida em que discorreremos sobre os conceitos elencados. Ressaltamos que a maior parte do material está no formato de capturas de tela dos textos do autor e sobre o autor que circulam na internet. Por se tratarem de capturas de tela realizadas no período de constituição do corpus, as imagens do blog não coincidem com o novo layout do site, que teve alterações após a coleta, mas nada alterou no conteúdo dos textos.

Na primeira parte, *da autoria*, partimos da noção de autoria, passando por um breve panorama histórico sobre a noção, atentando-nos principalmente ao que propõe Maingueneau (2010). Na sequência, discutimos o conceito de *paratopia criadora*, proposto por Maingueneau (2006). Ainda, considerando-se tais noções, recorreremo-nos às discussões acerca da *imagem de autor* por nos parecerem produtivas para mostrar o funcionamento da gestão autoral.

Já segunda parte, *do humor nos processos de textualização*, nos ateremos a questões relacionadas aos *indícios de autoria* e, ainda, ao *humor*, à *memória*, à *heterogeneidade* e *acontecimento discursivos* como sendo indícios autorais de Tutty Vasques. Recorreremos a Possenti (1998; 2012; 2013) e Raskin (1979; 1984) para tratar a questão do humor. Para trabalhar com memória discursiva, nos fundamentamos em Pêcheux (1999) e Paveau (2013). E, por fim, em Authier-Revuz (2004), para as discussões acerca da heterogeneidade discursiva.

**PRIMEIRA PARTE**

*da autoria*

## tutty vasques:

### *uma (im)possível definição*

“Jornalista metido a humorista – e vice-versa”, assim Tutty Vasques se apresenta nas redes sociais e no seu livro *Ô, raça! má notícia é a maior diversão: o humor de Tutty Vasques na internet*. Para facilitar nas classificações iniciais, consideremos referenciar-lo da forma como se apresenta: *jornalista/humorista*. Tutty Vasques, heterônimo de Alfredo Ribeiro<sup>1</sup>, há 30 anos publica o que chama de “crônicas de costume do noticiário”<sup>2</sup>, com um enfoque bem-humorado acerca dos fatos que circulam na imprensa diariamente, justificando-se no fato de que “quanto mais assustadora a crônica que a imprensa faz de nossos dias, mais a parceria com o humor se justifica como estratégia de sobrevivência coletiva ao tsunami de aborrecimentos na leitura da vida como ela *web* nas plataformas de informação” (RIBEIRO<sup>3</sup>, 2015, p.7).

Com um histórico de publicação que se institui em jornais e revistas (re)conhecidos no Brasil, como o *Jornal Brasil* e a *Folha de S. Paulo* e as revistas *Veja* e *Época*, o trabalho mais recente e conhecido do jornalista/humorista foi o de assinar a coluna *Tutty Humor*, no jornal *O Estado de S. Paulo* e o blog *Tutty Humor: má notícia é a maior diversão*<sup>4</sup>, no *Portal Estadão*. Paralelamente, Tutty Vasques manteve uma conta pessoal no *Twitter*<sup>5</sup>, que servia mais como canal de divulgação dos textos do blog no *Portal Estadão* do que para a publicação de microtextos “originais”<sup>6</sup>.

Seus textos aparecem, ainda, em dois compilados em forma de livro: o primeiro, publicado em 1988, *Nem tutty é verdade.*, que traz textos do início de sua carreira, e o segundo, *Ô, raça! má notícia é a maior diversão: o humor de Tutty Vasques na internet* (doravante *Ô, raça!*), publicado em 2015, que reúne textos do jornalista que tiveram circulação na internet

<sup>1</sup> A questão da heteronímia e ortonímia será tratada em seção posterior (ver p.35).

<sup>2</sup> Informação da quarta capa do livro *Ô, raça! má notícia é a maior diversão: o humor de Tutty Vasques na internet*. Muito embora essa classificação desdobre uma discussão em relação ao gênero textual das produções de Tutty Vasques, uma vez que sua publicação não se restringe a um só suporte e os diferentes suportes (coluna, blog e *Twitter*) parecem mediar gêneros diferentes, *crônica de costumes* é a forma como o próprio autor entende seus textos e, por não se tratar do foco da pesquisa, os referiremos dessa forma.

<sup>3</sup> Veremos adiante que Alfredo Ribeiro é o ortônimo de Tutty Vasques.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/>>

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques>>

<sup>6</sup> Pensando a originalidade aqui como sendo algo não publicado antes pelo autor e não como uma produção singular.

entre 2001 e 2015. Tais compilações reúnem textos do jornalista em momentos diferentes de sua carreira: um primeiro momento representativo da produção de Tutty Vasques logo que começou a publicar e um segundo momento em que a internet serviu tanto como suporte de circulação quanto influenciando efetivamente no modo de produção. Antes, textos mais longos e descritivos, e, depois, textos mais curtos e objetivos, mudança que se justifica no fato de que a produção na internet tem cada vez mais uma característica de brevidade emergencial. Suportes como o Twitter estabelecem, inclusive, limite de caracteres, e, considerando que o meio de produção baliza o modo de produção, a mudança no estilo de escrita de Tutty Vasques parece ser efeito disso (pensando na oposição *descrição* e *concisão*).

Sendo Tutty Vasques um jornalista/humorista, é possível ser atribuído a ele um estatuto de autor? Apesar de uma resposta primeira parecer positiva, ela não o é apenas pela informação *jornalista/humorista* (a muitos jornalistas e humoristas não é atribuído o estatuto de autores), mas por envolver algumas questões como: (i) em relação aos imaginários, na noção comum que se tem de autor como fonte originária daquilo que é singular e original, seria possível afirmar um estatuto de autor se fundamentando na hipótese de que ter dois livros publicados o consagrariam como autor, entendendo objeto *livro* ligado estritamente a uma entidade autoral; (ii) o fato de as colunas serem assinadas e de os leitores lerem a coluna *de* alguém, e só o fazem por encontrarem nesses textos algo característico de uma fonte original, poderia ser suficiente para entendê-lo como autor.

Entretanto, tais respostas não parecem suficientes por partirem de lugares comuns dos imaginários relacionados ao ser escritor/autor e há muitas outras questões relacionadas ao conceito de autoria. Maingueneau (2010) aponta que há duas acepções em torno do que é ser *autor*:

Uma se refere antes a um estatuto social; um político, por exemplo, o antigo presidente da República francesa, Valéry Giscard d'Estaing, por mais que tivesse publicado, ao longo da carreira, alguns ensaios políticos e livros autobiográficos, e até mesmo um romance, dificilmente será categorizado como “autor”, sem complemento de nome. A outra acepção implica uma avaliação, que é independente de todo estatuto social: os “verdadeiros autores”, os “grandes autores” são criadores singulares, originais. (p.29)

Fato é que, no campo dos estudos discursivos, responder àquela pergunta envolve considerar algumas questões que propiciam uma análise do problema e conduzem para uma (possível) resposta. Assim sendo, pretendemos, nesta seção, consultar trabalhos que tratam da questão da *autoria*, delimitando o percurso da pesquisa nas propostas teórico-metodológicas de Maingueneau (2010).

Na sequência, traremos para a discussão a noção de *paratopia criadora*, proposta por Maingueneau (2006; 2010), destacando aspectos intrínsecos à noção de *autoria* e sua

criação e, por último, as considerações necessárias ao que concerne à *imagem de autor* (MAINGUENEAU, 2010).

*a noção de autoria: breve panorama*

A discussão acerca da *autoria* está, há tempos, em pauta, principalmente no campo da literatura, mas tem se tornado tema recorrente no campo dos estudos discursivos. Para assinalar como essa discussão vem se estabelecendo historicamente, recorreremos a Hansen (1992), mesmo sendo um teórico dos estudos literários, pois traça, em um texto intitulado *Autor*, um percurso da noção de *autor* a partir do século XIX, o que nos parece uma interessante recapitulação dessas discussões. Na sequência, temos as proposições de Maingueneau (2010) sobre autoria, nas quais nos embasamos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Inicialmente, Hansen (1992) estabelece que a noção se “refere a individualidade empírica responsável por sua criação e que assina com a rubrica de um nome próprio, índice de sua autenticidade e propriedade” e que uma identidade civil-profissional é classificada a esse nome de autor, indicando um proprietário de uma obra a qual são regulados direitos autorais sobre sua originalidade (p.11).

Hansen (1992) faz uma busca etimológica relacionada a palavra *autor* e, dentre as várias definições que elenca, temos que:

Quanto ao termo *autor*, deriva, em português, da forma acusativa *auctore(m)*, substantivo com desinência de agente derivado do verbo latino *augere* (*augeo*, *-es*, *auxi*, *auctum*), ligado à raiz indo-irânica *awg-*, /força/, com significação de /produzir a partir de si mesmo/, em latim arcaico, e de /crescer/, em latim clássico. A significação genérica de *auctor* é, assim, /o que faz crescer/, mas também /o que faz surgir; o que produz/. (HANSEN, 1992, p.16)

Mas há, além dos possíveis significados da palavra *autor*, conforme Hansen (1992), ao menos três noções contrárias em relação ao que se denomina *autor* até início da década de 1980. Todas essas noções se opõem à noção de *autor-presença*, que surge meio ao movimento romântico literário, e que entende que a subjetividade autoral estaria embutida na própria obra e a noção de autoria estaria ligada a quanto de si o autor imprimiu na obra por ele assinada: “o *artista* como originalidade de *autor* [...] a originalidade fundamenta a noção de *autor* como ilimitação da experiência [...] o *autor* é a presença do *artista* na obra, que se anula como produto, substituído pela aura da criação como fetichismo da mercadoria” (HANSEN, 1992, p.18-19, grifos originais).

As três noções elencadas por Hansen (1992) são: (i) *autor-defunto*, ponto de vista em que a codificação linguística é vista como capaz de operar discursos sem a necessidade de

uma fonte criadora; (ii) *função-autor*, de Foucault (1969), “relação histórica, específica e descontínua de um nome próprio de autor e um discurso” (p.15); e (iii) *autor contradição*, “unidade contraditória em que dados históricos e transindividuais de uma situação-posição de classe se refratam transformados na produção e no produto da *contradição-autor*.” (p.15).

Ademais, retomando alguns conceitos de autoria, prévios à noção de *autor-presença*, Hansen (1992) destaca que Platão entendia que havia uma relação sinonímica entre *autoria* e *autenticidade*, ou seja, é autoral aquilo que tem valor significativo e que é verdadeiro. Tal preceito se baseia na divisão feita por Platão daquilo que é real e daquilo que é mimético. Para Platão, a *mimese* se opõe à *verdade-presença*, sendo uma emulação de um duplo ou múltiplo falso que se confunde com a verdade, considerando-se, então, um mal tudo aquilo que fosse mimético.

Hansen (1992) mostra que, na Retórica aristotélica, a noção de autoria teria a ver com a habilidade do enunciador de convencer. A produção autoral consiste em dar voz ao outro, princípio que depois Foucault retoma ao tratar da heterogeneidade discursiva no princípio autoral. Pelo viés da Retórica, é um processo heterogêneo de seleção e modo de apresentação do outro para conferir verdade/autenticidade e, a esse processo, dá-se o nome de *retorno*. O *retorno*, como parte constitutiva da autoria, retoma, muda e amplia discursos de um *autor fundamental* (p.23).

Nesse sentido, a autoria é a forma de tratamento (decoro) dos discursos que retomam, sempre, elementos e lugares comuns, que é mediada por autores, mas regida por normas retóricas e gêneros prescritivos. Isto é, a autoria está ligada à habilidade de usar gêneros prescritivos como modelo de propagação de um discurso tornando-o verossímil e nada tem a ver com uma originalidade inata de quem enuncia: a autoria é uma virtude (cf. HANSEN, 1992).

Já em relação ao século XX, Hansen (1992) pontua “a destruição da presença”, isto é, a crítica literária dos anos 60 e 70 “opõe-se radicalmente a ‘criação’ e anula o *autor* como subjetividade na obra” (p.29). Nessa tradição, a *escritura*

designa uma atividade de transformação textual que, como o desejo, não tem fim: processo contínuo, propõe-se a apagar toda origem; nela, o “eu” é efeito, parecendo apenas como suposto pela pluralidade de intervenções móveis que não cessam de transformar-se, enquanto o antigo sujeito da criação, assassinado, desaparece substituído pela forma pronominal de um “tu”, destinatário-leitor investido de função autoral produtiva. (HANSEN, 1992, p.30)

A “morte do autor”, de que fala Barthes (1988 *apud* HANSEN, 1992), é devido ao fato de não haver um sentido imutável da verdade e, sendo assim, não é possível entender a autoria como sendo um processo de ditar e/ou emular verdades, mas há, sim, uma descoberta da verdade pelo leitor, a quem é atribuída a tarefa de interpretar e dar sentido ao texto.

Por fim, Hansen (1992) retoma as propostas de Foucault em seu texto *O que é um autor?*, publicado em 1969, em que a noção de *autor* vai ser compreendida como sendo uma *função*, ou seja, a *função-autor* vai funcionar como sendo uma função classificatória que “agrupa e delimita textos, exclui discursos, opõe-nos entre si, estabelece filiações, etc” (p.35). O nome do autor indicaria, também, o modo de ser do discurso, quando se diz que algo “foi escrito por” alguém implica em entender as especificidades no modo como o discurso foi recebido e repetido.

Conforme destaca Maingueneau (2010), essa discussão tem se desenvolvido há muito tempo no campo dos estudos literários, mas denuncia que, em *Análise do Discurso* (doravante AD), há uma tendência a esquivar da questão. Contudo, ao considerar um texto como “uma unidade à qual se costuma associar uma posição de autor, mesmo que esta última não tome a forma de um indivíduo único, em carne e osso, dotado de um estado civil”, Maingueneau (2010) entende que a AD pode trabalhar a noção de forma discursiva, uma vez que, sendo uma disciplina que se engaja em analisar questões além da divisão texto e contexto, encontra na categoria *autor* um hibridismo que implica o texto, a forma de materialização discursiva e um mundo do qual emerge esse texto.

Assim como Hansen (1992), que faz uma busca etimológica da palavra *autor*, Maingueneau (2010), em seu texto *A noção de autor em análise do discurso*, faz um levantamento dos usos do termo *autor* e ressalta que, apesar de a atribuição de um autor ser, geralmente, a enunciados escritos, entretanto, atenta-se para o fato de que a noção de autor não é exclusiva a enunciados, como nos exemplos que o analista levanta: não se diz *autor do carro*, porém, é possível dizer *autor da agressão*. Há a possibilidade, também, de entender *autor* como responsável por um ato linguístico, como um juiz que é *autor de uma sentença* (p.27).

Mas a problemática que Maingueneau (2010) encontra ao tratar a noção parte de duas acepções de *autor*: a de um estatuto social; ou a de que, independentemente do estatuto social, sejam “criadores singulares, originais”.

Partindo dessas considerações, Maingueneau (2010) elenca três possíveis dimensões de compreensão da noção de autor, sendo elas: (i) a de *fiador*<sup>7</sup>; (ii) a de *autor-ator*; e (iii) a de *auctor*. Há uma gradação entre essas dimensões, em que *fiador* seria o menor e *auctor* o mais alto grau.

---

<sup>7</sup> A tradução desse termo é imprecisa, pois aparece tanto como *fiador*, quanto como *autor-responsável* e *autor-garante*. Optamos por *fiador*, considerando que é um conceito estabilizado e que diz respeito ao caráter e à corporalidade que funciona como uma *voz* do enunciadador (MAINGUENEAU, 2008, p.64-65).

Considerar o autor como um *fiador* implica em entendê-lo como uma instância que se responsabiliza por um texto, seja ele anônimo ou pseudônimo. É uma instância que não é nem o enunciador nem o produtor em carne e osso, mas a quem a responsabilidade é atribuída: um texto pode ser assinado pelo diretor de uma empresa, tanto sendo seu nome ou apenas “O Diretor” ou “A Direção”. Pode ser, também, uma instituição, uma empresa, uma associação, membros de um grupo específico (“ONU”, “Grupo Estado”), enfim, trata-se da instância que aparece como uma permutadora.

Sobre a dimensão *autor-ator* temos: “um estatuto socialmente identificado a que se agregam determinadas representações estereotipadas historicamente variáveis. O autor entra em redes, tem relações com editores etc” (MAINGUENEAU, 2010, p.142). O autor deve gerar seus produtos e gerir sua trajetória. Maingueneau (2010) ressalta que a essa dimensão ser autor não é necessariamente a profissão desse candidato a autor, “alguém pode ser engenheiro e publicar paralelamente coletâneas de poesias” (p.30).

Enfim, a última dimensão elencada, *auctor*, refere-se ao autor que apresenta relação com uma obra: “sua função não consiste em responder por um texto singular, mas por um agrupamento de textos referidos a uma entidade que é identificável que até pertence ao *Thesaurus* literário, quando alcança notoriedade” (MAINGUENEAU, 2010, p.142).

Tendo em conta tais dimensões, Maingueneau (2010) coloca que atingir um estatuto de *auctor* implica várias etapas de emergência e que veremos na sequência.

O primeiro estágio diria respeito a uma auctoridade “dispersa”, um produtor se responsabiliza pela produção de textos dispersos advindas de atividade verbais rotineiras, sendo um dos exemplos elencados por Maingueneau (2010) o de um jornalista que assina notícias de fatos diversos. Os textos deste jornalista podem ser reunidos em uma coletânea, sendo que essa reunião pode ser feita tanto pelo próprio autor quanto por um terceiro. Essa seria uma segunda etapa no sentido de consagrar-se como *auctor* (cf. MAINGUENEAU, 2010).

Com efeito, essa reunião já o atribui o estatuto de *auctor*, mas a consagração, o reconhecimento desse estatuto é pleno após inserido numa rede de pessoas outras que atuam como mediadores. A depender da rede de contatos deste autor, o grau de *auctoridade* pode ter um nível alto ou baixo. Maingueneau (2010) aponta, ainda, que o grau de auctoridade pode atingir maior prestígio quando alguns textos que inicialmente não se destinaram para publicação e, em algum momento, são publicados por uma decisão editorial.

A partir de tais considerações, a noção de autoria que assumiremos neste texto se baseia nessas três dimensões elencadas por Maingueneau (2006; 2010) – *fiador*, *autor-ator*

e *auctor* – entendendo-as como uma lógica de funcionamento produtivo para o *cópus* selecionado para esta pesquisa.

Observemos, então, nos textos que compõe o *cópus* desta pesquisa: de saída podemos identificar um *fiador* dos textos que são assinados por Tutty Vasques, nome que, embora não possa ser ligado a um indivíduo com estado civil<sup>8</sup>, se torna uma rubrica de responsabilidade sobre textos que publica. No blog, inclusive, essa informação de responsabilidade conferida ao autor é dada em toda postagem (figura 1.1)<sup>9</sup>, uma vez que é um espaço relacionado ao nome do jornal, que, apesar de impor implicitamente algumas restrições, não se responsabiliza, como instituição, pelo conteúdo enunciado.

Figura 1.1 Postagem no blog *TuttyHumor*: *má notícia é a maior diversão* 7 out. 2014

Fonte: Blog *TuttyHumor*<sup>10</sup>

No exemplo acima, a responsabilidade só é destacada para fins judiciais, ou seja, é considerado o autor dotado de um estado civil sujeito a responder publicamente e

<sup>8</sup> A questão será abordada na seção seguinte (ver p.35).

<sup>9</sup> Optamos por apresentar os textos em forma de imagens, capturas de telas das plataformas em que os textos foram publicados.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/de-bracada/>>. Acesso em: 6 jul. 2015.

judicialmente por sua produção, mas assinar os textos implica, também responsabilizar-se no nível da enunciação.

Mesmo na coluna ou na sua conta do *Twitter*, ainda que não tenha essa indicação clara de responsabilidade, a assinatura no final da coluna (figura 1.2) ou o nome do perfil no *Twitter* (figura 1.3) são atribuídos à uma instância autoral responsável pelos textos. Não podemos desconsiderar que, no caso do *Twitter*, não há a regulação institucional do *Estado de S. Paulo*, o que parece que conferir diferentes níveis de responsabilidade sobre os textos.

Figura 1.2 Coluna *Tutty Humor* 7 out. 2014

**TUTTY HUMOR**  
tuttyvasques@estadao.com.br

**Por que me ufano das urnas eletrônicas**

**T**eorias conspiratórias sobre a violabilidade do sistema à parte, o Brasil é cada vez mais reconhecido lá fora como o país das urnas eletrônicas. Apesar das tentativas oficiais de criar um problema para resolver outro que não existe com a identificação do eleitor pelas digitais, a velocidade na apuração dos votos no domingo passado poupou muito 'especialista' por aí de quebrar a cara com prognósticos equivocados na TV. A rapidez com que os resultados iam sendo divulga-

dos pelo TSE não deixava muito tempo para especulações na maior parte das vezes desnecessárias ou tendenciosas.

O Brasil promove a maior eleição informatizada do mundo sem choro nem vela dos derrotados nas urnas. Quem viveu a era da contabilidade das cédulas nos dias seguintes ao pleito sabe o tamanho do avanço. Não me lembro de progresso maior em nenhuma outra área de excelência brasileira reconhecida lá fora. Nem a Bruna Marquezine deu tão certo nesses últimos 18 anos de votação eletrônica no País!

**Boato infame**  
Não está ainda nos planos da TV Record convidar Eduardo Suplicy para a primeira edição 2015 do reality show 'A Fazenda'. E não se fala mais nisso, ok?

**Ponto zero**  
Com menos de 650 mil votos, Eduardo Jorge não se elegeria presidente nem se computados apenas os votos dos maconheiros de SP. Parece que muita gente não lembrou o número do candidato na hora de votar!

**Reta final**  
Felipe Massa pode ficar careca primeiro que Rubinho Barrichello! O piloto da Williams está prestes a ultrapassar seu colega da Stock Car!

**Custo/benefício**  
Na expectativa de, na melhor das hipóteses, receber 150 mil turistas para o GP do Brasil de Fórmula-1, a prefeitura de São Paulo vai investir R\$ 41,6 milhões

em Interlagos. Dá mais ou menos R\$ 280 por visitante estimado. Faz sentido pra você?

**Tudo a ver**  
Jô Soares comparou dia desses Marisa Orth com Sammy Davis Jr.! O bigodinho, então, é igual!

**Biometria aloprada**  
Pelo caos nos postos de votação que identificavam o eleitor pela impressão digital, a oposição está convencida de que tem dedo do PT na urna biométrica.

**Perguntar não ofende**  
Se é possível votar só com a identidade, pra que serve a carteirinha do título de eleitor?

estadao.com.br  
**Tutty Vasques**  
escreve todos os dias no portal e de terça a sábado neste caderno

Fonte: Coluna *Tutty Humor*<sup>11</sup>

Figura 1.3 Tweet @tuttyvasques 7 out. 2014

**Tutty Vasques**  
@tuttyvasques

Seguindo

Buscando apoio da Dilma para o 2º turno no Rio, Marcelo Crivella batizou a possível aliança com a presidente de "Dilmela"! Que nojo, né não?

RETWEETS 12 CURTIDAS 6

14:52 - 7 de out de 2014

12 6

Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20141007-44184-nac-34-cd2-c4-not/>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/519545695997792256>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

Entendendo que o nome *Tutty Vasques* firma responsabilidade sobre os textos, examinemos a atribuição desse jornalista ao estatuto de *autor-ator* e/ou *auctor*. Se considerarmos apenas o material coletado da coluna e do blog ao nome Tutty Vasques não pode ser atribuída a dimensão de autor-ator, uma vez que a produção nesses meios não implica intermediários que fazem o trabalho de autenticação (editores, tipógrafos, imprensa) e não se configura por si só, pela sua distribuição, num *Opus* de um autor e, apenas, se relaciona à fonte produtora vista como jornalista/colunista/humorista. Entretanto, em sua conta no *Twitter*, encontramos casos em que o próprio autor se coloca como um auto gestor ao utilizar a conta para replicar suas publicações no blog, e, ainda, podemos observar que há leitores que replicam seus textos e até mesmo outros escritores que têm certa fama, como caso do jornalista Xico Sá, que curte (figura 1.4) e retweeta/compartilha (figura 1.5) algumas das postagens de Tutty Vasques.

**Figura 1.4** Tweet @tuttyvasques 6 dez. 2014



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>13</sup>

**Figura 1.5** Tweet @tuttyvasques 4 dez. 2014



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>14</sup>

Importante acentuar que, sobre a publicação na internet e a possibilidade de constituição de um ser autoral, Maingueneau (2010) mostra que, num primeiro momento, alçar

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/541252326745706497>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/540516541599862784>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

a essa condição via internet parece ser possível, já que um blog, por exemplo, reúne a produção de um indivíduo que assina por esses textos que têm em si um caráter de singularidade, uma vez que produzidos a partir de pontos de vistas pessoais que se moldam em gêneros canônicos que autenticam a produção autoral.

Todavia, o mídiuim, que no caso é a internet, ao mesmo tempo que parece permitir alcançar o estatuto de *auctor*, incute problemas que vão de encontro à noção que se tem de consagração autoral relacionada à raridade. A facilidade na publicação e distribuição faz com que o autor assuma o papel de criador e mediador de uma obra, mas a ele cabe a constante tarefa de manutenção e inovação de seu espaço de divulgação, pois, diferentemente do livro, que não sofre muitas alterações entre edições, o blog torna-se obsoleto se não mantiver o ritmo imposto pela própria dinâmica da internet. Maingueneau (2010) destaca que, mesmo que traga algumas dificuldades na consagração do autor, a “internet condiciona tanto a fabricação do livro como sua difusão” (p.45).

Essa lógica de que a internet dispõe de condições para a consagração autoral parece ser aplicável, no caso em estudo, uma vez que o livro *Ô, raça!* reúne 15 anos de produção de Tutty Vasques na internet, ou seja, a internet como reguladora de uma produção e, também, como propulsora da existência do livro. Entretanto, não podemos desconsiderar o fato de que a internet influenciou na escrita de Tutty Vasques, se tornando mais do que uma reguladora no sentido da distribuição, mas da produção textual em si: se comparados os textos do início da carreira de Tutty Vasques com os de 2015, observamos uma mudança no gênero e no volume de publicações, pois, antes, escrevia textos longos que ocupavam toda a coluna e, por fim, passou a escrever textos curtos característicos de uma geração de microtextos.

Neste livro, inclusive, temos um caso interessante: trata-se de um compilado de textos publicados na internet e assinados por Tutty Vasques durante quinze anos de sua carreira, no entanto, a seleção e organização é atribuída a Fábio Rodrigues e a ficha catalográfica apresenta Alfredo Ribeiro, ortônimo<sup>15</sup> de Tutty Vasques, como sendo o autor do livro. Todavia, considerando que o *fiador* se responsabiliza pela enunciação, Tutty Vasques é o fiador do livro e Fábio Rodrigues e Alfredo Ribeiro se tornam responsáveis no nível de oficialização da produção e, também, pela publicação e questões jurídicas implicadas, a quem é atribuído o *Copyright* (figura 1.4).

Ainda em relação ao livro, temos dois *auctores*: Tutty Vasques e Fábio Rodrigues. O primeiro é o *auctor* reconhecido e com produção passível de ser compilada por

---

<sup>15</sup> Sobre a questão da heteronímia neste caso, ver p.35.

terceiros, o segundo é o *auctor* do livro, conhecedor de Tutty Vasques e detentor de condições de seleção e organização da obra.

**Figura 1.6** Digitalização da Capa e da Ficha Catalográfica do livro *Ô, raça! má notícia é a maior diversão: o humor de Tutty Vasques na internet*



Fonte: Ribeiro (2015a)

Para mais, *Ô, raça!* não é o único assinado por Tutty Vasques: em 1988, o jornalista publicou *Nem tutty é verdade.*, pela Editora Nova Fronteira, que reúne algumas de suas crônicas de costume. Logo, se o livro legitima um autor, com a publicação de dois livros, podemos entender Tutty Vasques como um *auctor*, ou, pelo menos, como um “*auctor* em ascensão”.

As categorias levantadas por Maingueneau (2010) nos parecem produtivas por permitir uma análise inicial do material coletado, indicando que é possível atribuir a este jornalista/humorista um estatuto de *auctor*. A partir disso, proporemos, na próxima seção, pensar a noção de autoria como uma *paratopia* (MAINGUENEAU, 2006; 2010).

*acerca da paratopia criadora*

Acabamos de ver que a noção de *autoria* suscita questionamentos sobre o que é, afinal, um autor e como ele se constitui, discussão recorrente no campo dos estudos literários. Atentando aos três usos distintos ligados ao termo *autor* elencados por Maingueneau (2010), seja qual for a dimensão dessa noção (*fiador, autor-ator* ou *auctor*), parece-nos interessante pensar a noção de autoria como uma *paratopia*.

Se toda paratopia minimamente expressa o pertencimento e o não pertencimento, a impossível inclusão em uma “topia”, podemos classificar os tipos de paratopia que um produtor de discurso constituinte é suscetível de explorar. A paratopia pode assumir a forma de alguém que *se encontra em um lugar que não é o seu*, de alguém que *se desloca de um lugar para outro sem se fixar*, de alguém que *não encontra um lugar*; a paratopia afasta esse alguém de um grupo (paratopia de *identidade*), de um lugar (paratopia *espacial*) ou de um momento (paratopia *temporal*). Acrescentem-se, ainda, as paratopias *linguísticas*, cruciais para o discurso literário, que caracteriza aquele que enuncia em uma língua considerada como não sendo, de certo modo, sua língua. (MAINGUENEAU, 2010, p.161, grifos originais)

A proposta conceitual de *paratopia criadora*, desenvolvida em Maingueneau (2006), que parte de um escopo literário, mas pode ser produtiva para analisar materializações de outros discursos que não o literário, propõe que entendamos a noção de autor como sendo uma forjadura de uma dinâmica entre três instâncias no processo de criação e gestão de uma unidade autoral, ou seja, aquele “que faz surgir, que produz” ao mesmo tempo “que faz crescer”, uma entidade produtora correlata de uma obra. Retomando os vários significados da palavra autor, elencados por Hansen (1992), a definição de autor como sendo o que faz crescer e surgir nos parece válida, pois assumiremos a autoria como esse processo de produção e gestão, em que “fazer uma obra é, num só movimento, produzi-la e construir por esse mesmo ato as condições que permitem produzir essa obra” (MAINGUENEAU, 2006, p.109).

As três instâncias que constituem um autor são: *pessoa, escritor e inscritor*, não necessariamente observados nessa ordem, pois nenhuma deve ser entendida como “fundamento ou pivô” desse funcionamento (cf. MAINGUENEAU, 2006; 2010). Ao considerar esse conceito, as relações entre escritor e sociedade, escritor e obra e a obra e a sociedade podem ser situadas.

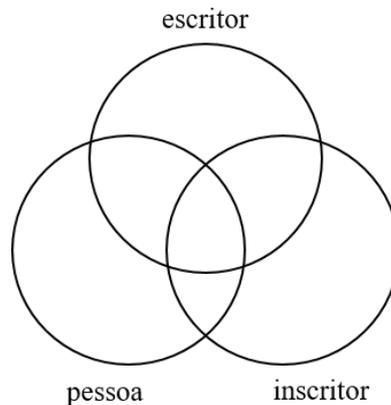
Cada uma das instâncias características da autoria de que fala Maingueneau (2006, 2010) implicam aspectos diferentes: por instância *pessoa*, entende-se o indivíduo dotado de um estado civil e fora da criação literária, passível de uma biografia. No nosso caso, em que apontaremos certas dificuldades ao tentar delimitar os dados em relação a essa instância,

teremos dados recuperáveis do histórico biográfico de Alfredo Ribeiro e outros alguns textos como elemento de composição da instância *pessoa*.

Quanto à instância *escritor*, tem a ver com a circulação e propagação da obra, como esse autor atua no campo em que produz. A essa instância estão ligadas as formas de se apresentar e de como é falado, se é um autor que só tem obras publicadas por ele ou se figura em outras obras de compilações, se assina prefácios ou se é prefaciado e por quem é prefaciado. E, enfim, a instância *inscritor*, a que se correlaciona a enunciação e ao agenciamento do texto.

Assim como dissemos, as instâncias ligadas à noção de paratopia não podem ser consideradas isoladamente, sendo que seu entrelaçamento pode ser compreendido como um nó borromeano, como ilustra a figura abaixo.

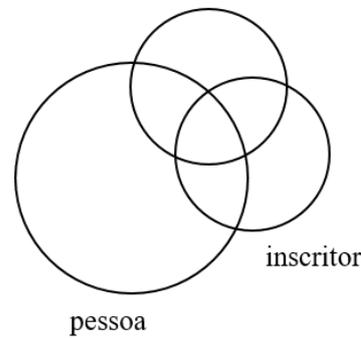
**Figura 1.7** Nó borromeano das instâncias da paratopia criadora



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Maingueneau (2006)

Salgado (2016), a respeito desse funcionamento, propõe que, por mais que indissociáveis, as características de uma instância podem se sobressair em relação às outras: “são instâncias que se conjugam assimetricamente, conforme os espaços, campos e arquivos se articulam” (SALGADO, 2016, p.8). Ou seja, no caso de um autor que se consagra antes por seu estatuto social prévio do que pela sua produção propriamente dita, a instância pessoa teria maior relevância, o que resultaria, mais ou menos, no seguinte esquema:

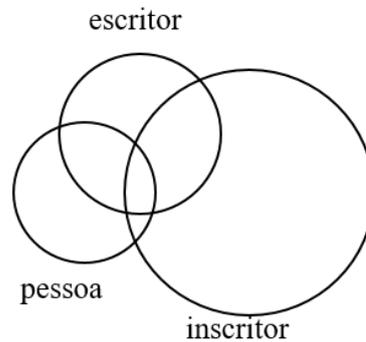
**Figura 1.8** Nó borromeano das instâncias da paratopia criadora de autor que se consagra antes pelo seu estatuto social



Fonte: Salgado (2016)

Ou, ainda para exemplificar essa interdependência das instâncias, mas essa não estabilidade, Salgado (2016) elenca um possível caso de um escritor estreante, cuja obra é mais conhecida do que o escritor ou sua vida, resultado esquema seguinte.

**Figura 1.9** Nó borromeano das instâncias da paratopia criadora de um autor estreante



Fonte: Salgado (2016)

Por mais que uma dessas instâncias possa ter uma dimensão maior do que as outras, é importante entender que são, ainda, indissociáveis e interdependentes. Isto é, as outras instâncias continuam regulando o processo criador autoral. Por uma questão de organização do texto, e por nos parecer uma divisão oportuna, o texto segue dividido em subseções que trataram separadamente os aspectos relacionados às três instâncias em relação ao nosso objeto de estudo.

*a paratopia criadora de Tutty Vasques*

*instância pessoa: imbricações entre Tutty Vasques e Alfredo Ribeiro*

Como vimos, a instância *pessoa* “refere-se ao indivíduo dotado de um estado civil, uma vida privada” (MAINGUENEAU, 2006, p.136), ou seja, a biografia conhecida do autor ou as informações obtidas após um levantamento. Essas informações podem ser encontradas nos paratextos, prefácios, resenhas de quarta capa, orelhas de livro, ou com fácil acesso na rede através de sites de busca.

No caso da análise proposta, observaremos certa “nebulosidade” na tentativa de conseguirmos descrever essa instância, pois teríamos de traçar um repertório relacionado a Tutty Vasques. No entanto, de saída, temos um problema: ao nome *Tutty Vasques* são atribuídos os textos que apresentamos no decorrer deste trabalho, mas a este nome não são dispostos dados biográficos que não os dados intimamente associados a seu ortônimo, Alfredo Ribeiro de Barros ou, como mais comumente referido, Alfredo Ribeiro.

Nas prévias do lançamento do livro *Ô, raça!*, a editora responsável pela publicação (Editora Apicuri) publicou em seu site um texto intitulado *Quem afinal é Tutty Vasques?*<sup>16</sup>, texto a que não é atribuída nenhuma autoria principal, mas que mescla um trecho introdutório em terceira pessoa e o restante do texto em primeira pessoa, na voz de Alfredo Ribeiro. Vejamos:

*Ô, raça!*, o livro que traz os melhores **textos de Tutty Vasques**, chega às livrarias em novembro. Resultado de um árduo trabalho de pesquisa e edição do humor que o **autor** pratica diariamente em diversos portais de informação e redes sociais da internet, sempre sob a retranca “Má notícia é a maior diversão”, a obra apresenta um estilo que não poupa ninguém. Confira abaixo quem afinal está por trás dessa figura topetuda de aparência tão afiada quanto o seu sarcasmo. (Editora Apicuri, 2015, grifos nossos)

Esse trecho introduz o livro, apontando para o fato de se tratar de um reunido de textos do autor, e Tutty Vasques como sendo um autor cujo estilo “não poupa ninguém”, com “aparência tão afiada quanto o seu sarcasmo”. O texto que segue está na primeira pessoa, de onde é possível retirar informações que podem ser pertinentes ao que estamos considerando instância *pessoa*, uma vez que Alfredo Ribeiro reconta sua trajetória e introduz o surgimento de Tutty Vasques. Partiremos desse texto para esta sondagem, mas veremos que, em algum ponto, as histórias não são sobrepostas, mas amalgamadas: “**Eu** nasci Alfredo, tijuicano e ainda

<sup>16</sup> O texto na íntegra está anexado ao final (anexo 1).

por cima vascaíno em meados dos anos 50, filho de uma família de portugueses da saga que trouxe o bar da esquina para o Rio de Janeiro.” (RIBEIRO, 2015b).

Alfredo Ribeiro é carioca, nascido nos anos 1950 em uma família portuguesa. Morador do Bairro da Tijuca, bairro de classe média alta, pai de três filhos, uma filha do casamento com a atriz Guida Vianna e dois filhos gêmeos do segundo casamento com a fotógrafa Ana Stewart, e estudou jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ durante período de regime ditatorial militar.

**Estudei** sempre em escolas públicas, **fui** adolescente no AI-5 e **precisei** me decidir por alguma profissão em pleno governo Médici, auge da ditadura militar. **Escolhi** o jornalismo por causa de um vizinho que me apresentou a sua turma da Eco, a Escola de Comunicação da UFRJ. Eram todos cabeludos, de esquerda ou desbundados, o que na época pegava superbem. **Entrei** para a Eco em nonagésimo oitavo lugar entre 100 classificados e lá encontrei outros malucos, muitos inteiramente numa boa, alguns com pressa de ingressar no mercado de trabalho pela brecha da inércia sindical em tempos de regime militar.

**Entrei** numa redação, a do finado Diário de Notícias, pela primeira vez aos 19 anos. De lá, **emendei** estágios no Jornal dos Sports – **cobri** o glorioso São Cristóvão do Fio Maravilha – e na Rádio Jornal do Brasil, onde **comecei** a aprender jornalismo sério com Ana Maria Machado. (RIBEIRO, 2015b, grifos nossos)

E a trajetória segue, mas por vias diferentes:

Seis anos depois, repórter especial e pauteiro da rádio, **enchi** o saco do que estava fazendo e **abri** um bar.

O Cilada – Bar do Alfredo – era vizinho do Antonio’s, no Leblon, e reuniu alguns dos bêbados mais badalados da cidade nas madrugadas entre fevereiro de 1981 e fevereiro de 1982. Já estava quase virando um deles quando **saí** pela porta dos fundos para fazer teatro. **Produzi** a peça Serafim Ponte Grande, de Oswald de Andrade, com adaptação do Alex Polari, direção de Buza Ferraz, o maior fracasso da história do Teatro Villalobos. Quando entrou 1983, estava desempregado e com uma filha – Júlia cresceu na barriga da mãe (a atriz Guida Vianna) em cima do palco – por nascer em abril. **Fui** ganhar dinheiro com... cinema. **Trabalhei** um ano lançando filmes brasileiros com o gigante do Marco Aurélio Marcondes (quem é do ramo sabe de quem estou falando), de Memórias do Cárcere a Garota Dourada. (RIBEIRO, 2015b, grifos nossos)

Retoma, em 1985, a vida de repórter trabalhando na *Folha de S. Paulo*, no Rio de Janeiro. Em 1986 tornou-se subeditor das revistas *Programa* e *Domingo*. Surge, nesse momento, Tutty Vasques: “Foi aí que **nasceu** o Tutty Vasques, cronista de humor que **passou** a dividir corpo com Alfredo Ribeiro, logo depois editor, junto com Joaquim Ferreira dos Santos, das duas revistas do *JB*” (RIBEIRO, 2015). Juntos – Alfredo e Tutty – trabalharam no *Informes JB*, assumiram, junto com Flávio Pinheiro, a revista *Veja Rio*, com colaborações na *Veja-mãe*.

**Fomos** – Alfredo e Tutty –, sob os auspícios de Marcos Sá Corrêa, cobrir a Copa da Itália, **voltamos** direto para a reportagem política (era ano eleitoral), **fizemos** trio com Ancelmo Gois no Informe JB. Em 1991, **saímos** para criar com Flávio Pinheiro a *Veja Rio*. Cronista e editor passaram cinco anos na Abril, sempre acumulando colaborações com a *Veja-mãe* de Mario Sergio Conti. **Entramos** para o quadro restrito de editores-executivos da empresa, até que, em 1996, o JB dirigido por Marcelo Pontes me ofereceu um caminhão de dinheiro para ser Tutty Vasques na vida. Com dois filhos

gêmeos (Antônio e Francisco) recém-nascidos do casamento com a fotógrafa Ana Stewart, **aceitei**, menos pela grana do que pela aventura (já estava de saco cheio de ser Alfredo).

Foram três anos em que o prazer de ser Tutty compensou até os atrasos de salários. Depois de colaborações com *Bundas* e *Contigo* (pode?), **fui** refazer a vida, decidido a ganhá-la à custa do Tutty. Em janeiro de 2001, ganhei coluna na revista *Época* convidado por Augusto Nunes e, convocado por Marcos Sá Corrêa, **integrei** a turma de jornalistas que fundou o site *NO. – Notícia e Opinião*. (RIBEIRO, 2015b, grifos nossos)

Em 1996, Alfredo Ribeiro aceitou a proposta do *Jornal Brasil (JB)* de assumir de vez a identidade Tutty Vasques, o que “afasta” Alfredo Ribeiro de cena. Assim sendo, engrenou trabalhos de colaboração nas revistas *Bundas* e *Contigo*, começou a escrever numa coluna na revista *Época* e passou a integrar o grupo de fundadores do site *NO. – Notícia e Opinião*, que sucumbiu à ambição de seus criadores.

Investe, em 2002, no projeto *NoMínimo*, encabeçado por um grupo de resistentes ao fim de *NO.*, em busca conjunta de criação de um veículo alternativo ao que se dá nome de grande imprensa. Nessa empreitada, Alfredo Ribeiro reaparece:

**Voltei** a ser Alfredo Ribeiro desesperadamente, **dobrei** a produção do Tutty, trabalhava 16 horas por dia, mas quem liga para isso quando se é jovem? **Manteve** duas colunas em *NoMínimo* (uma diária de notas, outra semanal de crônica) e na revista *Veja-Rio* (em rodízio com Manoel Carlos). **Assinei** uma coluna diária no jornal *Lance* durante a Copa do Mundo de 2006 e os Jogos Pan-Americanos de 2007. (RIBEIRO, 2015b, grifos nossos)

Marcamos nos excertos acima alguns verbos que indicam na tessitura do texto as imbricações entre Alfredo Ribeiro e Tutty Vasques: ora em primeira pessoa do singular, assumindo a voz de Alfredo (“**Eu** nasci Alfredo”, “**Estudei** sempre em escolas públicas, **fui** adolescente no AI-5 e **precisei** me decidir por alguma profissão em pleno governo Médici”, “**Escolhi** o jornalismo por causa de um vizinho”, “**Entrei** numa redação”, “**enchi** o saco do que estava fazendo e **abri** um bar”), ora em primeira pessoa do plural, quando Alfredo mostra como Alfredo e Tutty trabalhavam juntos (“**Fomos** – Alfredo e Tutty”, “**fizemos** trio com Ancelmo Gois”, “**Entramos** para o quadro restrito de editores”).

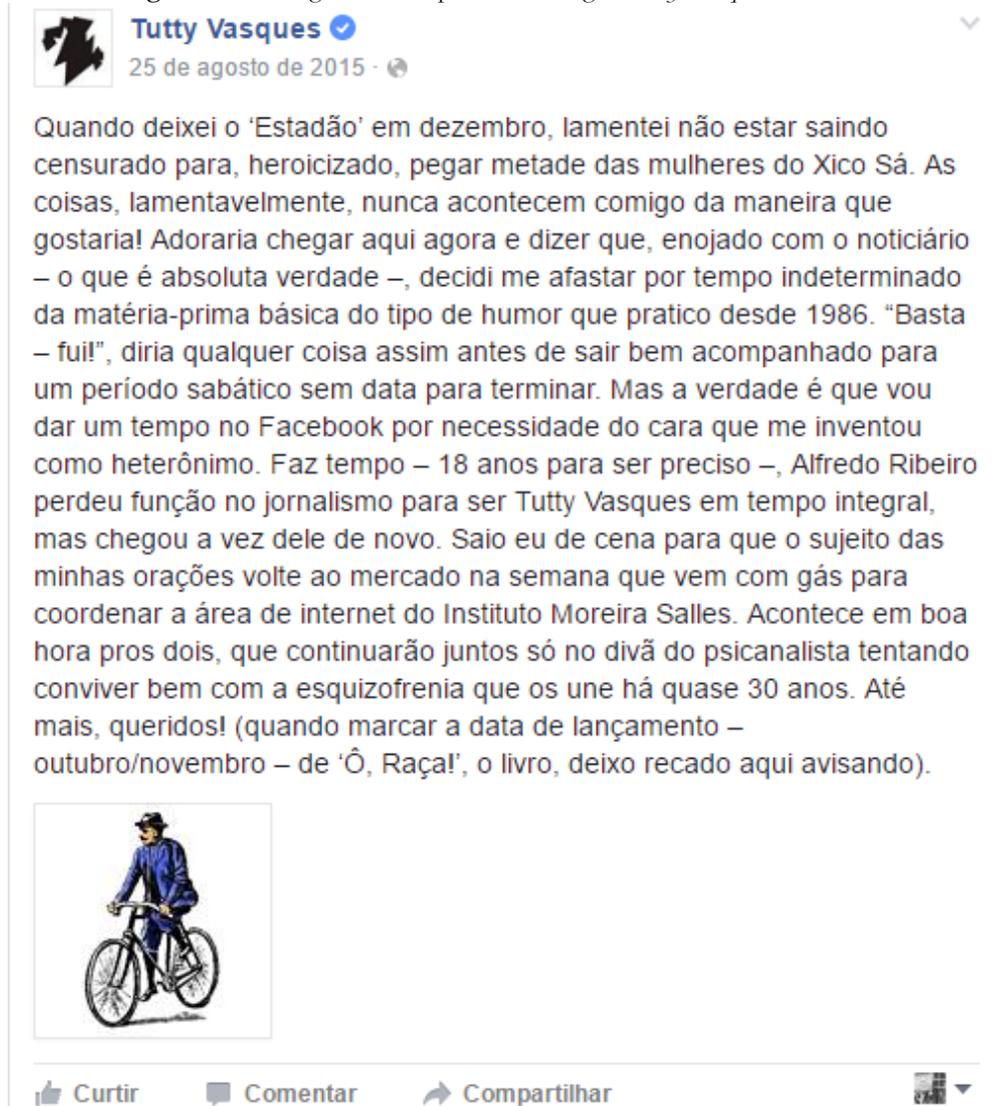
Ainda, há casos em que Tutty Vasques é tido como uma terceira pessoa: “edição do humor que **o autor** pratica diariamente”; “**Manteve** duas colunas em *NoMínimo*”. Nesse último caso, Alfredo marca a independência entre Tutty e ele, demarcando que seriam de fato duas pessoas distintas, apesar de trabalharem juntos.

Após o fim de *NoMínimo*, em 2007, seguiu para o quadro de colunistas d’*O Estado de S. Paulo*, escrevendo, como Tutty Vasques, nas colunas *Metrópole*, *Aliás* e *Caderno2*, deste foram coletados os textos que compõem o cópulus desta pesquisa. Juntamente às publicações na coluna, um blog (*Tutty Humor: má notícia é a maior diversão*) no *Portal*

*Estadão* era mantido com publicações tanto dos textos que iam para a coluna quanto de outros que figuravam apenas por esse canal e, paralelamente, mantinha uma conta no *Twitter*, canal por onde também publicava a maioria dos textos do blog e que utilizava para direcionar os leitores ao seu blog.

Em 2014, sai do *Estadão* e, em 2015, após o término da edição do livro *Ô, raça!*, Tutty decide deixar todo o espaço para Alfredo. A decisão foi divulgada numa postagem feita em sua página no *Facebook*, página criada após sua saída do *Estadão*, no dia 25 de agosto de 2015, alguns meses antes da publicação do livro (figura 1.8). Nesse texto, é possível observar, mais uma vez, as dificuldades de se definir Tutty Vasques e Alfredo Ribeiro.

Figura 1.10 Postagem de “despedida” na Página Tutty Vasques no Facebook



Fonte: Página Tutty Vasques<sup>17</sup> no Facebook

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/V6OYgG>>. Acesso em: 6 jul. 2015.

No texto acima, a primeira pessoa do singular é a voz de Tutty Vasques (“Quando **deixei** o Estadão”, “**Lamentei** não estar sendo censurado”, “Mas a verdade é que **eu vou** dar um tempo), mas há, ainda, duas terceiras pessoas: Alfredo (“por necessidade do cara que me inventou como heterônimo”) e o próprio Tutty, numa mistura de vozes de primeira e terceira pessoas, como em: “Alfredo Ribeiro perdeu função no jornalismo para ser **Tutty Vasques**”, “**Saio eu** de cena para que o sujeito das **minhas** orações volte”, “Acontece em boa hora **pros dois**, que **continuarão** juntos só no divã do psicanalista tentando conviver bem com a esquizofrenia que **os** une há quase 30 anos”

Entretanto, mesmo com essa despedida, Tutty Vasques ainda continua publicando na mesma página onde se despediu: “[...] chamado para coordenar a área de Internet do Instituto Moreira Salles, começamos – Alfredo e Tutty - em setembro de 2015 uma tentativa de virarmos uma mesma entidade. Tem sido divertido e, como sempre, trabalhoso”.

O histórico acima levantado nos mostra que é preciso entender esses dois nomes – Tutty Vasques e Alfredo Ribeiro – imbricados, numa narrativa construída pelo próprio autor. Mas essa narrativa cheia de imbricações é também contada por terceiros que, ao tentar definir quem é Tutty Vasques, encontram um solo fértil de indefinições.

Poderíamos, para fins classificatórios, nos valer da noção de *ortonímia* e *heteronímia*, o que impõe, ainda assim, algumas questões. Por *heterônimos* entendem-se os autores fictícios dotados de personalidades própria, individualidades essas que não a de seus *ortônimos*. Estes, se referem aos indivíduos de existência real, a quem são atribuídas as criações dos heterônimos. Nessa lógica, o nome *Tutty Vasques*, considerado um heterônimo, deveria suscitar informações suficientes para um levantamento biográfico constituidor da instância *pessoa*. Todavia, como dito anteriormente, essas informações só se bastam quando são sobrepostas às de *Alfredo Ribeiro*.

A noção de *pseudonímia* parece resolver um pouco a questão da classificação, uma vez que se trata de nomes fictícios usados como alternativa ao nome real do autor, mas aponta outro imbróglio: a um pseudônimo não são atribuídas características pessoais próprias nem um histórico de localização social. Talvez fosse possível observá-lo apenas pelas vias da instância *inscritor*, porque seria apenas em relação aos textos que poderíamos tomar conhecimento do autor.

Zuenir Ventura, no prefácio do livro *Nem tutty é verdade.*, destaca:

Muitos garantem que o Tutty são muitos, tal a variedade de personalidades que o cronista encerra. É possível, mas é mais provável que Tutty não seja um *pseudo-nimo*, mas um *hetero-nimo*, alguém que, como os personagens que ele cria, ganhou identidade própria, autonomia, para viver entre a realidade e a ficção. Nem tutty é verdade. (In: VASQUES, 1988, p.5, grifos originais)

Consideraremos a condição de heterônimo de Alfredo Ribeiro, informação que é dada na orelha do livro *Ô, raça!* onde temos uma breve biografia de Tutty Vasques, resolvendo nosso impasse quanto à classificação, mas é preciso que consideremos o entrelaçamento biográfico entre Tutty Vasques e Alfredo Ribeiro.

Vejamos os dados dispostos nessa pequena biografia que aparece na orelha do livro acima mencionado:

Tutty Vasques é heterônimo de Alfredo Ribeiro, 61 anos, repórter e editor já com 12 anos de experiência em redações como a do *Jornal do Brasil* e a da *Folha de S. Paulo* quando, em 1986, encomendou ao artista gráfico Pojucan a figura topetuda que daria vida a um novo articulista de humor na chamada grande imprensa. Ambos – Alfredo e Tutty – surgiram em épocas diferentes do finado ‘JB’. Depois seguiram juntos, cada um com seu cada qual, para a *Veja-Rio* (1991/96), passaram incólumes pela *Vejona*, mas, desde 1997, a criatura aposentou seu criador, seguindo carreira solo pelas páginas dos jornais, revistas e sites relacionados na apresentação que o autor faz de *Ô, raça!* na abertura deste livro. No momento, setembro de 2015, o pai da criança está voltando à cena profissional assinando como Alfredo Ribeiro a edição de internet do Instituto Moreira Salles. O Tutty está deixando a roda viva das colunas diárias e nem do Facebook quer saber mais. Ninguém aguenta ler tanta notícia! Terminou esta coletânea decidido a encarar o ócio de um período sabático. Deixou mensagem no WhatsApp de quem o inventou: “Fui!”  
Filho é assim mesmo! (RIBEIRO, 2015, grifos originais)

Da forma em que são informados os dados do autor no excerto acima, podemos observar a dependência vital intrínseca entre Tutty e Alfredo. Essa relação é vista, também, como um caso de personalidade dupla, como podemos ver no editorial abaixo (figura 1.9), mesmo que não seja um caso simples de dupla personalidade.

Figura 1.11 Carta ao leitor: O editor de dupla personalidade<sup>18</sup>

**CARTA AO LEITOR**

## O editor de dupla personalidade

**Alfredo Ribeiro** é múltiplo de dois. Suas duas encarnações — a de jornalista e a de cronista — convivem sem problemas. A da certidão de batismo nasceu há 39 anos na Tijuca, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, e exerce a profissão de jornalista há duas décadas. A do cronista, tirada de sua costela há sete anos, tem vida própria: atende pelo nome de **Tutty Vasques**, um anárquico observador da cena carioca nascido no remoto subúrbio do Encantado. Alfredo e Tutty trabalham juntos há dois anos na *Veja Rio*, edição regional de VEJA. O jornalista é editor da *Vejinha* carioca, em que concebe, edita e escreve reportagens de capa. As aparições do cronista têm duas versões: semanalmente, a coluna Vale Tutty atira para todos os lados pílulas de mordacidade e maledicência, e a cada quinze dias **Tutty Vasques** assina a crônica da última página da revista.

Não se trata de um caso clássico de dupla personalidade, como o do médico e o monstro. Alfredo Ribeiro e **Tutty Vasques** têm um forte laço comum — o humor. Tutty é sempre mais escrachado — “Gente, o Zetti, o Cafu, o Branco!”, disparou recentemente, em plena novela do chá de coca na seleção. Alfredo Ribeiro é mais sutil. Usa o humor como arma para tornar compreensível o que parece ininteligível. Desprezou os hermetismos de Gerald Thomas, mestre do teatro do incompreensível, para mostrá-lo numa reportagem como divertido, louco e provocador.

Nesses dois anos, Alfredo Ribeiro também vem fazendo reportagens para VEJA. Como fino observador da alma feminina compôs, por exemplo, os perfis da atriz Cláudia Abreu e da colunista Danuza Leão. Foi nessa qualidade que saiu no encaixo de Vera Fischer para retratar a formidável trajetória da deslumbrante quarentona das passarelas de concurso de miss para o estrelato na minissérie *Agosto*. Foram três semanas de sedução para dobrar as resistências da atriz, que tem a pachorra de se achar bochechuda, grandalhona e gorda. Podem ler a reportagem de capa tranquilamente na página 90. Alfredo Ribeiro manteve intactas as suas convicções acerca da beleza e do talento de Vera Fischer.

**Alfredo “Tutty” Ribeiro: jornalista e cronista**

Capa: foto de Paulo Jares

Fonte: *Acervo Digital Revista Veja*<sup>19</sup>

Considerando a data da publicação, até tal momento não era possível tratar do caso como uma personalidade dupla, nem muito menos entender *Tutty Vasques* e *Alfredo Ribeiro* como duas rubricas que estabelecem modos distintos de existir, uma vez tendo no humor um laço que os mantém bem próximos: a própria legenda da foto do editorial - “Alfredo ‘Tutty’ Ribeiro” – indica esse desdobramento.

Ainda sobre o histórico biográfico da instância pessoa, não somente os textos escritos pelo próprio autor contribuem para a construção de uma dada biografia, mas também as informações dadas por terceiros e que contribuem efetivamente para essa construção. No caso de Tutty Vaques, a irresolução acerca dessa narração de vida é endossada quando tanto

<sup>18</sup> Os grifos no texto são automáticos da busca pelo termo “Tutty Vasques” na plataforma do acervo digital da revista, não se tratam de destaques nossos.

<sup>19</sup> Acervo Digital Revista Veja. 1.303, ano 26, n.35, 1 set. 1993. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/complemento/acervodigital/index-novo-acervo.html>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

Zuenir Ventura quanto Artur Xexéo, no prefácio de *Nem tutty é verdade.*, contam como conheceram Tutty.

Xexéo elabora um texto (figura 1.10) que reconta, a cada parágrafo, várias formas de como conheceu Tutty Vasques. Em seu primeiro parágrafo introduz da seguinte maneira:

Conheci Tutty Vasques ainda adolescente. Ele ajudava o pai atendendo na caixa de um velho armazém de secos e molhados que a família mantém há décadas no Encantado. Ali, ágil, esperto, fazendo contas, conferindo o troco, já se podia vislumbrar seu brilhante futuro jornalístico. Nas contas de somar e subtrair seu estilo era inconfundível. Ao manipular o teclado da máquina registradora, já se sentia o ritmo que mais tarde empregaria na velha Olivetti Tropical que sempre o acompanha como uma arma contra a mediocridade. Jamais esquecerei Tutty, o balconista, defensor das minorias, terror dos incompetentes. (In: VASQUES, 1988, p.4)

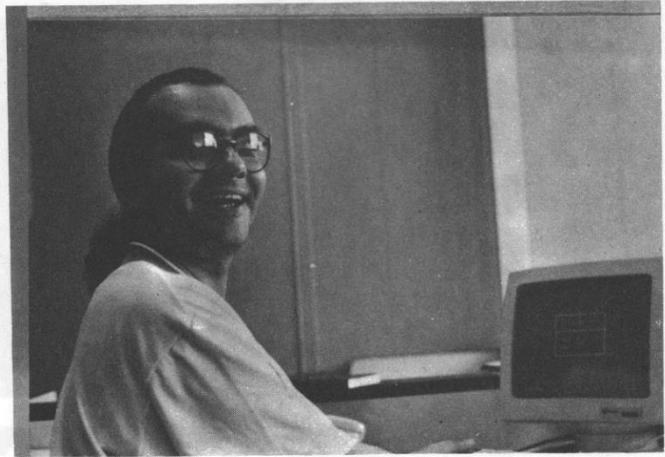
Na sequência, no segundo parágrafo, coloca:

Conheci Tutty Vasques logo que saiu de uma escola de comunicação clandestina em Del Castilho. Ainda de calças curtas, ele apareceu na redação do Sunday Magazine que, na época, estava sob minha direção. Confiei no seu taco. A primeira reportagem que lhe foi pautada era um comício promovido pelo Partido Verde no Jardim Botânico. Tutty teve uma indigestão de bolinho de gergelim mas, mesmo assim completou sua matéria. (In: VASQUES, 1988, p.4)

Lembrando que, no prefácio de Zuenir Ventura, essa (im)possível definição (pseudônimo ou heterônimo) também está posta: “é mais provável que Tutty não seja um *pseudo-nimo*, mas um *hetero-nimo*” (In: VASQUES, 1988, p.5, grifos originais).

Em ambos prefácios fica claro que, ao menos à altura do lançamento do livro *Nem tutty é verdade.*, Tutty Vasques já tinha um espaço de circulação constituído meio a essa dubiedade. Até mesmo o trocadilho feito por Ventura, “Nem Tutty é verdade”, em que ele coloca “Tutty” com letra inicial caixa alta ao invés de caixa baixa, como é no título do livro (que já é um trocadilho entre “tudo” e “tutty”, “nem tudo é verdade”), põe em relevo a “veracidade” da existência civil de Tutty Vasques.

Figura 1.12 Prefácio de Artur Xexéo em *Nem tutty é verdade*.



ARTUR XEXÉO é editor do Caderno B do JORNAL DO BRASIL e foi editor da revista DOMINGO quando Tutty Vasques estreou como colunista.

Conheci Tutty Vasques ainda adolescente. Ele ajudava o pai atendendo na caixa de um velho armazém de secos e molhados que a família mantém há décadas no Encantado. Ali, ágil, esperto, fazendo contas, conferindo o troco, já se podia vislumbrar seu brilhante futuro jornalístico. Nas contas de somar e subtrair seu estilo era inconfundível. Ao manipular o teclado da máquina registradora, já se sentia o ritmo que mais tarde empregaria na velha Olivetti Tropical que sempre o acompanha como uma arma contra a mediocridade. Jamais esquecerei Tutty, o balconista, defensor das minorias, terror dos incompetentes.

Conheci Tutty Vasques logo que saí de uma escola de comunicação clandestina em Del Castilho. Ainda de calças curtas, ele apareceu na redação do *Sunday Magazine* que, na época, estava sob minha direção. Confiei no seu tacco. A primeira reportagem que lhe foi pauta era um comício promovido pelo Partido Verde no Jardim Botânico. Tutty teve uma indigestão de bolinho de gergelim mas, mesmo assim, completou sua matéria. Impecável. Naquelas desprezenciosas 60 linhas já estava o estilo do jornalista que mais tarde iria se destacar na defesa de prostitutas, *junkies* e eleitores de Álvaro Valle. Tutty nunca me enganou. Sob aquelas calças curtas pulsava, latejante, o espírito do cronista experiente que hoje faz escola.

Nunca conheci Tutty Vasques. Ou alguém ainda acredita que aquela página semanal do mais famoso fanzine do Rio

de Janeiro é feita por uma só pessoa? Tutty não existe. Geralmente, o primeiro parágrafo de sua crônica é escrito por Anselmo Góis, o redator do Informe JB, que aproveita para publicar tudo que o Marcos Sá Correa veta em sua coluna. O segundo parágrafo, quase sempre, é feito por Villas Boas Correa que comete as análises políticas que não tem coragem de publicar sob seu nome verdadeiro. Um revezamento entre um contínuo do setor de despachos do JB e um garçom do Baixo Faro completa o terceiro parágrafo. O final da crônica é escrito por quem estiver mais perto na hora do fechamento.

É fácil identificar Tutty Vasques. Ele usa saia justa, batom roxo e rímel cor de violeta. Seus cabelos são longos e louros. É isso mesmo. Tutty Vasques é, literalmente, uma moça. Até ser descoberta pela grande imprensa, ela perdia seu tempo assinando uma coluna de etiqueta social num vespertino carioca. Nunca foi ao Crepúsculo de Cubatão, detesta música punk e vota no PMDB. Seu livro de cabeceira é *Fernão Capelo Gaivota*, é fã de Fábio Júnior, tem um poster do Maurício Mattar em cima da cama e, acredite, usa Crest.

É uma bobagem tentar apresentar Tutty Vasques nesta altura do campeonato. Nestes quase três anos de coluna semanal, todo mundo já sabe que ele é o melhor cronista deste Rio de Janeiro de fim de século. No futuro, se alguém tiver o desprazer de pesquisar como foram os anos estilizados desta década sem graça, a colônia do Tutty se-

rá material indispensável. Alias, a coluna do Tutty ainda consegue dar alguma graça a estes 80. Recuperando o humor para este balneário triste, *Domingo sem lei* entrega a hipocrisia, o mau caratismo, o *vale tudo* deste país sem perder a pose de ácido cronista de costumes.

Não vou dizer quem é Tutty Vasques. Até porque, não quero desfazer o engano que muita gente comete pensando que Tutty sou eu. Este engano me abre portas, me dispara olhares de inveja, me faz ouvir declarações de admiração. Morro de orgulho. Que o Tutty tenha vida longa. O Brasil precisa.

*Anselmo Góis*

Ainda no livro *Nem tutty é verdade.*, o próprio Tutty Vasques reconta alguns trechos de sua biografia na introdução que faz ao livro:

“Encantado!” Declarei à mocinha do Departamento Pessoal do JB. Encantado é o bairro carioca que me criou. [...] Fui contratado. De lá pra cá, minha vida profissional tem sido uma sucessão de mal-entendidos. [...] Passei meses nesse barato off-off-press nas minhas cult-laudas. Pós-moderno, pós-pós, pós-tátá, albarde, doidão e o escambau. [...] Eu cruzava os becos de buzunga, roncava no circular das almas. Virei um press-boy do office-lead. (VASQUES, 1998, p.12)

Interessante pensar nessa classificação que Tutty se dá – “press-boy” – ou seja, um jornaleiro de rua, que anuncia as manchetes do dia. O trabalho de Tutty Vasques tem realmente um caráter emergencial de atualização daquilo que tem de mais novo, uma das características de sua produção já na “era internet”, que se assemelha muito com o trabalho desse jornaleiro que anuncia as notícias, além de jornalista, que as reporta.

O histórico acima aponta dados que delimitam a posição de Tutty Vasques e Alfredo Ribeiro como sendo, os dois, jornalistas tijuicanos que se valem do humor como base fundamental de suas produções. Os dados, que parecem ser oficialmente de Alfredo, se mesclam com uma narrativa biográfica de Tutty Vasques criando uma relação estreita de quase unicidade, que confirma as dificuldades de delimitação clara apontadas no começo da subseção. Podemos, ainda, dizer que, considerando os dados acima, Alfredo Ribeiro seja entendido como quem dá a base jornalística a Tutty Vasques que, por sua vez, assume essa dupla função jornalista/humorista.

*instância escritor: o jornalista/humorista*

Com base nessa definição *jornalista/humorista*, vejamos a segunda instância do modelo de paratopia criadora, a do *escritor*. A essa instância estão ligadas questões de gerenciamento e circulação da produção do autor, se é um autor citado, resenhado, que circula pela rede que estabelece, ou se é passível de compilação e comentários de terceiros.

O *escritor* é alguém que não tem um lugar/uma razão de ser (nos dois sentidos da locução) e que deve construir o território por meio dessa falha. (...) alguém cuja enunciação se constitui através da própria impossibilidade de atribuir a si um verdadeiro lugar, que alimenta sua criação do caráter radicalmente problemático de seu próprio pertencimento ao campo literário e a sociedade. (MAINGUENEAU, 2006, p.108, grifos originais)

Proporemos aqui uma adaptação desta instância para *instância jornalista/humorista*. Esse ajustamento se justifica pelo seguinte: a proposta de Maingueneau (2006) parte de um escopo literário, mas sempre que se pensa a em autor, pensa-se em *autor de*

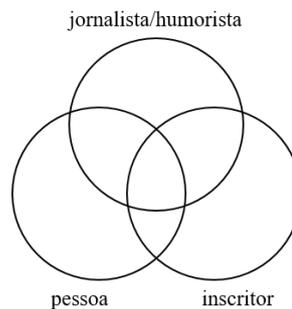
*alguma coisa* e, se se pensa em *autor de* uma tese, de um folheto informativo, de um artigo, etc. (cf. SALGADO, 2016, p.8), certamente, as condições que regulam os funcionamentos são diferentes.

Quando Maingueneau (2006) propõe a instância *escritor*, pensa como sendo o “ator que define uma trajetória na instituição literária [...] ator do espaço literário” (p.136), ou seja, é a figura pública a que se atribui uma identidade criadora. Para exemplificar na literatura, vejamos o caso de Clarice Lispector. Temos, em relação a ela, tanto a pessoa Clarice Lispector, jornalista ucraniana e naturalizada brasileira, casada e mãe de dois filhos, quanto a escritora Clarice Lispector, leitora de Virginia Woolf, Jean-Paul Sartre, Marcel Proust e Franz Kafka, escritora de uma série de livros, responsável por colunas de jornais dedicadas ao público feminino.

No caso de Tutty Vasques, vimos as imbricações entre Tutty Vasques e Alfredo Ribeiro ao tentar delimitar o que seria a pessoa Tutty Vasques. Entretanto, ao pensar nessa segunda instância, a do escritor, é possível uma balizagem, uma vez que Tutty Vasques tem um lugar considerado no campo do jornalismo e, não só, mas também por se assumir humorista dentro do campo. Certamente, ser um escritor e ser um jornalista/humorista tem suas diferenças, uma vez que são diferentes as vias que possibilitam um estabelecimento dessas instâncias.

No caso de Tutty Vasques, a própria instância em questão é paratópica uma vez que se estabelece majoritariamente no campo jornalístico, tem influência do campo humorístico e acaba, ainda, por circular no campo literário, quando, por exemplo, uma crônica sua está elencada numa coletânea das cem melhores crônicas brasileiras.

**Figura 1.13** Adaptação do nó borromeano das instâncias da paratopia criadora



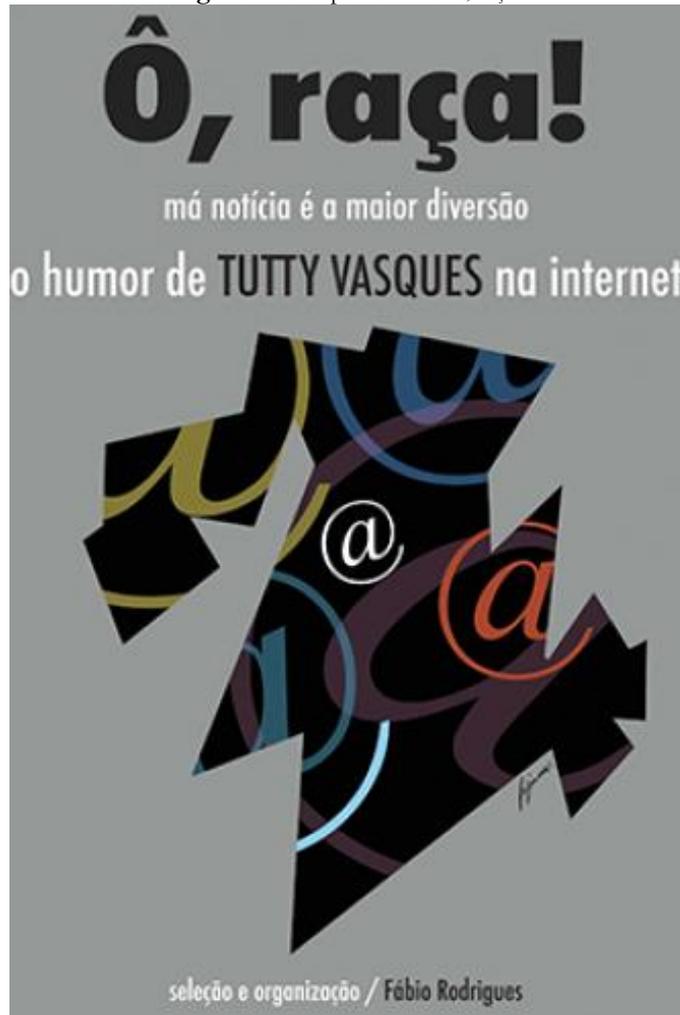
Fonte: Elaborado pelo próprio autor, com base em Maingueneau (2006)

O livro *Ô, raça!*, por exemplo, está relacionado a essa instância, pois a atribuição de identidade criadora está diretamente ligada a Tutty Vasques jornalista/humorista e não a pessoa Tutty Vasques. Publicado pela Editora Apicuri, reúne textos do autor que circularam na internet, sendo selecionados e organizados pelo jornalista Fábio Rodrigues. Trata-se de uma

coletânea de textos dos quinze últimos anos de produção em relação à publicação deste livro, que foi em novembro de 2015.

Com uma capa (figura 1.14) impressa em papel cartão Triplex 250g/m<sup>2</sup>, e em papel Pólen Soft 70g/m<sup>2</sup>, utilizando as fontes Quadraat e Futura, nas dimensões 16x23cm, à capa a ilustração de Pojucan que delinea a imagem que ilustra Tutty Vasques.

Figura 1.14 Capa do livro *Ô, raça!*



Fonte: Ribeiro (2015a)

A divisão do livro, ilustrada na figura 1.15, consiste em três partes: (i) *Fatos Irrelevantes*; que traz um compilado de microtextos publicados entre 2001 e 2015 (ii) *Diário de Bordo*, com os textos mais longos que mencionamos; e (iii) *Retratos Falados*, seção que reúne textos que o jornalista fez sobre celebridades e pessoas que conheceu pela sua trajetória.

Figura 1.15 Sumário do livro *Ó, raça!*



|                              |
|------------------------------|
| VII APRESENTAÇÃO             |
| <b>11 FATOS IRRELEVANTES</b> |
| <b>127 DIÁRIO DE BORDO</b>   |
| <b>291 RETRATOS FALADOS</b>  |
| 349 ÍNDICE ONOMÁSTICO        |

Fonte: Ribeiro (2015a)

Os textos da primeira parte do livro são os que reúnem, com alguma coincidência, os que foram coletados da coluna, do blog e do *Twitter*. No livro, são distribuídos como fatos (*fatos irrelevantes que marcaram [...]*), o que não deixam de ser, mas ao atribuir a estes textos uma noção de compilado de fatos, apesar de a seção se subdividir na ordem dos anos (figura 1.16), a noção cronológica dos fatos parece se perder um pouco, pois são apresentados como um todo dividido em anos e em forma de tópicos que pontuam fatos e não como textos únicos, como publicados originalmente.

Numa comparação dos textos da seção de 2014 (*Brasileiro imaginou de tudo na Copa, menos o 7 a 1*) com os textos coletados para o *cópus*, é possível perceber que apesar de a maioria dos textos estar disposta em ordem cronológica crescente, há textos dispersos e que quebram a ordem original de publicação na coluna, blog e *Twitter*, que têm um caráter periódico.

Figura 1.16 Miolo do livro *Ô, raça!* (p.10 e p.107)



Fonte: Ribeiro (2015a)

Há, também, *Nem tutty é verdade.*, livro que foi publicado em edição especial pela Editora Nova Fronteira, em 1988. Neste livro, também ilustrado por Pojucan, reúnem-se textos publicados entre 15 de junho de 1986 e 10 de outubro de 1988, na *Revista Domingo* e no *Jornal Brasil*. Diferentemente de *Ô, raça!* que inicia-se com um apresentação de Tutty Vasques à coletânea, *Nem tutty é verdade.* é prefaciado por Artur Xexéo, editor do *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, e por Zuenir Ventura, editor do *Caderno B Especial* do *Jornal do Brasil*.

Trata-se de um livro que tem um formato que tenta imitar um jornal, com papéis no tamanho *US Letter* (21,5cmx27,9cm), e que foi impresso nas oficinas gráficas da Editora Vozes Ltda, com papel fornecido pelo editor. É um livro que tem uma capa interessante em conjunto com a quarta capa, formando uma imagem espelhada e que reforça essa noção do duplo (mas que é heterônimo e/ou pseudônimo), retomando a ideia de uma instância pessoa com difícil delimitação e emula mesmo a ideia de Tutty Vasques mais como um reflexo projetado de um construto Tutty Vasques.

Figura 1.17 Livro *Nem tutty é verdade*.



Fonte: *Pojucan*

O prefácio de Zuenir Ventura contribui na construção de uma narrativa do jornalista/humorista Tutty Vasques, ainda que tenhamos traços que delineiam a instância pessoa, vejamos na figura a seguir (1.18):

Figura 1.18 Prefácio de Zuenir Ventura em *Nem tutty é verdade*.



ZUENIR VENTURA é editor do Caderno B Especial do JORNAL DO BRASIL e foi responsável pela reformulação editorial da revista DOMINGO.

**S**e eu tivesse que apontar algo de novo no jornalismo dos anos 80, não teria dúvida em indicar logo, pela sua originalidade, o cronista Tutty Vasques. “Ele é muito engraçado”, resmunga Rubem Braga, cujo mau humor, como se sabe, é muito exigente. Não é difícil entender a admiração do Grão Mestre da crônica por esse seu mais novo discípulo. O *Sabiá*, o fundador do gênero no Brasil, na sua forma moderna, pode ver no Tutty alguém que procura continuar a tradição sem copiá-la, renovando-a à sua maneira. Por tudo isso, fica complicado definir esse que já foi definido como “o inventor do jornalismo de invenção”.

Tutty é realmente muito engraçado, mas é mais do que isso. Ele é um inventor, mas não só isso. Um humorista? Também. Nele tudo passa pelo humor — passa, mas não fica. O riso é um caminho, mais do que uma chegada; é meio, não finalidade.

Quando Tutty surgiu, há três anos, muitos apostaram que ele não ia sobreviver por muito tempo, não ia agüentar o pique. Apresentavam-se várias razões. Ele é muito hermético, diziam uns, ninguém entende. Talvez a primeira originalidade do cronista tenha sido justamente esta. Intolerante com tudo aquilo que pareça ditadura, ele rejeitou desde o começo a tirania da clareza — aquela que fala sempre em nome do leitor para justificar a mediocridade: “O leitor não vai entender.” Tutty rompeu com este dogma, transformando o enigma em uma das atrações da sua coluna, ao

Fonte: Vasques (1988)

lado do absurdo. Alguns dos seus personagens mais constantes não são nem ilustres nem conhecidos do grande público. Quem é o Mestre Zu, o Barbudinho ou o Samurai Suzuki? Poucos conhecem e isso não tem a menor importância, porque são personagens que ele pega, recria, amplia, deforma (como se faz na caricatura) e devolve. É claro que ao passarem por esse processo que tem mais a ver com a arte do que com o jornalismo, esses personagens não são mais os mesmos do original, ainda que possam manter nome, estado civil, profissão, etc. Eles ganham uma outra vida que transcende a identidade biográfica.

Além do enigma, Tutty gosta muito do absurdo — do cotidiano e da vida política. Ligado ao que se passa em volta — do show-bizz à política — o cronista acha que o absurdo é o melhor antídoto: veneno contra veneno. O resultado, além de engraçado, é sempre um non sense crítico. “Kassia Kiss e Tônia Carero vão confessar na Delegacia de Defesa do Consumidor que não usam o shampoo Monange e muito menos o Leite de Aveia Davene.” “O Encantado vai virar município.”

O traço mais marcante porém de Tutty é a indignação ética. Jovem intelectual pós-moderno, em dia com todas as novidades culturais, o cronista, no entanto, rejeita do movimento o cinismo e a hipocrisia da moda. Como ele diz na introdução deste livro, “queria briga, polêmica, qualquer coisa que discutisse a incompetência nacional para reavaliar seus valores.”

São os únicos momentos em que ele perde o humor. Nessas horas, ele volta a ser o cidadão do Encantado. Mas em geral, Tutty é lírico como uma criança: “Não há nada nesse mundo que me faça desistir de todas as bobagens que eu planejei para a minha vida quando ainda era ingênuo.” “Eu enterrei meu tempo nas areias da Barra da Tijuca.” Mas como criança ele é também moleque e implicante. Não entende o Tutty quem não teve um irmão implicante infernizando a vida com brincadeiras irritantes. Ele é o irmão implicante da classe artística. Que o digam Marília Pêra, Arnaldo Jabor, entre tantos.

Muitos garantem que o Tutty são muitos, tal a variedade de personalidades que o cronista encerra. É possível, mas é mais provável que Tutty não seja um *pseudo*-nimo, mas um *hetero*-nimo, alguém que, como os personagens que ele cria, ganhou identidade própria, autonomia, para viver entre a realidade e a ficção. Nem Tutty é verdade.

Tutty Vasques é de fato muito engraçado — mas não só isso.

Nesse texto de Zuenir Ventura, trechos como “Se eu tivesse que apontar algo de novo no jornalismo dos anos 80, não teria dúvidas em indicar logo, pela sua originalidade, o cronista Tutty Vasques”, “é muito engraçado, mas é mais do que isso”, “Um humorista? Também”, “Tutty rompeu com este dogma, transformando o enigma em uma das atrações da

sua coluna”, dentre outros, constroem uma narrativa do escritor Tutty Vasques, ou seja, do jornalista/humorista, a pessoa pública de que se fala. Importante ressaltar que o texto de Ventura segue justamente no sentido de explicitar a difícil definição de Tutty Vasques, tratando-o como um enigma – “Além do enigma, Tutty gosta muito do absurdo”, “Muitos garantem que o Tutty são muitos”.

À época da publicação, um vídeo foi gravado sobre o livro, com entrevistas com as pessoas que estiveram no lançamento e na sessão de autógrafos. No vídeo, Márcio Garcia, ator, é o entrevistador tanto de algumas celebridades, atores e jornalistas conhecidos, quanto de envolvidos na produção do livro e leitores presente. Neste vídeo, inclusive, uma das pessoas entrevistadas é Alfredo Ribeiro (figura 1.19), mas não é apresentado como Alfredo Ribeiro, além de aparecer como figurante do vídeo (1.20).

**Figura 1.19** Captura de tela do vídeo promocional de *Nem tutty é verdade*. - o vídeo (17'34")



Fonte: Canal *Tutty Vasques* no *YouTube*<sup>20</sup>.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/0Z77cktorgg?t=17m34s>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

**Figura 1.20** Captura de tela do vídeo promocional de *Nem tutty é verdade. - o vídeo* (17'32")



Fonte: Canal *Tutty Vasques* no *YouTube*<sup>21</sup>.

Tutty Vasques pode ser encontrado, também, numa coletânea, organizada por Joaquim Ferreira dos Santos, intitulada *As cem melhores crônicas brasileiras* (figura 1.21). É uma coletânea que reúne crônicas divididas por décadas, na seção que agrega crônicas dos anos 2000, com nome de *Próxima estação, internet*, e que abre espaço possível de integrar os textos de Tutty Vasques à obra.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/0Z77cktorgg?t=17m38s>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

Figura 1.21 Digitalização da Capa e de parte do sumário do livro *As cem melhores crônicas brasileiras*

|                             |                            |                |
|-----------------------------|----------------------------|----------------|
| RUBEM BRAGA                 | LUIS FERNANDO VERISSIMO    |                |
| ANTÔNIO MARIA               | PAULO MENDES CAMPOS        |                |
| NELSON RODRIGUES            | IVAN LESSA                 | VINICIUS       |
| DE MORAES                   | CARLOS HEITOR CONY         | ZUENIR         |
| VENTURA                     | CLARICE LISPECTOR          | JOÃO UBALDO    |
| RIBEIRO                     | CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE |                |
| RACHEL DE QUEIROZ           | ALDIR BLANC                | OTTO           |
| LARA RESENDE                | ROBERTO DRUMMOND           |                |
| ARNALDO JAVOR               | <b>AS CEM MELHORES</b>     |                |
| <b>CRÔNICAS BRASILEIRAS</b> | FERNANDO                   |                |
| SABINO                      | CHICO BUARQUE              | JOSÉ CARLOS    |
| OLIVEIRA                    | MARCELO RUBENS PAIVA       | FERREIRA       |
| GULLAR                      | MOACYR SCLiar              | LYGIA FAGUNDES |
| TELLES                      | CAETANO VELOSO             | STANISLAW      |
| PONTE PRETA                 | MILLÔR FERNANDES           | MARIO          |
| PRATA                       | IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO  | Seleção:       |
| JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS | <i>K</i> OBJETIVA          |                |

|                                                      |     |
|------------------------------------------------------|-----|
| O estrangeiro .....                                  | 288 |
| <i>Arthur Dapieve</i>                                |     |
| Essa mocidade de hoje.....                           | 291 |
| <i>Marcos Rey</i>                                    |     |
| Zano .....                                           | 293 |
| <i>Otto Lara Resende</i>                             |     |
| Sexo na cabeça .....                                 | 296 |
| <i>Luis Fernando Verissimo</i>                       |     |
| Os anos 2000                                         |     |
| Próxima estação, internet                            |     |
| Amor é prosa, sexo é poesia .....                    | 301 |
| <i>Arnaldo Jabor</i>                                 |     |
| Quando as mulheres acordam .....                     | 304 |
| <i>Xico Sá</i>                                       |     |
| Receita da amante ideal .....                        | 306 |
| <i>Carlos Heitor Cony</i>                            |     |
| Dê uma chance ao ser humano .....                    | 309 |
| <i>Tutty Vasques</i>                                 |     |
| A mulher de.....                                     | 312 |
| <i>Marcelo Rubens Paiva</i>                          |     |
| Pro Bebeléu .....                                    | 317 |
| <i>André Sant'Anna</i>                               |     |
| Um casal feliz .....                                 | 320 |
| <i>Danuzia Leão</i>                                  |     |
| Pessoas habitadas .....                              | 322 |
| <i>Martha Medeiros</i>                               |     |
| Carta aberta para um amigo além-mar .....            | 324 |
| <i>João Paulo Cuenca</i>                             |     |
| Para você estar passando adiante.....                | 327 |
| <i>Ricardo Freire</i>                                |     |
| Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca..... | 329 |
| <i>Arnaldo Jabor</i>                                 |     |

Fonte: Santos (2007).

Considerando que o humorista tem uma produção que se espalha pela *web*, uma busca rápida pelo nome *Tutty Vasques* no buscador *Google* encontra aproximadamente 39.900 ocorrências, o que, certamente, não indica menções ao autor, uma vez que é um resultado que reúne, inclusive, as publicações no blog e *Twitter* do jornalista, mas um exame das primeiras páginas de resultados suscita dados dos ecos da produção de Tutty Vasques pela internet.

É possível encontrar: sua página no *Facebook* (figura 1.22), onde ainda mantém atualizações não só diárias, mas quase que constantes; outras colunas de outras revistas, assinadas por colunistas renomados, que falam de Tutty Vasques (figura 1.23); notícias sobre discussões que colocavam o humor nas crônicas (figura 1.24).

Figura 1.22 Aba “Sobre” da Página *Tutty Vasques* no *Facebook*



**Má notícia é a maior diversão**  
**Tutty Vasques** ✓  
 @tuttyvasques

Curtiu ▾ Compartilhar ...

Página inicial **Sobre** Fotos Curtidas Mais ▾

**Sobre Tutty Vasques**

**Informações da Página**

| INFORMAÇÕES DA PÁGINA |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Descrição curta       | Tutty Vasques é jornalista metido a humorista, e vice-versa.                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Declaração de autoria | O desenho topetudo de Tutty Vasques e boa parte das ilustrações desta página são de autoria do artista gráfico Pojucan.                                                                                                                                                                                                    |
| Biografia             | Nascido no 'Jornal do Brasil' dos anos 80, Tutty Vasques colaborou com as revistas 'Veja' e 'Época', entre outras. Foi sócio-fundador dos sites 'NO.' e 'NoMínimo'. Colaborou com 'O Estado de S. Paulo' de 2007 a 2014. Renova textos diariamente na internet desde 2000, estreou no Facebook dia 11 de dezembro de 2014. |
| Prêmios               | Ganhou certa vez, ainda criança, um rádio de pilha em chapinha premiada da Coca-Cola.                                                                                                                                                                                                                                      |
| Site                  | <a href="https://twitter.com/tuttyvasques">https://twitter.com/tuttyvasques</a>                                                                                                                                                                                                                                            |

Fonte: Página *Tutty Vasques*<sup>22</sup> no *Facebook*.

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/tuttyvasques/about/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

Figura 1.23 Blog *Reinaldo Azevedo*


Assine VEJA | REINALDO AZEVEDO | RADAR ON-LINE | AUGUSTO NUNES | VEJA MERCADOS | FELIPE MOURA BRASIL | NOVA TEMPORADA | CIDADES SEM FRONTEIRAS | INOVAÇÃO

/ COLUNISTAS | REINALDO AZEVEDO

**BLOG REINALDO AZEVEDO**

Blog do jornalista Reinaldo Azevedo: política, governo, PT, imprensa e cultura

**SOBRE**  
Reinaldo Azevedo, jornalista, escreve este blog desde 2006. É autor dos livros "Contra o Consenso" (Barracuda), "O País dos Petralhas I e II", "Máximas de Um País Mínimo — os três pela Editora Record — e "Objecções de um Rottweiler Amoroso" (Três Estrelas).

## OS MORTOS COM CHACOTA E OS MORTOS SEM CHACOTA

Por: Reinaldo Azevedo | 07/04/2010 às 19:43

Alfredo Ribeiro é o nome do jornalista carioca que criou o humorista Tutty Vasques, que tem uma coluna no *Estadão*. No jornal desta quarta, ele decidiu que não era o caso de fazer graça. Ao contrário. Escreveu um texto muito sério e compungido, relatando suas dificuldades com a enchente e sua memória de sucessivas tragédias. Trata-se de uma crônica a sugerir que não há muito a fazer. No Rio, a geografia obrigaria quase todo mundo a morar no morro. Lembra ainda que choveu barbaridade — em 24 horas, quase o correspondente ao que chove em um mês.

O humorista Tutty Vasques, quando escreve como Alfredo, poderia inaugurar um estilo: a "Assessoria Oficial de Imprensa com Alma Engajada".

**Seções**  
Averso do Averso  
Documentos  
Pela Web

Fonte: Blog *Reinaldo Azevedo*<sup>23</sup>.

Figura 1.24 Texto da *Revista Veja (Entretenimento)*: CCBB realiza debate sobre humor nas crônicas do País

/ ENTRETENIMENTO

## CCBB realiza debate sobre humor nas crônicas do País

21/11/2011 às 11:20 - Atualizado em 21/11/2011 às 11:30

Por AE

São Paulo - O Centro Cultural Banco do Brasil promove amanhã, a partir das 19 horas, encerrando o projeto Humor & Companhia - O Humor na Mídia e nas Artes, debate sobre o humor na crônica brasileira. Com participação dos jornalistas e cronistas Antonio Prata e Tutty Vasques, o encontro será mediado pelo editor do Caderno 2, Ubiratan Brasil e incluirá a leitura de crônicas de Prata e Vasques pelos atores Denise Weinberg e Helio Cicero. As senhas para o debate Mídia Impressa - Crônica e Humor devem ser retiradas com uma hora de antecedência, na bilheteria do CCBB (Rua Álvares Penteado, 112, tel. 3113-3651/3652). As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

Fonte: Revista *Veja (Entretenimento)*<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/os-mortos-com-chacota-e-os-mortos-sem-chacota/>>. Acesso em: 9 jul. 2016.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/ccbb-realiza-debate-sobre-humor-nas-cronicas-do-pais/>>. Acesso em: 9 jul. 2016

Os dados acima indicam pertencimento do autor numa certa rede que se identifica ou refuta sua produção, alçando-o à condição de autor ou rebaixando os posicionamentos do humorista por sua galhofa. Há recorrência, também, de sites que republicam os textos, atribuindo a devida autoria a Tutty Vasques e a fonte original, como no jornal *O Expresso* (figura 1.25):

Figura 1.25 Captura de tela do jornal *O Expresso*



“Não é o Estado que fiscaliza a imprensa, é a imprensa que fiscaliza o Estado”. Jornalista Sidnei Basile Início Sobre o jornal “O Expresso”

---

## Batom na cueca, imperdoável.

22/06/2012

tags: Erundina, Estadão, Lula, Maluf, Tutty Vasques

Tutty Vasques, na sua coluna do Estadão:

**Erundina não aceitou a marca do batom do Maluf na cueca do Lula.**

Afinal, mulher de verdade, a última, foi a Amélia, do samba de Mário Lago.

★ Curtida  
Seja o primeiro a curtir este post.

JORNAL O EXPRESSO

PESQUISAR  
type and press enter

SEGUIR BLOG VIA EMAIL  
Digite seu endereço de email para acompanhar esse blog e receber notificações de novos posts por email.

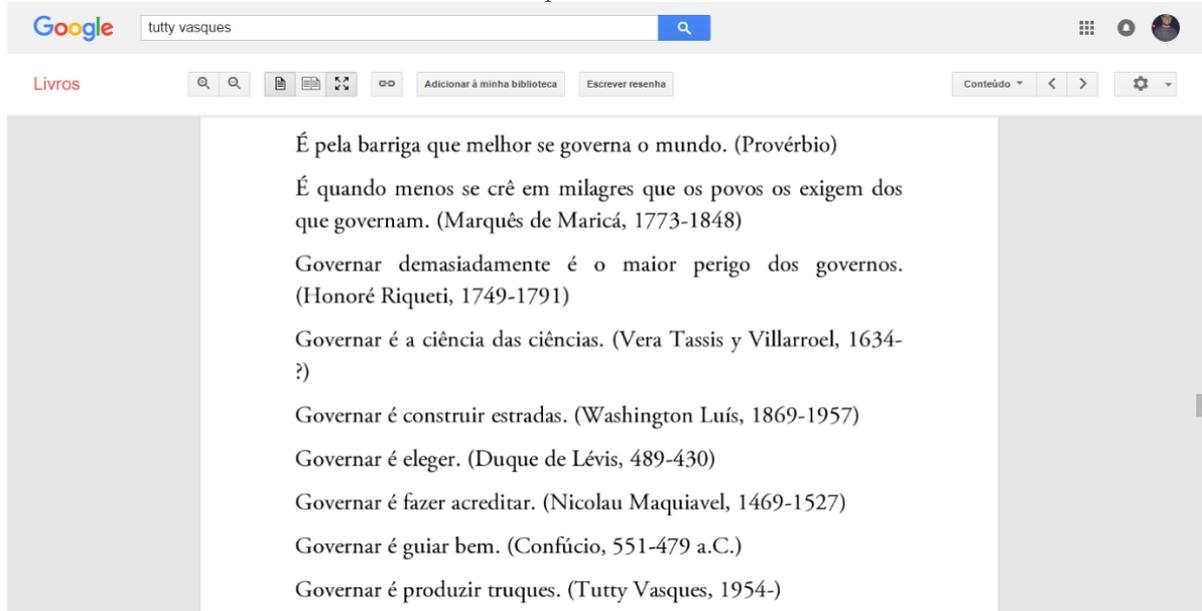
Fonte: Jornal *O Expresso*<sup>25</sup>.

Há, também, casos interessantes, como quando filtramos a busca na opção “livros”, encontramos o nome de Tutty Vasques perpassando textos de outros livros. No caso abaixo (figura 1.26), encontramos uma frase sua na coletânea *Como pensam os humanos: frases célebres*, organizado por Eduardo Vargas de Macedo Soares Filho e publicado pela Livraria e Editora Universitária de Direito Ltda. O nome aparece, também, no livro *O exercício das vozes: crônicas*, de Tânia Du Bois, publicado em 2014 pelo Projeto Passo Fundo (figura 1.27). Ambas

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://jornaloexpresso.wordpress.com/2012/06/22/batom-na-cueca-imperdoavel/>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

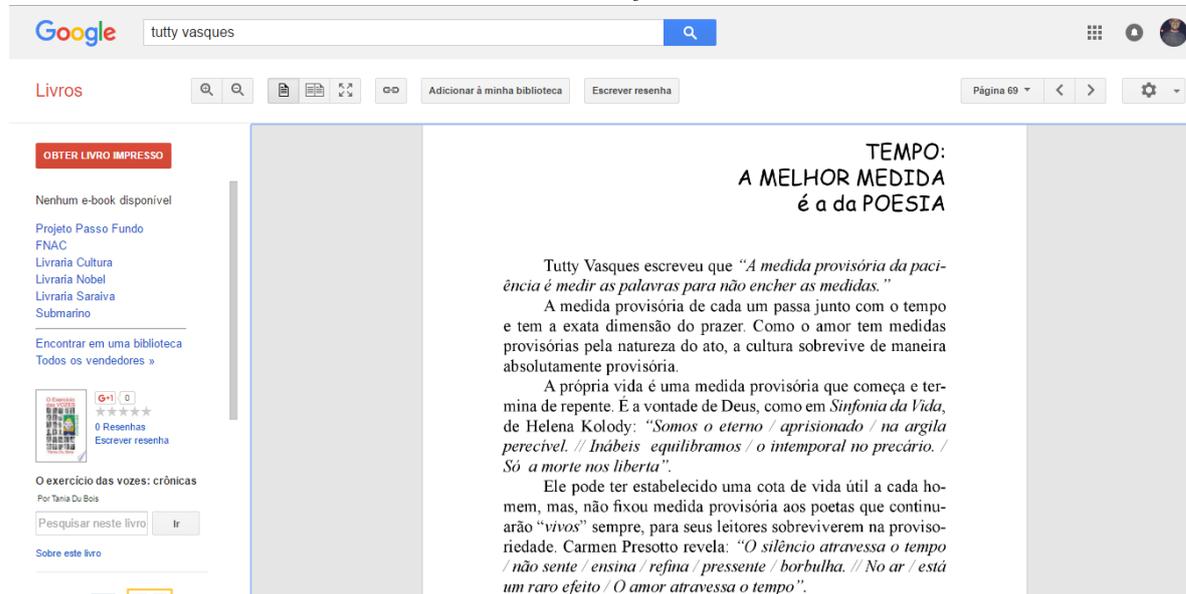
aparições destacam enunciados de Tutty Vasques como máximas norteadoras de alguma reflexão.

**Figura 1.26** Captura de tela de pesquisa pelo termo “Tutty Vasques” em Google Livros, termo encontrado no livro *Como pensam os humanos*



Fonte: *Google Livros*<sup>26</sup>

**Figura 1.27** Captura de tela de pesquisa pelo termo “Tutty Vasques” em Google Livros, termo encontrado no livro *O exercício das vozes: crônicas*



Fonte: *Google Livros*<sup>27</sup>

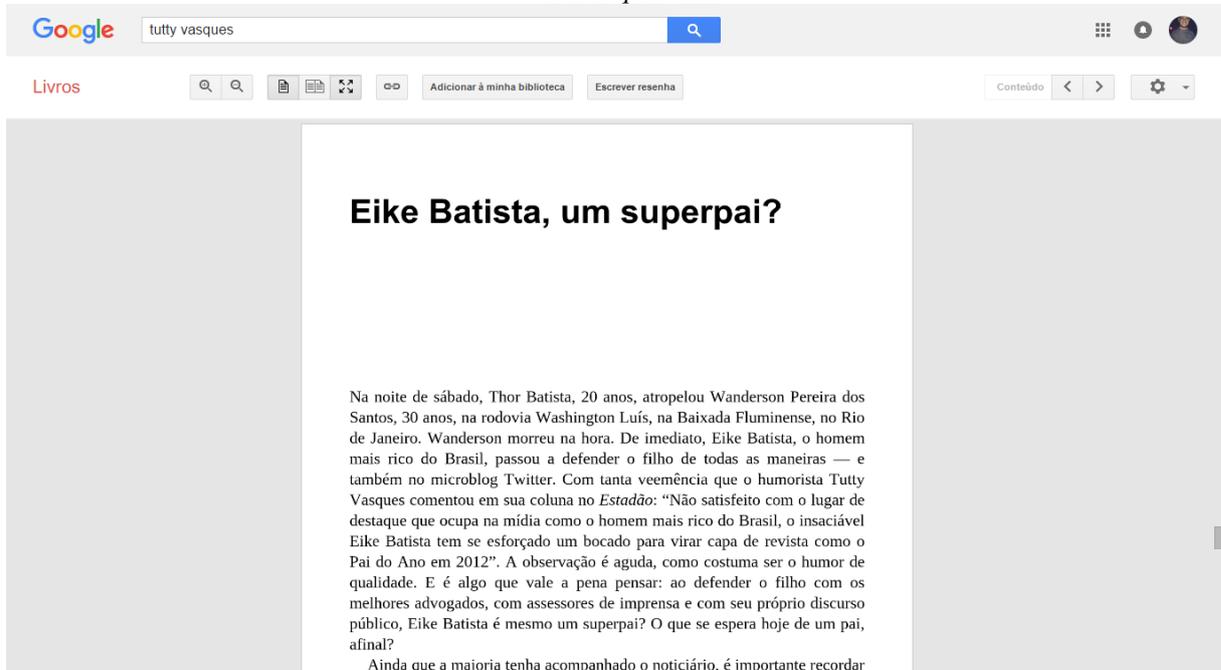
Os comentários de Tutty Vasques figuram, também, de forma a autorizar a lógica argumentativa de outros textos, como na crônica *Eike Baptista, superpai?*, de Eliane Brum,

<sup>26</sup> Disponível em: <[https://www.google.com.br/#q=tutty+vasques&tbm=bks&\\*>](https://www.google.com.br/#q=tutty+vasques&tbm=bks&*>). Acesso em: 6 jul. 2016.

<sup>27</sup> Disponível em: <[https://www.google.com.br/#q=tutty+vasques&tbm=bks&\\*>](https://www.google.com.br/#q=tutty+vasques&tbm=bks&*>). Acesso em: 6 jul. 2016.

publicada no livro *A menina quebrada*, pela Editora Arquipelago Editorial Ltda, em 2016 (figura 1.28).

**Figura 1.28** Captura de tela de pesquisa pelo termo “Tutty Vasques” em Google Livros, termo encontrado no livro *A menina quebrada*

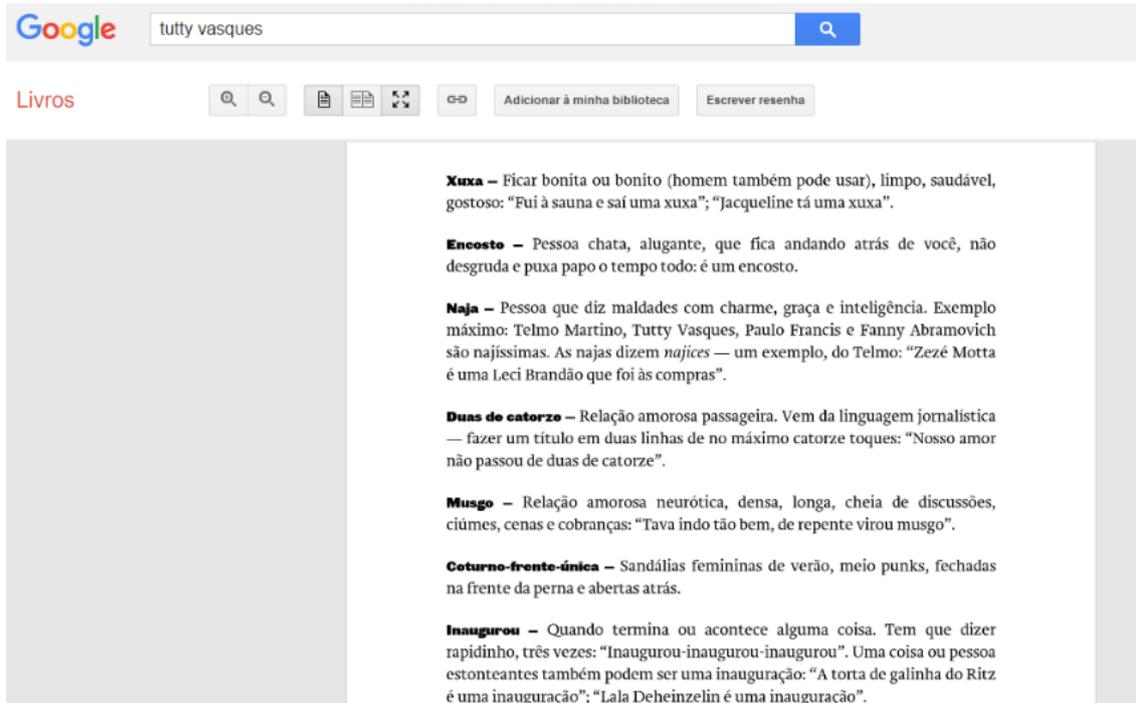


Fonte: *Google Livros*<sup>28</sup>

Tutty Vasques aparece, ainda, em um livro de Caio Fernando de Abreu, *A vida gritando em cantos: crônicas inéditas em livro (1986-1996)*, pela Editora Nova Fronteira (figura 1.27). No livro há uma seção intitulada *Nem só de Aurelião...* em que há uma série de definições de palavras, numa cenografia que emula um dicionário. No caso, Tutty Vasques aparece como exemplo do verbete *naja*.

<sup>28</sup> Disponível em: <[https://www.google.com.br/#q=tutty+vasques&tbm=bks&\\*>](https://www.google.com.br/#q=tutty+vasques&tbm=bks&*). Acesso em: 6 jul. 2016.

**Figura 1.29** Captura de tela de pesquisa pelo termo “Tutty Vasques” em Google Livros, termo encontrado como verbete no livro *Nem só de Aurelião...*



Fonte: *Google Livros*<sup>29</sup>

Temos o verbete *Tutty Vasques* tanto na Wikipédia (figura 1.30) quanto na Desciclopédia (figura 1.31). A primeira, que funciona como uma enciclopédia online colaborativa, traz alguns poucos dados sobre o autor, a segunda, que é uma paródia da primeira e que faz sátira dos verbetes de que dispõe, traz, com humor, a definição de Tutty Vasques.

**Figura 1.30** Captura de tela do verbete *Tutty Vasques* na Wikipédia



Fonte: *Wikipédia*<sup>30</sup>

<sup>29</sup> Disponível em: <[https://www.google.com.br/#q=tutty+vasques&tbm=bks&\\*>](https://www.google.com.br/#q=tutty+vasques&tbm=bks&*>). Acesso em: 6 jul. 2016.

<sup>30</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tutty\\_Vasques](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tutty_Vasques)>. Acesso em: 6 jul. 2016

**Figura 1.31** Captura de tela do verbete *Tutty Vasques* na *Desciclopédia*

Artigo Discussão Ler Editar Ver histórico Pesquisa

**Parabéns, Desciclopes, atingimos a marca de 50000 artigos! (25/06/2015 - NEVER FORGET)**

## Tutty Vasques

**Tutty Vasques** ou **O humorista sem rosto** é um colunista que, como **Luis Fernando Veríssimo**, contava piadas em colunas. Como às vezes demorava para sair ma piada boa das colunas do Veríssimo eles engoliam tudo o que Tutty colocasse em suas colunas, aliás o nome dele não é Tutty, Tutty é um nome ridículo, só você para achar que é o nome dele mesmo.

### História [editar]

Tutty apareceu pela primeira vez em 1985 com suas colunas "cabegas" para a época onde filosofava e não chegava a ponto nenhum. Em sua terceira coluna concluíram que era uma coluna de cunho humorístico e que não precisava ter sentido, basicamente, metade de todas as frases de para choque de caminhão foram tiradas das colunas de Tutty.

Quando questionado como ele conseguia as frases ele só dizia "*Eu tenho uma amiga, uma fada verde, minha musa de inspiração... Como uma deusa, ela me contém*" e que em breve resumo significa que ele usava *Maconha* para fazer suas colunas, e devia ser quilos dela para fazer uma boa.

O nome Tutty veio quando ele recebeu alguns pacotinhos de *Trident* Tutti Fruti. Quando ele abriu a vigésima embalagem de dentro dela saiu Tutty, uma fada do dente muito safada. Ele perguntou se ela topava um *Menage a trois* com a fada verde, assim rolou um *menage*. Tutty adotou o nome dela depois que acabou de comê-la... Literalmente já que ela era feita de chiclete e maria mole.

Enfim, apesar do uso excessivo de *Maconha* ele conseguiu fundar e afundar a *Veja* no rio, sim aquela revista chata pra cacete.

### Colunas [editar]

Em recentes colunas que várias revistas pegam por falta de colunistas em sua região, falou sobre música e lançou alguns de seus "filosofares":

<sup>++</sup>Gênero musical é que nem *Cu*, cada um tem o seu!<sup>++</sup>

Fonte: *Desciclopédia*<sup>31</sup>

Com os dados elencados acima e de certa maneira classificados como pertencentes a uma instância e não outra, é preciso reforçar a interdependência dessas instâncias, bem como aponta Maingueneau (2006; 2010), que devem ser entendidas como um nó borromeano e que essa divisão é instável, pois, além de haver intersecções entre elas, as fronteiras entre as instâncias são tênues.

### *instância inscritor: as publicações de Tutty Vasques*

No que concerne à instância *inscritor*, entendida no âmbito enunciativo, cabe tratar da produção de Tutty Vasques, tentando observar características enunciativas constitutivas do conjunto da obra. Sabemos que a produção de Tutty Vasques ocorre há mais de trinta anos e que circulam, inicialmente, em canais de imprensa, principalmente em instituições (re)conhecidas no país. Com uma produção bem diversificada, no que concerne aos gêneros, os textos de Tutty Vasques tratam de temas de emergência contemporânea à publicação dos mesmos e surtem um efeito de humor.

Sobre a produção de Tutty Vasques, que pode ser lida como um “nonsense crítico”, Ventura destaca que “Tutty gosta muito do absurdo – do cotidiano e da vida política.

<sup>31</sup> Disponível em: <[http://desciclopedia.org/wiki/Tutty\\_Vasques](http://desciclopedia.org/wiki/Tutty_Vasques)>. Acesso em: 6 jul. 2016

Ligado ao que se passa em volta – do show-bizz à política – o cronista que acha que o absurdo é o melhor antídoto: veneno contra veneno”.

Quando Tutty surgiu, há três anos, muitos apostaram que ele não sobreviver por muito tempo, não ia aguentar o pique. Apresentavam-se várias razões. Ele é muito hermético, diziam uns, ninguém entende. Talvez a primeira originalidade do cronista tenha sido justamente esta. Intolerante com tudo aquilo que pareça ditadura, ele rejeito desde o começo a tirania da clareza – aquela que fala sempre em nome do eitor para justificar a mediocridade: “O leitor não vai entender.” Tutty rompeu com este dogma, transformando o enigma em uma das atrações da sua coluna, ao lado do absurdo. (In: VASQUES, 1988, p.5)

Os textos todos caracterizam-se por um tom de acidez com efeito de humor, perpassando por temas variados, desde política a esportes, celebridades, economia, religião, mas sempre num formato que pode ser caracterizado como *crônica de costumes*. A *crônica*, quase que sempre vista como sendo um gênero jornalístico, “no jornalismo hispano-americano, configura-se como um gênero informativo, enquanto no jornalismo luso-brasileiro adquire a fisionomia de um gênero tipicamente opinativo” (MELO, 2002, p.142, grifo original). A *crônica de costumes* trataria de fatos únicos e bem específicos característicos de uma sociedade.

Na quarta capa do livro *Ô, raça!*, que reúne publicações desses três suportes, todos os textos são tratados como sendo *crônicas de costume* e, como não nos pareceu ser o foco da discussão que levantamos neste trabalho, faremos uma breve classificação dos textos nas subseções que seguem, mas manteremos essa classificação por dar conta de uma característica mais geral dos textos do autor, que é a relação direta com fatos contemporâneos às publicações.

Consideramos produtivo subdividir esta seção para falar especificamente de cada um dos tipos de materiais coletados para a análise linguística, que são dados que compreendem a produção compreendida entre 7 de outubro de 2014 e 4 de dezembro de 2014 e publicados em sua coluna, blog e *Twitter*.

a coluna “Tutty Humor” e o blog “Tutty Humor: má notícia é a maior diversão”

Começamos por descrever a produção da coluna e do blog por ser a partir deles que decidimos delimitar a produção e por terem sido os textos neles publicados que suscitaram interesse na pesquisa. Basicamente encontraremos dois tipos de texto tanto na coluna quanto no blog: um de maior extensão, que tem um desenvolvimento mais detalhado, e outro caracterizado por ser curto, muito parecidos com a publicação no que podemos de chamar de *microblogs*.

A coluna, *Tutty Humor*, assinada por Tutty Vasques, era publicada de terça a sábado, no *Caderno 2 d'O Estado de S. Paulo*. Localizada sempre no começo de página, de formato *Tablóide* (27,9x43,1cm), a coluna se dividia em duas partes (pensando na distribuição na diagramação, nos chamados *grids*, em linguagem técnica, e não em temas): primeiramente um texto que entendemos como longo e que tinha seu destaque na coluna e outra parte com os microtextos. Dividindo essas duas seções, uma havia sempre uma ilustração que poderia vir assinada, considerando o material coletado, tanto por Carlinhos Müller, quanto Marcos Müller ou Baptistão. Acima, uma ilustração, assinada por Pojucan, como frontispício da coluna e que ilustra o que seria a imagem física de Tutty Vasques<sup>32</sup> (figura 1.32).

Figura 1.32 Coluna *Tutty Humor* 8 out. 2014

**TUTTY HUMOR**  
tuttyvasques@estadao.com.br

**Código linguístico**

Legado indissociável do debate eleitoral em curso, a polêmica sobre o uso adequado do 'aparelho excretor' traz para o discurso político a possibilidade do emprego de expressões idiomáticas de gosto duvidoso sem riscos de ferir o chamado decoro parlamentar. Como diria Levy Fidelix, "quem tem aparelho excretor tem medo"! A seguir, mais alguns exemplos do jargão popular incorporado à eloquência dos homens públicos:

- 1) 'Passarinho que come pedra
- 2) 'sabete o aparelho excretor que tem!'
- 3) 'Pimenta no aparelho excretor dos outros é refresco!'
- 4) 'Aparelho excretor de bêbado não tem dono!'
- 5) 'Tirar o aparelho excretor da reta!'
- 6) 'Com o aparelho excretor na mão!'
- 7) 'Fazer aparelho excretor doce!'
- 8) 'Aparelho excretor do mundo!'
- 9) 'o mesmo que 'aparelho excretor do Judas'.
- 10) '...até o aparelho excretor fazer bico!'

**Você vai dormir**  
Para tentar sair da zona de rebaixamento da Segundona, a Portuguesa contratou um hipnólogo. É a primeira vez que se tenta no futebol a tática de hipnotizar o goleiro adversário!

**De braçada**  
Suspensão das piscinas por seis meses após o último flagra que tomou dirigindo embriagado, o nadador americano Michael Phelps voltou a empatar com o ex-Polegar Rafael Ilha na 10ª posição do ranking 'A Má Notícia em Pessoa 2014'!

**Agora vai!**  
A primeira Virada Científica do próximo fim de semana em São Paulo pode ser também a primeira boa notícia produzida este ano na USP, mas é melhor esperar acontecer. Vai que...

**Sem chances**  
Marina Silva diz que está na

torcida para que Dilma e Aécio "enobreçam" o processo democrático no segundo turno, ou seja, vai perder de novo!

**Que meda!**  
O segundo turno Dilma x Aécio começa com promessa de embate entre fantasmas do passado e monstros do presente. Parece sinopse de filme B de terror!

**Argh!**  
Buscando o apoio da Dilma para o segundo turno no Rio, Marcelo Crivella batizou a possível aliança com a presidente de "Dilmela"! Que nojo, né não?

estadao.com.br  
Tutty Vasques escreve todos os dias no portal e de terça a sábado neste caderno

Fonte: Coluna *Tutty Humor*<sup>33</sup>

Quanto a publicação no blog, a diferença se estabeleceria, primeiramente, por ser fomentado diariamente e com mais textos do que a coluna. Entretanto, as características textuais são as mesmas. A diagramação do blog é padrão para todos os colunistas, em tons de azul, cores do jornal (figura 1.33)<sup>34</sup>, e com o diferencial de permitir que os leitores comentem diretamente na publicação, o suscita, então, é uma dinâmica de leitura diferente da estabelecida com a coluna. As publicações também podem vir acompanhadas de imagens ilustrativas.

<sup>32</sup> Sobre a ilustração que representa Tutty Vasques, veremos mais adiante na página 75.

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20141007-44184-nac-34-cd2-c4-not>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

<sup>34</sup> Importante lembrar que, depois da coleta dos dados e das capturas de tela, o layout do blog foi alterado, mas a paleta de cores se manteve a mesma.

Figura 1.33 Blog *Tutty Humor*

ESTADÃO | POLÍTICA + ECONOMIA + INTERNACIONAL + ESPORTES + SÃO PAULO + CULTURA + MAIS + SERVIÇOS + OUVÇA AS RÁDIO S

# Blogs Tutty Vasques

ÚLTIMAS | BLOGS

**TuttyHumor**  
*Má notícia é a maior diversão*

Pesquisar

Quinta-Feira 04/12/14 14:09

## Aos amigos do Grupo Estado (extensivo aos leitores)

Sete anos e três meses de uma relação que parecia improvável e enquanto durou foi marcada por profissionalismo e delicadeza, convenhamos, não é para acabar mal. O Tutty está deixando o Estadão sem broncas! No fundo, no fundo – cá pra nós! – gostaria até de estar saindo censurado para pegar metade das mulheres do Xico Sá. Por outro lado, se eu contar por aí que dancei por questões de “gestão” ou de “orçamento”, francamente, não arumo um mísero colo pra chorar. Espalhem, por favor, que foi etemo enquanto durou. Amei trabalhar com vocês!

AGORA NA CAPA

**Investigação**  
Nova operação da PF prende ex-presidente da Eletro nuclear e afasta atual diretor

**Mercosul**  
Serra e FHC atuam contra Venezuela

**Fraude fiscal**  
Messi é condenado a 21 meses de prisão

**Namorada morta**  
Pistorius é condenado a 6 anos

**Impeachment**  
Temer promete destravar obras

RECOMENDADAS

Fonte: Blog *TuttyHumor*<sup>35</sup>

Sobre o uso de blogs para publicação de crônicas, Sá (2015) aponta a existência de uma possível *crônica de blog*, constituída mais por sua velocidade de publicação e circulação do que por uma nova classificação genérica, considerando que, ainda assim, continua sendo uma crônica de costumes. De acordo com a proposta de Maingueneau (2008a), essa diferença entre crônica de costume e crônica de blog se daria mais por uma cenografia do que por uma cena genérica, sendo que, afinal, não há diferenças entre os gêneros.

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/aos-amigos-do-grupo-estado-extensivo-aos-leitores/>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

o twitter @tuttyvasques

A produção de Tutty Vasques que circula no *Twitter* nada se difere em questão de conteúdo, sendo que muitas das vezes são os mesmos textos que estão na coluna. A diferença que pode ser observada é que, por ser uma plataforma de microblogs, a publicação é limitada aos textos curtos que mencionamos anteriormente, ou seja, os textos mais longos não podem ser publicados em sua totalidade, pela limitação de 144 caracteres imposta pela plataforma.

A dinâmica do *Twitter* permite uma maior interação no retorno dos leitores dos seus textos, disponibilizando as opções principais *responder (reply)*, em que qualquer usuário pode responder diretamente certo *tweet*; *retweetar (retweet)*, ferramenta que permite que o usuário leitor compartilhe o texto em sua página; e *curtir (like)* que é utilizada para indicar conviência com o que foi dito. Abaixo, na figura 1.34, temos uma captura de tela que ilustra a configuração da página do jornalista/humorista no *Twitter*.



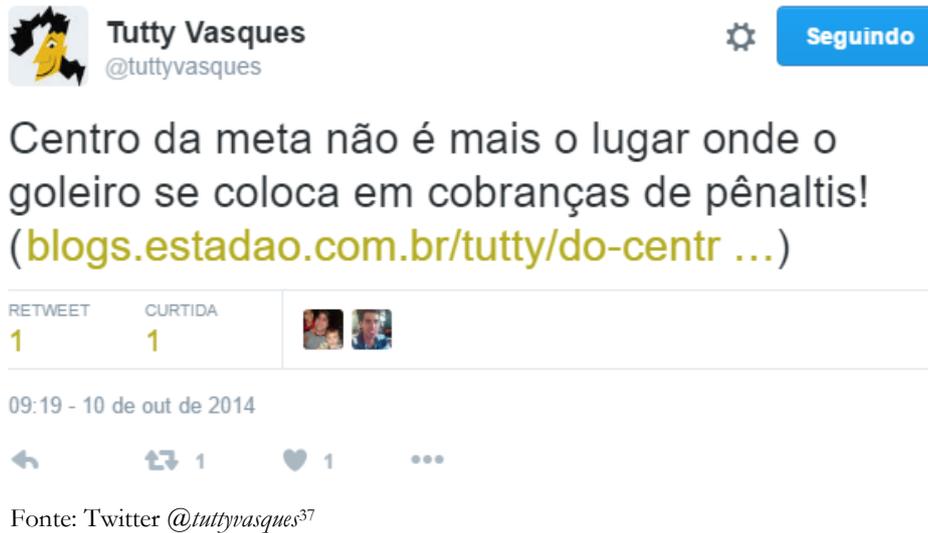
Fonte: Perfil @tuttyvasques<sup>36</sup> no *Twitter*.

Sobre a limitação de caracteres na publicação (144 caracteres), aqueles textos que consideramos longos ganham espaço nessa conta na medida em que o autor se vale desse espaço para divulgação do link que leva o leitor para o blog, onde consegue publicar textos sem

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

aparentes restrições na quantidade de caracteres impostos pela plataforma, como no exemplo que segue (figura 1.35). Nesse caso, observamos uma autogestão autoral de Tutty Vasques, quando replica ele mesmo seus textos.

Figura 1.35 Tweet @tuttyvasques 10 out. 2014



### *uma imagem de autor*

A *imagem de autor* é um conceito sugerido por Maingueneau (2010) que, apesar dos conceitos clássicos de *ethos* e *postura*, um centrado na enunciação e o outro no posicionamento em um campo, intenciona examinar “uma realidade instável e fluída que não pertence propriamente nem ao autor nem ao público ou ao texto, mas resulta da interação entre instâncias heterogêneas” (p.140).

Maingueneau (2010) destaca que não se trata de uma atividade multiforme entre autor e seus textos, mas, sim, de uma imagem “elaborada na confluência de seus gestos e de suas palavras, de um lado, e das palavras dos diversos públicos que, a títulos diferentes e em função de seus interesses, contribuem para moldá-la” (p.144). É uma categoria passível de ser analisada mesmo depois da morte dos escritores, pois permanecem na memória coletiva, e se estabelecem em relação ao posicionamento do autor em sua época. A imagem de autor pode ser construída tanto durante a vida do autor quanto postumamente, sendo que decisões editoriais também impulsionam a criação de uma imagem de autor.

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/520549288217440256>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

Há dois aspectos relacionados à construção da imagem de autor: um que se refere à imagem que o escritor cria de si, mesmo que involuntariamente, através de seus comportamentos tanto verbais quanto não-verbais; e outro engendrado por terceiros (cf. MAINGUENEAU, 2010, p.147). O linguista ainda distingue duas zonas principais dos indícios de formação dessa imagem: uma em relação ao texto e outra em relação ao ator, que se dedica a um trabalho de *regulação e figuração*.

Para o analista, a *regulação* permite uma reorientação da trajetória que situa toda uma obra singular, as ações passadas e presentes regulam um futuro projetado. Portanto, fazem parte da regulação a relação estabelecida entre o escritor e outras obras, tanto pensando em quais são essas obras, quanto os comentários que delas faz em determinados gêneros (prefácios, entrevistas, manifestos, debates, etc.) (cf. MAINGUENEAU, 2010, p.147).

Já a *figuração*, Maingueneau (2010, p.147) diz que tem muito a ver com a apresentação atuante do escritor, é como ele aparece em cena: se é um autor que assina ou não as obras, se assina, se se trata de um nome vinculado a um indivíduo dotado de estado civil, ou se um heterônimo ou um pseudônimo, se aparece publicamente ou não, se mostra ou não o rosto, ou mesmo se tem um rosto.

Em relação aos elementos textuais que incidem na construção da imagem de autor, Maingueneau (2010, p.148) aponta que há vários planos, como a *personagem*, considerando-as intimamente ligadas ao enredo, a *cenografia*, ou seja, o “clima” do texto, os *gêneros*, se romances, se poesias, se crônicas, o *fiador*, responsável pelos textos e de onde emergem um ethos advindo da enunciação dos textos e outro advindo do paratexto, o *nome de autor* propriamente dito e o *ethos editorial* que surge em relação a toda a mediação editoria, ou seja, capa, papel, se coletânea ou não, se ilustrado ou não, edição de bolso ou edição especial.

Todavia, tais classificações parecem estabilizar em tempo e espaço a imagem de autor, e aproximaria muito a noção de autor a uma visão histórica de categoria estável, mas “não mais que o autor, a imagem de autor não é um ponto fixo, sequer uma zona de contato entre instâncias estáveis: é uma fronteira móvel, a resultante de um jogo de equilíbrio instável em configuração permanente”, o escritor deve constantemente legitimar o seu processo de criação elaborando uma imagem de autor (MAINGUENEAU, 2010, p.152).

A proposta conceitual de *imagem de autor* aponta, então, uma complexidade na interação entre o processo criativo, o texto e a recepção, cuja estabilização é ilusória, considerados os fatores envolvidos na construção dessa imagem. Em relação a Tutty Vasques,

vimos anteriormente uma série de dados que corroboram para a construção desta imagem de Tutty Vasques.

Em relação ao trabalho de regulação, pode ser incluído aquilo que o autor constrói de si e sobre seus textos. No caso, Tutty Vasques, na introdução do livro *Nem tutty é verdade.*, mostra que o que faz é anarquizar, reafirmando essa imagem de crítico galhofa.

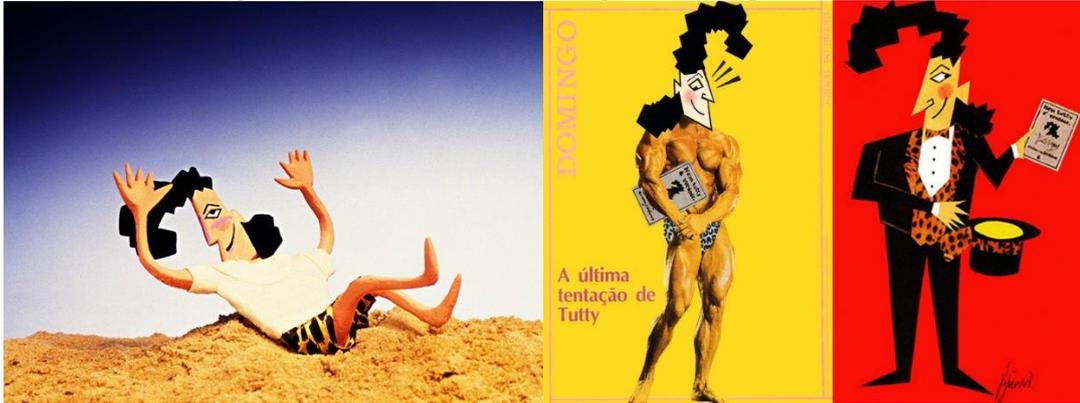
[...] sucesso deu pau nimim e – sem uma alternativa coerente com minha dignidade de boy baderneiro – reagi em forma de calúnia. Me refiz no terreno baldio da crônica, inventei a realidade caluniosa. Me olho no espelho e dou um pau nos outros – coisa que não entra na cabeça da minha analista. Ela acha que é transferência, que eu quero matar o papai, que eu não mamei nas tetas da Embrafilme. Paciência!  
Pra falar verdade eu também não consigo entender direito como alguém consegue sentar na máquina e sair anarquizando – sempre com a mesma fraqueza de caráter – amigos e os inimigos, a direita e a esquerda, a polícia e o Hércules Correia. (VASQUES, 1998, p.12)

Quanto à *figuração*, trata-se de um trabalho que muito tem a ver com a atuação desse autor, ou seja, se assina ou não seus textos, se mostra o rosto ou não, conforme apontamos anteriormente. Pudemos ver nas discussões sobre a instância pessoa, enquanto pontuávamos questões relacionadas à paratopia criadora, que a biografia de Tutty Vasques é de difícil definição. Essa dificuldade se apresenta como uma construção proposital para criar, em relação a esse autor, uma imagem de um produto indefinido, que não se sabe muito bem onde começa e termina, o que é ou não dele ou de seu ortônimo, Alfredo Ribeiro.

Além disso, é importante ressaltar que a própria fisionomia do Tutty Vasques se confunde com a de Alfredo Ribeiro. Em 1986, Alfredo Ribeiro encomendou a Pojucan, artista gráfico e ilustrador, “a figura topetuda que daria vida a um novo articulista de humor na chamada grande imprensa” (RIBEIRO, 2015). Isto é, a imagem que estampa a rubrica Tutty Vasques não é a mesma que fotografa Alfredo Ribeiro.

No site de Pojucan, há um portfólio que reúne algumas imagens da trajetória de Tutty Vasques. Sempre uma imagem que tem como base um rosto de perfil, com um topete grande e cabelo um pouco comprido, que se estampa na coluna, no blog, no *Twitter*, na capa do livro *Ô, raça!* além dos outros lugares em que publicou. Podemos ver, abaixo, algumas das ilustrações de Pojucan (figuras 1.36, 1.37 e 1.38), todas retiradas de seu portfólio.

**Figura 1.36** Ilustrações de Tutty Vasques assinadas por Pojucan



Fonte: Portfólio *Pojucan*<sup>38</sup>.

**Figura 1.37** Ilustrações de Tutty Vasques assinadas por Pojucan



Fonte: Portfólio *Pojucan*<sup>39</sup>.

**Figura 1.38** Ilustrações de Tutty Vasques assinadas por Pojucan



Fonte: Portfólio *Pojucan*<sup>40</sup>.

Essa figura é representada no vídeo de divulgação do livro *Nem tutty é verdade.*, em que Tutty Vasques aparece em momentos íntimos de seu dia-a-dia. A imagem vira uma espécie de fantasia, mas que não pode ser entendida como tal, já que é a materialização de uma imagem que circula nos jornais ilustrando o autor e é um vídeo oficial de divulgação.

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://www.pojucan.com/>>. Acesso em: 22 jul 2016.

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://www.pojucan.com/>>. Acesso em: 22 jul 2016.

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://www.pojucan.com/>>. Acesso em: 22 jul 2016.

Entendemos, então, que não é alguém fantasiado de Tutty Vasques, mas o Tutty em pessoa (figuras 1.39, 1.40, 1.41 e 1.42).

**Figura 1.39** Captura de tela do vídeo promocional de *Nem tutty é verdade*. - vídeo (2'27")



Fonte: Canal *Tutty Vaques* no *YouTube*<sup>41</sup>.

**Figura 1.40** Captura de tela do vídeo promocional de *Nem tutty é verdade*. - vídeo (0'38")



Fonte: Canal *Tutty Vaques* no *YouTube*<sup>42</sup>.

**Figura 1.41** Captura de tela do vídeo promocional de *Nem tutty é verdade*. - vídeo (1'13")



Fonte: Canal *Tutty Vaques* no *YouTube*<sup>43</sup>.

<sup>41</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0Z77cktorgg>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0Z77cktorgg>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0Z77cktorgg>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

**Figura 1.42** Captura de tela do vídeo promocional de *Nem tutty é verdade*. - vídeo (7'28")



Fonte: Canal *Tutty Vasques* no YouTube<sup>44</sup>

Importante destacar que essa construção que inclui toda uma vestimenta, uma “máscara”, filmagens do que podemos chamar de “momento íntimos” do autor (figura 1.39), de seu momento de escrita (figura 1.41), se deve ao fato de que há sempre uma necessidade de se relacionar a um conjunto de textos uma imagem que represente empiricamente a fonte produtora. Todavia, há entrevistas em que quem aparece é Alfredo Ribeiro em que responde tanto como Tutty Vasques quanto o ortônimo. As figuras 1.43 e 1.44 ilustram essas aparições.

**Figura 1.43** Captura de tela do vídeo *Juca Entrevista - Tutty Vasques (parte 1)*



Fonte: Canal *Blog do Paulinho* no YouTube<sup>45</sup>

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0Z77cktorgg>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=now4hBT0o8U>>. Acesso em: 23 jul. 2016 (baixa qualidade de imagem)

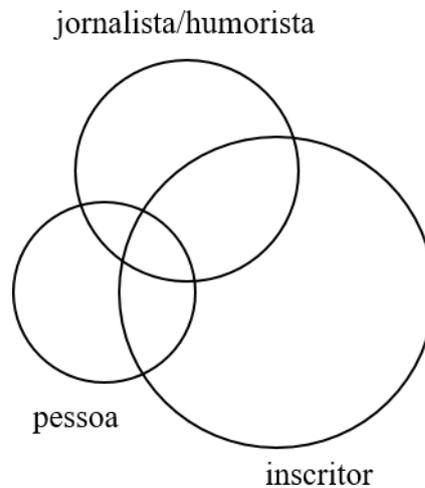
**Figura 1.44** Captura de tela do vídeo *Humor & Cia 5 - Antônio Prata e Tutty Vasques*



Fonte: Canal *Ideias Online* | *Arte & Ciência* no YouTube<sup>46</sup>

A imagem de autor que emerge é resultado então, de uma paratopia criadora em que, devido a imprecisão de definição da instância pessoa, as instâncias jornalista/humorista e inscritor se sobressaem, uma vez que se sabe muito mais de seus textos e por carregarem consigo o que pode ser chamado de “humor de Tutty Vasques”, ou seja, um processo de inscrição ligado ao jornalista/humorista, e não à pessoa Tutty Vasques.

**Figura 1.45** Adaptação do esquema da paratopia criadora: Tutty Vasques



Fonte: Elaborada pelo próprio autor, com base em Maingueneau (2006).

Em suma, Tutty Vasques passa a figurar como um heterônimo cujos passos são acompanhados por Alfredo Ribeiro, e a imagem que emerge, assim sendo, é um produto resultante não só de sua produção, do que se diz sobre sua produção, de sua aparição ou assinatura nos textos, mas um construto que é sempre permeado por um certo mistério, de certa dúvida de quem realmente é esse produto que se diz anarquista e que narra o cotidiano de forma

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=htwFX8Ox7vw>>. Acesso em: 23 jul. 2016

a produzir humor dos fatos rotineiros e que se denomina Tutty Vasques, mas que está suficientemente instituído para poder ser entendido como um autor-*auctor*, que já tem lugar consagrado.

\*\*\*

**SEGUNDA PARTE**

*do humor nos processos de textualização*

## humor e outros indícios de autoria:

*do gesto inscricional de tutty vasques*

Na seção anterior, vimos como a noção de autoria suscita uma série de questões a serem levadas em consideração. Nos dedicamos a observar a noção no caso Tutty Vasques, entendendo que a autoria é uma criação resultante de três instâncias – *pessoa*, *escritor* e *inscritor* – que forjam a construção de uma identidade autoral, dinâmica que se dá nome de *paratopia criadora* (cf. MAINGUENEAU, 2006).

Quando em funcionamento, uma *imagem de autor* emerge dessa criação e pode estar relacionada a qualquer uma das noções de autor elencadas por Maingueneau (2010): *autor-fiador*, *autor-ator* ou *autor-auctor*. No caso de Tutty Vasques, entendemos que ele dispõe de condições para que seja lido com um *autor-auctor* em ascensão. Isso se deve a vários fatores que se distribuem no nó borromeano das instâncias que constituem a paratopia criadora.

Em relação a paratopia criadora, na seção anterior, nos ativemos mais às instâncias *pessoa* e *escritor* (MAINGUENEAU, 2006) e propusemos uma adaptação desse funcionamento renomeando a instância *escritor* por *jornalista/humorista*, uma vez que essa instância tem tanto a ver com como ele é lido quanto com como ele produz. Isto é, a textualização, o gesto inscricional, de um escritor de literatura é diferente de um jornalista, que é, ainda, diferente de um jornalista/humorista, o que influencia diretamente na figuração desse autor.

Ainda, é preciso lembrar que a inscrição é diretamente influenciada conjuntura de produção, ou seja, em relação ao *cópus* coletado, a relação direta de Tutty Vasques com o que é contemporâneo à sua produção norteia não o como inscreve, mas o que inscreve nos seus textos. A produção do jornalista/humorista recortada para o *cópus* desta pesquisa acontece nos meados dos anos 2010, período em que há um desenvolvimento tecnológico cada vez mais acelerado, ou, pelo menos, essa é a sensação que se tem devido a um alto fluxo na distribuição da informação, que só é propiciada devido ao refinamento deste desenvolvimento. Estamos, constantemente, expostos a novas informações, sejam as que circulam como repertório de fatos e conhecimentos tanto locais quanto globais, sejam as informações provenientes dos objetos oriundos desse desenvolvimento que também significam.

Milton Santos (2012), ao discutir o processo de globalização, falava de certa “rapidez e fluidez” de um mundo em que as informações (manipuladas, de acordo com o autor<sup>47</sup>) arrebatam as pessoas de uma forma relativamente violenta, no sentido de que são dadas como algo obrigatório de conhecimento. Santos (2012) propõe o conceito de *meio técnico-científico-informacional*, pensando na relação estabelecida entre a sociedade e o meio geográfico no atual estágio de globalização. Por *meio técnico-científico-informacional* entende-se que o meio geográfico, originalmente natural, foi modificado na medida em que o homem desenvolveu técnicas que reconfiguram o meio geográfico. Quanto mais desenvolvidas tais técnicas originadoras de novas espacialidades, maior a circulação de informação, os objetos são signos portadores de informação e alguns dos objetos surgem justamente para fazer circulá-la.

Sobre a circulação da informação nesse período, é preciso mencionar a cibercultura que, para Levy (1999) “expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele” (p.13) e especifica “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (p.15). Em relação ao ciberespaço, Levy (1999) define como o “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores [e que] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (p.16).

A cibercultura potencializa a multiplicação da informação que, em meio geográfico híbrido, uma vez que não é nem só natural nem só técnico-científico-informacional, circulam numa rede de aparelhagem de distribuição e inúmeras formas de assimilação e reprodução são impostas, assumindo sentidos variados, uma vez na rede de discursos.

Ao efeito causado por tal movimento, Santos (1997b) pensa no que pode ser chamado de *aceleração contemporânea*, que é

um resultado também da banalização da invenção, do perecimento prematuro do engenhos e de sua sucessão alucinante. São, na verdade, acelerações superpostas, concomitantes, as que hoje assistimos. Daí a sensação de um presente que foge. (p.30)

Neste cenário, o jornalismo, responsável pela informação, sofre adaptações no sentido de acompanhar essa aceleração na distribuição da informação e parece ser desse fenômeno que Tutty Vasques se vale.

Quanto mais ampla a cobertura jornalística, mais provinciano é o noticiário. Taí a internet que não me deixa mentir! Quem tem o hábito doentio de acompanhar a

---

<sup>47</sup> Sobre a manipulação das informações, Santos (2012, p.38-40) está pensando não só na rápida velocidade de circulação da informação, mas também em quais informações e quem as detém e as faz circular, considerando os impactos sociais dessa circulação.

informação em tempo real na *web* me entende. [...] tudo o que não interessa está ali ao nosso alcance, basta ligar a máquina. (VASQUES, 2015, p.127)

O excerto acima, que é epígrafe deste trabalho, foi retirado de um texto intitulado *Notícia é um troço estranho!*, publicado em 2001, em que Tutty Vasques vai tratar de como o jornalismo acaba por perder seu caráter de sobriedade na medida em que as coberturas jornalísticas se tornam cada vez mais amplas e demandantes de certa velocidade que não havia antes. É, de certa maneira, da “violência da informação”, de que tratava Santos (2012), que Tutty Vasques expõe ao falar dessa quantidade aparentemente incontrolável e infiltrável de informações.

Além de todo esse contexto, é preciso considerar que, se comparados com os da década de 1980, os textos de Tutty Vasques eram maiores em extensão, mais descritivos, enquanto que os do período que compreende o *cópus* já são, em sua maioria, curtos e objetivos, com exceção do texto inicial das colunas. Tais considerações são necessárias, pois o período em que um autor produz é muito influenciado não só em conteúdo, mas na sua forma. Esses textos curtos de Tutty Vasques respondem a essa demanda da velocidade, de um modelo de microblogagem, como o serviço do *Twitter*, em que os textos têm caracteres contatos e devem transmitir rapidamente a mensagem pretendida.

Posto isto, esta seção se dedicará aos processos de inscrição nos textos de Tutty Vasques selecionados para composição do *cópus* de análise, já apresentados anteriormente. Em Chagas (2014; 2016), desenvolvemos uma pesquisa que se propôs analisar os recursos e técnicas de Tutty Vasques para produzir efeito de humor nos seus textos. Para tal, mobilizamos os conceitos de relacionados à *destacabilidade*, como os de *sobreasseveração*, *aforização*, *participação*, *captação* e *subversão*, propostos por Maingueneau (2005 e 2008).

Já nesta pesquisa, retomaremos algumas conceituações basilares do campo de estudos da AD, como a noção de *heterogeneidade discursiva* (AUTHIER-REVUZ, 2004), noção de *memória discursiva e cognitiva*, recorrendo às conceituações de Pêcheux (1999) e Paveau (2013a; 2013b), para analisar os textos de forma a identificar o que chamaremos, com base na proposta de Possenti (2009), de *indícios de autoria*.

#### *dos indícios de autoria e da heterogeneidade discursiva*

Como dissemos, é na instância inscritor que é possível observar discursivamente a constituição autoral. Possenti (2009) trabalha com a noção de *indícios de autoria*, fundamentando-se na proposição de que a autoria é uma noção em nível discursivo, conforme

propusera Foucault, e pensa a possibilidade de análise da questão da autoria nos casos de textos não correlatos a um *Opus*.

Ao discutir os *indícios de autoria*, noção que nos parece cara, Possenti (2009) se baseia na noção do *paradigma indiciário* de Ginzburg (1990), que propõe que a singularidade pode ser observada não em características claras, mas nos indícios diminutos que o criador deixar em sua obra, seja ela qual for. A proposta de *indícios de autoria*, baseados nesse paradigma, deixa de lado a noção de analisar marcas de autoria, essas seriam observáveis na ordem gramatical e textual, para analisar os indícios, que são possíveis de serem observados pela ordem discursiva.

O humor seria, então, tanto marca como indício. Marca, pois é característico da produção de Tutty Vasques, mas é indício, também, por ser efeito de uma sobreposição de roteiros que engatilham um humor no nível discursivo e não só com trocadilhos em níveis morfológico, fonológico, sintático ou semântico.

Possenti (2009) coloca que “alguém se torna autor quando assume (sabendo ou não disso) fundamentalmente algumas atitudes: *dar voz a outros enunciadores, manter distância em relação ao próprio texto e evitar a mesmice*” (p.110, grifos originais).

A tese de Possenti (2002) é de que

“há indícios de autoria quando diversos recursos da língua são agenciados mais ou menos pessoalmente - o que poderia dar a entender que se trata de um saber pessoal posto a funcionar segundo um critério de gosto. Mas, simultaneamente, o apelo a tais recursos só produz efeitos de autoria quando agenciados a partir de condicionamentos históricos, pois só então fazem sentido” (POSSENTI, 2002, p.121)

Isto é, a autoria é perceptível na textualização dos discursos através da manobra realizada para gerenciar o outro no discurso. Efeito disso é o que estamos entendendo como sendo o estilo, o espaço do eu no discurso.

Sobre *dar voz a outros enunciadores*, Possenti (2009) pontua que é no *como* faz isso que se configura seu caráter autoral. Dar voz a outros enunciadores não implica necessariamente uma estratégia explícita, mas pode se deixar atravessar por discursos pertencentes ao tesouro de uma comunidade.

Outro indício de autoria é *manter distância em relação ao próprio texto*: “locutores/enunciadores constituem-se como autores em boa medida por marcarem sua posição em relação ao que dizem e em relação a seus interlocutores” (POSSENTI, 2009, p.112). Seria um caso de suspensão daquilo que diz para ou simplesmente manter distância em relação ao enunciado ou mesmo para configura-lo em suas palavras. O último indício, muito relacionado

a dar voz aos outros, é o de *evitar a mesmice* seria um indício de autoria: Possenti (2009a) vê esse indício muito ligado ao *como* a voz do outro aparece no texto.

Todas essas características que configuram indícios de uma totalidade autoral têm a ver com a heterogeneidade discursiva constitutiva da língua. Na AD, estabilizou-se a noção de *interdiscurso* que entende que todo discurso “tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos” (MAINGUENEAU, 2012, p.286). A essa vertente está ligada a ideia de *heterogeneidade discursiva*, noção fundamental para os discursos discursivos.

Dentre vários estudos que teorizam de que se trata tal heterogeneidade discursiva, baseando-nos nas propostas de Authier-Revuz (2004), que concatena as discussões em relação ao preceito de que sempre há presença do outro inscrita no discurso. Para a linguista, na materialização dos discursos são manifestados “diversos tipos de ‘negociação’ do sujeito falante” e aquilo que ela chama de *heterogeneidade constitutiva* (p.11).

A heterogeneidade constitutiva tem a ver com a ideia de que todo discurso se constitui por meio do outro. Muitas das vezes, essa heterogeneidade pode ser “mapeada” no discurso. Dentre essas possíveis heterogeneidades, a autora classifica uma série de formas de presença do outro no discurso, cujas classificações se distribuem entre duas categorias: a *heterogeneidade marcada e mostrada* e a *heterogeneidade marcada e não mostrada*.

Para Authier-Revuz (2004), os casos de heterogeneidade marcada e mostrada são quando locutor dá lugar à voz do outro de forma explícita e constituem-se, basicamente, pelo discurso relatado, ou seja, discursos direto ou indireto, neste o locutor seria um porta-voz do outro e naquele o locutor se assemelharia a um tradutor da voz do outro, e as ilhotas textuais.

Já os casos de heterogeneidade marcada e não mostrada podem ocorrer por vias não explícitas na frase, são os casos de: discurso indireto livre, ironia, antífrase, imitação, alusão, reminiscência, estereótipo. Todos dependem da interpretação e a partir de índices recuperáveis no exterior do discurso (cf. AUTHIER-REVUZ, 2004).

Outro fenômeno da heterogeneidade discursiva são as *ilhotas textuais*, um caso de *heterogeneidade marcada e mostrada*, que podem aparecer tanto em textos orais quanto escritos, estes por meio de certas marcas tipográficas, aqueles por meio da entonação. Tal recurso, conforme aponta Authier-Revuz (2004), é muito presente na imprensa e é comumente visto como uma “forma híbrida” ou “mista” de discurso relatado, ou seja, “associando DD [discurso direto] e DI [discurso indireto]” (p.194), retomando o trabalho de Gaulnym (1983), que classifica como “forma mista” ou “dd-di” as ilhotas textuais que são DI que comportam

DD entre aspas. Tal categorização teria um esquema semelhante a *l diz que...* “*X*” ou *Segundo l...* “*X*”, em que *l* se refere ao interlocutor.

Nesse processo, conforme Authier-Revuz (2004), o elemento “*X*” aparece como um “elemento da mensagem (*m*) do *l* tendo ‘resistido’ na sua literalidade à operação de reformulação-tradução contida na mensagem *M*” (p.194). Esse elemento “*X*”, ou *ilhota textual*, caracteriza uma *dupla ruptura ou heterogeneidade sintática*, quando “o estatuto autonímico da parte citada autoriza ‘qualquer coisa’ a funcionar como complemento do objeto, como apositiva, como nome predicativo de termos metalinguísticos” (p.195), e/ou *enunciativa*, que deriva de um duplo quadro de referência nos dêiticos: “uma parte, em *uso*, normalmente em relação com a situação de enunciação em curso, (E) e, de outra parte em *menção*, remetidos à situação de enunciação representada (e)” (p.195, grifos originais).

Figura 2.1 *Eu, hein!* 7 out. 2014

# Eu, hein!

TUTTY VASQUES

13 Outubro 2014 | 12:09

Que diabos Aécio Neves quis dizer com “**agora somos um só corpo**” ao comemorar a conquista do apoio de Marina Silva?

Papo reto mais estranho, né não?

Fonte: Blog *TuttyHumor*<sup>48</sup>

Para exemplificar, numa breve análise, os casos de heterogeneidade tanto *marcada e mostrada* quanto *marcada e não mostrada*, temos o texto *Eu, hein!* (figura 2.1). Há um caso de *heterogeneidade marcada e mostrada* em forma de *ilhota textual* – “**agora somos um só corpo**” – em que Tutty Vasques mostra, entre aspas, o que o outro diz, no caso o ex-candidato à presidência Aécio Neves, na ocasião em que Marina Silva encontrou o ex-candidato pela primeira vez em apoio à sua campanha no segundo turno das eleições presidenciais de 2014. O autor replica um excerto de um enunciado dito por Aécio Neves (“A partir de agora somos um só corpo, um só projeto”) e marca, entre aspas, as palavras exatas ditas pelo ex-candidato, na intenção de marcar que quem diz é o *outro* e não *eu*.

<sup>48</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/papo-reto-4/>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

Ainda em relação a esse mesmo enunciado que é atribuído a Aécio Neves nesse contexto de enunciação, há uma alusão ao ritual católico da Consagração, que representa um dos pilares fundamentais católicos de que da Igreja Católica é um organismo vivo, construída em “um só corpo”, referência a Efésios (4:4) – “Sede um só corpo e um só espírito” –, o que significa que a reunião de todos os que acreditam nos dogmas católicos constitui o corpo da Igreja, sustentada por Jesus Cristo no momento da *transubstanciação*, fenômeno que aconteceria no momento em que a substância do pão se transformaria na própria substância do “Corpo de Cristo”, e a substância do vinho se transformaria na substância do “sangue de Jesus Cristo”. Esse ritual tem um sentido de união integral entre os corpos que compõe a assembleia, uma vez unidos por sua crença. Essa alusão ilustra um caso de *heterogeneidade marcada e não-mostrada*, uma vez que a referência não está explicitada no texto, mas numa referência extralinguística que permite a compreensão do texto.

O texto (figura 2.2) que segue traz outro exemplo de *ilhota textual*:

Figura 2.2 *50 tons de pretinho* 10 out. 2014

## 50 tons de pretinho

TUTTY VASQUES

10 Outubro 2014 | 00:02

Dilma se declarou “meio pardinha” na Bahia.

Isso deve ser um ou dois tons mais claro que a pele “mulatinha” assumida por FHC na campanha de 1994.

Fonte: Blog *TuttyHumor*<sup>49</sup>

Há, no texto *50 tons de pretinho* (figura 2.2), casos de discurso indireto com ilhota textual. No primeiro período temos um discurso indireto – “Dilma se declarou ‘**meio pardinha**’ na Bahia” – em que há uma ilhota textual que marca entre aspas as palavras exatas ditas por Dilma. O enunciado original dito pela presidenta, recuperado dos registros dos noticiários, foi “Eu sou meio pardinha”. A outra ilhota textual aparece no enunciado “Isso deve ser um ou dois tons mais claros que a pele ‘**mulatinha**’ assumida por FHC na campanha de 1994”, em que marca a palavra ditas por Fernando Henrique Cardoso em relação a sua cor de pele – “Eu sou bem mulatinho”. Ambos casos representam aquele esquema *l diz que... “X”*, em

<sup>49</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/50-tons-de-pretinho/>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

que o elemento “X”, a ilhota textual, representa as palavras ditas originalmente pelo enunciador reportado.

Authier-Revuz (2004) indica, também, a presença do outro no discurso, independentemente de uma possibilidade de análise linguística. Para a descrição linguística, a heterogeneidade constitutiva é uma ancoragem necessária no exterior linguístico e não só nas formas mais resgatáveis. Nesse sentido, todo discurso se mostra atravessado por outros discursos e pelo discurso do Outro: o outro não é objeto de que se fala, mas condição para que se fale. Ademais, a heterogeneidade enunciativa pode estar ligada não só a outros sujeitos mas também pode se referir aos vários níveis dentro do próprio discurso que são construídos pelo próprio locutor, processo a que se dá nome de *metaenunciação*.

Para Authier-Revuz (2004), as *formas metaenunciativas* se diferem do que se designa *metalinguístico*, *metadiscursivo* e *metacomunicacional* por serem formas isoláveis, estritamente reflexivas e opacificantes da representação do dizer e que têm função de marcar “não-coincidências” do dizer.

A esse conjunto de formas, Authier-Revuz (2004) denomina *modalidade autonímica*:

Duplicando o uso de um termo por um comentário reflexivo opacificante sobre esse uso, tal modalização suspende localmente, no termo visado, o caráter absoluto, inquestionado, evidente, o “óbvio” vinculado ao uso-padrão das palavras. A modalização confere a um elemento do dizer o estatuto de uma “maneira de dizer”, relativizada (mesmo que seja para valorizá-la) dentre outras. (p.82-3)

Nesse caso, a enunciação é alterada por um não-um, ou seja, há uma heterogeneidade, uma não-coincidência, em que pode haver: i) pontos de não-coincidência do discurso com ele mesmo, caso em que há palavras assinaladas de outro discurso; ii) pontos de não-coincidência entre as palavras e as coisas, em relação à quando o locutor não encontra a palavra adequada; iii) pontos de não-coincidência das palavras com elas mesmas, nos casos em que o locutor reformula para dizer que determinada palavra não deve ser lida a partir de um, mas de outro discurso; e iv) pontos de não-coincidência entre enunciador e destinatário, em que há a presença de um elemento cuja compreensão não é compartilhada (cf. AUTHIER-REVUZ, 2004, p.83). A autora vai chamar de *balizagem interpretativa* o processo de ressignificação do discurso do outro pelo eu.

Figura 2.3 Tweet @tuttyvasques 27 nov. 2014



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>50</sup>

Authier-Revuz (2004) categoriza o esquema “*x, compreenda y*” como sendo um modelo dessa balizagem interpretativa, possível de exemplificar no texto acima (figura 2.3). Temos, inicialmente, o enunciado “Edir Macedo raspou a barba!” e, na sequência a uma suposta ressignificação de sentido “sob a luz do Evangelho” que é marcada por “isso quer dizer o seguinte”. Esse conectivo tem função semelhante a “ou seja”, “isto é”, que funcionam como balizadores de sentido. Neste caso, a ressignificação de “Edir Macedo raspou a barba!” é, aparentemente, fundamentada na “luz do Evangelho”, mas que para Tutty Vasques, ainda assim, quer dizer “nada, rigorosamente nada!”. Além de um efeito de humor criado pelo inesperado<sup>51</sup>, o autor delimita seu posicionamento que entende que o que o Evangelho dita (ou não) sobre fazer a barba (ou não) não tem nenhuma objetividade prática para si.

Sobre a heterogeneidade discursiva, Possenti (2009b) discorre sobre o que vai chamar de “subjetividade mostrada” em oposição a ideia do “eu no discurso do outro”. Ao reforçar que “o discurso nunca é originário de um eu, mas de um outro (discurso)” (p.51), entende que há uma necessidade de repensar a ideia de que o discurso, sempre interpelado pelo outro, não tenha espaço para o eu, uma vez que “a própria ideia de heterogeneidade se constitui pela afirmação do outro num lugar que antes não lhe era previsto”, o que torna incoerente “pensar que, então, torna-se obrigatório deixar ao outro todo o lugar e todos os papéis” (POSSENTI, 2009b, p.57).

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/538122902273794048>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

<sup>51</sup> Veremos adiante sobre o efeito de humor causado pelo inesperado, o que chamaremos de *gatilho do humor*.

A partir dessa consideração, Possenti (2009b) ressalta que o sujeito é caracterizado fundamentalmente por sua atividade:

Ou seja, é visível o discurso do outro, mas também é visível o trabalho do eu. [...] quero apenas argumentar que a presença do outro não é suficiente para apagar a do eu, é apenas suficiente para mostrar que o eu não está só. Isto é, que o eu não pode ser simplesmente apagado, a não ser por uma manobra linguística que o defina apenas como o outro do outro... (POSSENTI, 2009b, p.50)

Isto é, o funcionamento dessas três características que apontam indícios autorais elencadas por Possenti (2009a) – dar voz a outros enunciadore, manter distância em relação ao próprio texto e evitar a mesmice – dá espaço para aquilo que se chama de estilo. Muito além da noção de que o estilo tem a ver com as escolhas lexicais e da sintaxe do sujeito que enuncia, nos importa a ancoragem discursiva de tais traços, ou seja, não interessa se se trata de uma linguagem dita mais formal, rebuscada ou se mais informal, o que importa é como, dentro dessas classificações quase estáveis, o sujeito organiza e apresenta seu discurso: o estilo é o espaço do eu no discurso.

#### *da memória no discurso*

A memória é um dos objetos que muito se atém no campo da AD, amplamente debatida e estudada, tanto no Brasil quanto na França nos anos 80, por meio da concepção que Courtine (1981) apresenta a respeito de *memória discursiva*, nos permite compreender de que forma os significados que o discurso carrega são transmitidos e, mais ainda, de que maneira o depósito semântico (discursivo e pragmático) é herdado pelos locutores.

Pêcheux (1999) é um dos teóricos que endossam uma discussão acerca da memória discursiva que estabelece uma relação entre *memória e acontecimento*, considerando que a *memória* deve ser entendida não apenas como uma “‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e de memória construída do historiador” (p.50). Enquanto que os *acontecimentos* são, para Pêcheux (1999), frágeis no sentido de se inscreverem na memória, aponta que ou “o acontecimento escapa à inscrição, que não chega a se inscrever” ou “o acontecimento é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido” (p.50).

Pensando a “memória como estruturação da materialidade discursiva complexa”, Pêcheux (1999) vai considerar que

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-

construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, p.52)

Paveau (2013) elucida que há duas vertentes que usam a *memória discursiva*, tanto o vocábulo quanto sua acepção, em distintas visões, o que acarreta em mal-entendidos. A autora destaca que aquela compreendida por Pêcheux (1999) abarca as condições sócio-históricas de produção dos discursos. Ainda há a visão de Berrendonner (1993 *apud* PAVEAU, 2013), por exemplo, quando afirma que é através da memória discursiva que a coerência do discurso é resguardada, isto é, a eficácia na capacidade de interpretação por parte do receptor da mensagem está intimamente ligada à memória discursiva que o mesmo possui.

A memória, sendo objeto de estudos de linguistas, psicolinguistas, psicólogos e cognitivistas, é compreendida diferentemente por cada um, mas o objetivo comum que os unem é o de entender de que maneira o ser humano aponta a realidade circundante e de que forma ele a retoma. A conceitualização de memória discutida por Paveau (2013) é originária dos conceitos e estudos de Halbwachs (2006) que revelam que a memória ultrapassa o plano individual, afirmando que as memórias que os indivíduos carregam não são apenas dele, pois elas não podem ser concebidas separadamente da sociedade em que estão inseridas. De acordo com o sociólogo, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde ela irá se condicionar.

Paveau (2013) adverte que é necessária precaução, para “não apagar o indivíduo nem tampouco colocar a comunidade abaixo da individualidade e reduzir a memória coletiva”, no que ela chama de “reservatório de traços comuns”, e explica que o papel do analista do discurso é o de localizar um conceito que una o individual e o coletivo.

A pesquisadora entende que há uma necessidade de encararmos a *memória* como *memórias* (no plural), pois esse conceito está ligado a outros fatores externos, a cultura, a idade, o gênero, a posição social, o grau de escolarização, etc. Paveau (2013) salienta que erroneamente pensamos que existe apenas uma memória, aquela dos titulares da cultura legítima, mas os grupos, as gerações e as culturas que elas abarcam possuem memórias diferentes, o que faz com que tenhamos uma desafeição por elas.

Em seguida, Paveau (2013) realiza uma analogia sobre o que ela chama de “invenções intelectuais”, em que compara as descobertas científicas linguísticas com as dos outros campos científicos e afirma que os conceitos eficazes, operatórios e perduráveis são aqueles que garantem o avançar das práticas científicas. Assim como os estudos de Isaac Newton, em *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*, que se garantem imprescindíveis e

imaculados no tempo para a Física, é o caso da memória discursiva proposta por Courtine (1981), quando, em sua tese *O discurso comunista endereçado aos cristãos*, defende que a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos.

Paveau (2013) indica que quando se aborda esta questão, a definição de *memória discursiva* feita por Courtine (1981), por meio dos estudos de Foucault e Nora, é inescapável:

Introduzimos, assim, a noção de memória discursiva na problemática da análise do discurso político. Essa noção nos parece subjacente à análise da FD (Formação Discursiva) que realiza *A arqueologia do saber*: toda formulação possui em seu “domínio associado” outras formulações, que ela repete, refuta, transforma, denega..., isto é, em relação às quais ela produz efeitos de memória específicos; mas toda formulação mantém – igualmente, com formulações com as quais ela coexiste (seu “campo de concomitância” diria Foucault) ou que lhe sucedem (seu “campo de antecipação) – relações narrativas cuja análise inscreve necessariamente a questão da duração e da pluralidade dos tempos históricos no âmago dos problemas que coloca a utilização do conceito de FD. [...]. A introdução da noção de “memória discursiva” em AD nos parece assim ter por desafio a articulação desta disciplina com as formas contemporâneas da pesquisa histórica, as quais insistem no valor a ser atribuído ao longo do tempo. (COURTINE, 1981, p.52 *apud* PAVEAU, 2013, p.141-2)

Paveau (2013) destaca que a invenção de Courtine (1981) é uma reformulação do interdiscurso de Pêcheux, que segundo o seu ponto de vista é um dos conceitos linguísticos mais substanciais e o que mais sofreu simplificações. Em referência ao trabalho de Moirand (2004), *L'impossible clotûre des corpus médiatique*<sup>52</sup>, Paveau (2013) explica que, retomando Bakhtin (1984, p.393) – “Não há palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este perde-se em um passado ilimitado e em um futuro ilimitado)” – Moirand (2004) entende que o conceito de memória das palavras se liga à acepção proposta por Courtine (1981), que compreende o significado das palavras na memória histórica e pelo dialogismo proposto por Bakhtin que une a sociabilidade do sentido e a hipótese da integração de toda produção verbal a partir de uma interação social.

Sendo assim, Paveau (2013) se volta aos pré-discursos, tomando como exemplo a expressão “É Beirute!”, uma expressão que deixou de significar “a cidade de Beirute” e passou a significar “a desordem da guerra civil”. O que a analista enfatiza é que para que a expressão possua o segundo significado é necessário que o indivíduo recorra a sua memória discursiva e ao que ela denomina de “enquadre cognitivo externo”, pois há de se considerar os fatores do ambiente físico, cultural e histórico particular para se compreender a expressão.

A linguista esclarece que foram os trabalhos de cognição distribuída que propiciaram recursos para sua pesquisa, pois o seu objetivo era o de expor que nossa memória,

<sup>52</sup> Em português, *O impossível fechamento do corpo midiático*.

considerando a discursiva e a não discursiva, se faz presente nos ambientes, ou seja, ela defende que os elementos não humanos que nos rodeiam (lugares e objetos), compreendidos como fatores externos também são aparatos que nos auxiliam em nossa memória.

*do humor (na linguística)*

Num levantamento histórico das pesquisas sobre o *humor* nos estudos linguísticos no Brasil, parece-nos possível destacar o professor Luiz Carlos Travaglia como um dos precursores que apontam o humor como um campo de estudos que interessa a Linguística (TRAVAGLIA, 1989a; 1989b e 1990), seguido do professor Sírio Possenti que vê, no humor, possibilidades para testar teorias discursivas (POSSENTI, 1990; 1998; 2012; 2013).

Não é nosso objetivo traçar um percurso das pesquisas linguísticas que tomam o humor como objeto de estudo, há trabalhos que já o fizeram, sendo possível destacar o texto de Ana Cristina Carmelino e Paulo Ramos (2015), *Uma trajetória linguística sobre humor no Brasil*, como um bom levantamento das várias vertentes do campo na linguística.

Entretanto, retomaremos alguns preceitos iniciais apontados em alguns desses trabalhos. Travaglia (1990), em seu trabalho *Uma introdução ao estudo do humor pela linguística*, aponta o humor como sendo “um fenômeno complexo e multifacetado, sua pesquisa se estabeleceu como um campo de estudos necessariamente multi e interdisciplinar” (p.57), destacando que o campo já estava ganhando um espaço no campo de estudos linguísticos pelo mundo, introduzindo os trabalhos de Victor Raskin como referência no campo.

Possenti (1990) aponta possibilidades de a linguística se ater ao que faz o humor ser humor do ponto de vista da língua, explicitando quais elementos da língua propiciariam o efeito humorístico e investe, ao longo de seus estudos, na tese de que o humor se trata de um campo discursivo (POSSENTI, 2012).

Para fins de definição do que é humor, comecemos pela definição de humor dada por Raskin (1985), que pensa o humor exclusivamente no caso das piadas:

Estamos lidando com um **traço universal humano**. Responder ao humor é parte do comportamento, da habilidade, ou competência humana, outras partes de que compreendem tais manifestações sociais e psicológicas importantes do *Homo sapiens* como a língua, a moralidade, a lógica, a fé, etc. Assim como todos aqueles, o humor pode ser descrito como parte natural e parte adquirido<sup>53</sup>. (RASKIN, 1985, p.2, grifos originais, tradução nossa)

---

<sup>53</sup> “[...] we are dealing with a **universal human trait**. Responding to humor is part of human behavior, ability, or competence, other parts of which comprise such important social and psychological manifestations of *homo*

A esse traço, Raskin (1985) aponta a existência do que ele vai chamar de *ato de humor*, se fundamentando numa relação paralela com os *atos de fala*, em que há uma série de fatores como o *falante* e o *ouvinte*, o *estímulo*, a *experiência*, o *psicológico*, a *situação* e, por fim, a *sociedade*.

Raskin (1979) trata o humor como sendo dependente “de uma sobreposição parcial ou completa de textos que sejam compatíveis com a condução da piada”<sup>54</sup> (p.332, tradução nossa), ou seja, o efeito de humor se dá pela organização textual das sequências utilizadas no texto humorístico.

Ainda, de acordo com Raskin (1985), os textos seguem um roteiro inicial pressuposto, e o que causaria o humor no texto seria acionado por um elemento que é ambíguo ou contraditório dentro do script (roteiro). Raskin (1985) nomeia esse elemento como *trigger*, ou o *gatilho do humor*, termo utilizado por Possenti (1998), que se refere ao “elemento que aciona uma mudança de direção do roteiro evocado pelo próprio texto para um outro roteiro” (p.114, tradução nossa), defendendo a ideia de que o humor estaria nos próprios elementos da frase.

Ao pensar no humor em relação ao campo dos estudos discursivos, algumas considerações são colocadas por Possenti (1998), que diz que textos de caráter humorístico “são bons exemplos para explicitar princípios de análise linguística” e “bons argumentos para teses ligadas às teorias textuais e discursivas” (p.37). Para o autor, “as piadas só podem ocorrer num solo fértil de problemas” (POSSENTI, 1998, p.37), e sejam estes problemas análogos ou cronológicos, permitem a produção dos textos humorísticos. Essa produção, ainda de acordo com Possenti (2008), se vale de relações intertextuais ou de uso de estereótipos, veiculando “além do sentido mais apreensível, uma ideologia, isto é, um discurso de mais difícil acesso ao leitor” (p.38-39).

Em se tratando de textos humorísticos, que não só as piadas, é preciso pensar que alguns textos não são, por si só, de caráter humorístico. Possenti (2012) diz que o efeito de humor se deve, normalmente, a um “deslocamento de certas frases de seu campo original” (p.217), que em geral saem de um campo alto para um campo baixo. São frases que “abastecem polêmicas”, exemplificando o que Mainueneau (2008a) trata como sendo um *percurso*, ou seja, frases que têm circulação por várias formações discursivas.

---

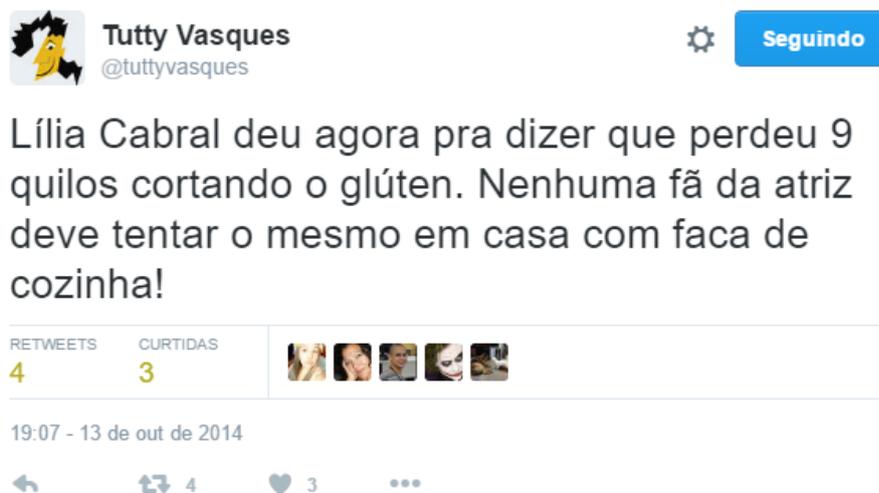
*sapiens* as language, morality, logic, faith, etc. Just as all of those, humor may be described as partly natural and partly acquired.” (RASKIN, 1985, p.2, grifos originais).

<sup>54</sup> “[...] humor depends on a partial or complete overlap of two or more scripts all of which are compatible with the joke-carrying text.” (RASKIN, 1979, p.332).

Para exemplificar tal noção, Possenti (2012), recorrendo a ideia de *gatilho do humor*, se vale do seguinte texto: “Duas freiras são atacadas e estupradas. Uma delas diz: - Pai, perdoai-lhes, eles não sabem o que fazem. A outra retruca: - Só se for o teu, porque o meu é um artista” (p.217). O que o linguista propõe é que o humor causado se dá devido ao “gatilho” que seria o fragmento “o meu é um artista”, se opondo ao enunciado anterior “não sabem o que fazem”, quebrando com o roteiro previamente imaginado, que seria de uma confirmação/concordância ao dito anteriormente. Todavia, o humor pode ser engatilhado em outros níveis que não só no discursivo mas também no fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico, dentre outros (POSSENTI, 1991).

Valendo-nos dos textos que compõem o córpus, vejamos a questão do gatilho do humor no texto destacado abaixo (figura 2.4):

Figura 2.4 Tweet @tuttyvasques 13 out. 2014



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>55</sup>

No texto, o gatilho do humor está em nível semântico: *cortar* tem tanto o sentido de *separar ou dividir por meio de objeto cortante* quanto de *interromper*. Sendo assim, o efeito de humor se dá pelo fato de Lília Cabral ter interrompido o consumo de glúten e Tutty Vasques adverte as leitoras de que este corte não se faz com faca de cozinha, ressaltando essa ambiguidade semântica.

Ainda, podemos pensar numa possível confusão que as fãs de Lília Cabral poderiam fazer entre *glúten* (proteína encontrada em cereais, especialmente no trigo, na aveia, na cevada, no centeio e derivados) e *glúteo* (referente às nádegas), por suas escritas parecidas. Sendo assim, o humor é engatilhado, então, na mudança do primeiro *script* que é o de

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/521784327172943872>>. Acesso em: 9 jul. 2016.

*interromper* pelo segundo script, o de *separar/dividir* um objeto ao meio, pois só há a possibilidade do uso da faca, se considerarmos uma confusão em que se entende *glúteo* e não *glúten* (script 1: cortar/interromper → glúten; script 2: cortar/separar/dividir → glúteo).

Levando em consideração a relação que é possível estabelecer entre humor e acontecimento, Possenti (2013, p.27-28) considera que textos de humor, em sua maioria, estabelecem relação com acontecimentos diversos, elencando as charges como um exemplo modelar para tal, pois são tipicamente relacionadas aos acontecimentos do dia. A tese que o linguista defende é “de que há relações determinadas entre linguagem e história, e que são essas as relações que explicam o surgimento, a circulação e a interpretação dos textos” (p.28).

Possenti (2013) coloca a questão dos acontecimentos numa divisão entre acontecimentos *visíveis* e *não visíveis* e que podem ter duração “curta”, “média” ou “longa”. São acontecimentos *visíveis* aqueles que circulam em jornais, TV, noticiários e, pensando na questão do humor, em programas de humor que tratam dos acontecimentos recentes ao programa. O autor coloca no caso dos acontecimentos *não visíveis* as piadas que aparecem em revistas como a Playboy, que, além de tratar de temas sexuais, são temas anacrônicos e imemoriais.

O acontecimento pode ser caracterizado “como o que foge à estrutura, ou a uma rede causal, ou a uma origem” (POSSENTI, 2013, p.29), mas não é necessariamente visível a todos. Sendo assim, Possenti (2013) fornece condições de pensar em acontecimentos discursivos como sendo aqueles que não só reformulam discursos, mas impulsionam o surgimento de outros.

Em geral, no que se refere a relação entre humor e acontecimento, Possenti (2013, p.36) propõe que o efeito de humor que se apreende dos textos humorísticos depende do tipo de acontecimento que está sendo tratado o texto. Esta consideração corrobora com o que coloca Raskin (1985), sobre o humor ocorrer em determinados grupos que têm determinadas crenças e formações ideológicas. Isto é, um acontecimento só pode se tornar risível dadas as condições de produção e a quem se dirige.

Considerando aquilo que faz rir, temos que

‘nada é risível por si só: o risível pega emprestado uma qualidade especial de pessoas ou grupos que podem vir a rir disso, e, ao menos que você conheça uma boa parte dessa pessoa ou desse grupo, você não pode, de modo algum, garantir antecipadamente a risada. A pessoas com a mesma herança social riem facilmente do mesmo tipo de piadas. É por isso que a risada muito frequentemente deixa de funcionar nas barreiras nacionais e morrem com o passar do tempo’.<sup>56</sup> (GREIG, 1923, p.71 *apud* RASKIN, 1985, p.17, tradução nossa)

<sup>56</sup> ““Nothing is laughable in itself: the laughable borrows its special quality from some persons or groups of persons how happen to laugh at it, and, unless you happen also to know a good deal about this person or group of persons,

Esta proposição corrobora para a questão colocada por Possenti (1998) sobre o fato de os textos humorísticos carregarem consigo uma ideologia além do sentido mais explícito.

‘[...] uma pessoa nunca ri sozinha – risadas são sempre risadas de um grupo social específico, e é impossível para uma pessoa associar este riso a si mesma se ela não compartilha das normas, sentimentos e ideias do grupo – ou seja, se a pessoa não faz parte disso’.<sup>57</sup> (VIKTOROFF, 1953, p.14 *apud* RASKIN, 1985, p.17, tradução nossa)

Há uma memória que pode ser interna ou externa a um grupo social. Vejamos, a seguir, dois casos que exemplificam.

Figura 2.5 *Sexta negra* 19 nov. 2014

# Sexta negra

TUTTYVASQUES

19 Novembro 2014 | 23:13



A sexta-feira enforcada entre o feriado do Dia da Consciência Negra e o fim de semana ganhou apelido na saída de São Paulo:

‘Black Friday’

Fonte: Blog *TuttyHumor*<sup>58</sup>

No caso de *Sexta negra* (figura 2.5), o efeito de humor seria engatilhado a partir do conhecimento do feriado brasileiro do *Dia da Consciência Negra* e da *Black Friday*, tradição originalmente norte-americana e mundialmente difundida que trata de um dia de promoções que inaugura a temporada de vendas de natal. Este cai sempre na quarta sexta-feira do mês, após o *Dia de Ação de Graças*, aquele é um feriado datado do dia 20 de novembro e que, no ano da publicação deste texto, caiu na quarta quinta-feira do mês, sendo a *Black Friday* no dia

---

you cannot by any means guarantee the laugh beforehand. It is only people with the same social heritage who laugh easily at the same kind of jokes. That is why laughter so often balks at national frontier, and dies away with the passage of time.’” (GREIG, 1923, p.71 *apud* RASKIN, 1985, p.17)

<sup>57</sup> ‘[...] One never laughs alone – laughter is always the laughter of a particular social group, and it is impossible to associate oneself with it if one does not share the group’s norms, feelings and ideas – in short, if one is not part of it.’ (VIKTOROFF, 1953, p.14 *apud* RASKIN, 1985, p.17)

<sup>58</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/sexta-negra/>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

seguinte. Em inglês, *black* pode ser tanto *preta/preto* quanto *negra/negro*, o que engatilha o efeito de humor decorrido da aproximação entre as palavras *negra* (*sexta negra*) e *black* (*Black Friday*), estabelecendo alguma possível relação entre as duas datas, que não têm nada a ver entre si.

Figura 2.6 Tweet @tuttyvasques 26 nov. 2014



Em novembro de 2014, Dilma Rousseff anunciou Joaquim Levy como sendo seu novo ministro da Fazenda no seu segundo mandato que começaria em 2015. O ex-ministro já era conhecido por ter sido, dentre outros cargos, secretário do Tesouro Nacional, no mandato de Lula, entre 2003 e 2006. Em referência ao acontecimento, Tutty Vasques reconta o anúncio e recorre a alguns conhecimentos ditos globais. Primeiramente, “LEVY EN ROSE”, que funciona como um título da postagem, faz referência ao título de uma música da cantora francesa Edith Piaf, *La vie en rose*, num trocadilho que faz entre *la vie* e *Levy*, por terem pronúncias bem parecidas (/la 'vi/ e /le.'vi/). *La vie en rose* quer dizer “A vida em cor-de-rosa”, em francês, metáfora de uma vida idealizada e sem problemas.

No caso de trocadilhos, podemos lançar mão do que Maingueneau (2005) propõe como sendo *captação* e *subversão*. Esses conceitos têm a ver com quando um enunciado alude a outro por imitação e não por cópia. Seria uma *captação* quando essa imitação, que pode ser do texto, do enunciado ou do gênero, mantém o sentido original, numa tentativa de manter o valor do que se faz alusão.

A exemplo disso, em Chagas (2016), numa análise também dos textos de Tutty Vasques, classificamos “Eu sou baderneiro com muito orgulho, com muito amô-or!”, recortado

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/537589065257078784>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

de um texto, funciona como captação, pois, “neste caso, é inserida uma mudança que altera o que se espera ao ouvir esse hino. Nele, há a mudança de “brasileiro” para “baderneiro”, uma captação, já que mantém o sentido, tanto brasileiro como baderneiro têm orgulho de ser o que são” (p.772).

Quanto à *subversão*, conforme Maingueneau (2005), o texto, enunciado ou gênero que se imita é desqualificado, é o caso das paródias. Em Chagas (2016) exemplificamos com o seguinte recorte, também dos textos de Tutty Vasques: ““Eike endurecer \$em perder a ternura!”” (p.772). Nesse caso há uma

subversão da célebre frase: “Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura” (“Há que se endurecer sem perder a ternura”). O colunista utiliza o nome “Eike” para ser lido com a pronúncia em espanhol, “Hay que”. A “endurecer” podem-se atribuir duas leituras: a “original”, tornar-se insensível, e a de ficar pobre, o efeito de sentido “pretendido”, que permite construir a ironia e a crítica, reforçadas pela troca da letra “s” da palavra “sem” por um cifrão “\$em”. (p.772-3)

Sendo assim, o caso de *La vie en rose* e *Levy en rose* tratam de um caso de captação, pois a imitação não segue no sentido de desqualificar o sentido original. Na sequência, Tutty Vasques marca, entre aspas, a fala de Dilma ao anunciar o novo ministro “como diriam os franceses ‘c’est Levy’! Lá-lalá-lá-lalalá...”. Há, nesse enunciado, uma duplicação: Tutty Vasques replica a fala de Dilma, que recorre a uma expressão francesa – *c’est la vie* – via captação, onde ocorre mais uma vez o trocadilho fonético entre *la vie* e *Levy*, seguido de uma referência à música francesa *La vie en rose* que termina com “Lá-lalá-lá-lalalá...”. Nesse caso, o humor parece decorrer não só do trocadilho fonético que mencionamos, mas também pelo sentido tanto da expressão *c’est la vie* quanto apenas de *c’est*. A primeira é uma expressão que indica conformismo na língua francesa, a segunda, *c’est*, significa *é*, no francês. Poderíamos entender apenas o trocadilho de pronúncia, pensar no sentido mais estrito de *c’est Levy*, que significaria algo como *é o Levy*, ou, ainda, no sentido mais elaborado de “conformemo-nos (*c’est la vie*), *é (c’est) o (Joaquim) Levy*”.

Essa última inferência pode ser confirmada quando vemos que “o mesmo” texto configurado de forma diferente quando no blog e na coluna. Abaixo, o texto publicado na coluna:

Figura 2.7 *PT que te Paris!* 27 nov. 2014

**PT que te Paris!**  
 Da presidente Dilma, batendo martelo nas internas do Palácio do Planalto sobre o novo ministro da Fazenda: “Como dizem os franceses, ‘c’est Levy!’”. Na base aliada, ele ganhou o apelido de ‘Levy en Rose’. Lá-lalá-lá-lalalá...

Fonte: Recorte da coluna *Tutty Humor*<sup>60</sup>

Comparando os dois textos, o título já não é mais o mesmo, na coluna e no blog temos *PT que te Paris!*, o fato não é reportado como o anúncio da decisão – “Da presidente Dilma **anunciando** [...]” (figura 2.6) –, mas como o momento da decisão – “Da presidente Dilma **batendo o martelo** [...]” (figura 2.7), e há uma frase ligando “c’est Levy” a “Lá-lalá-lá-lalalá...”.

Quanto ao título, *PT que te Paris!*, há outro trocadilho com a expressão “puta que te pariu!”, extremamente ofensiva, utilizada quando um indivíduo está irritado ou mesmo indignado com alguma pessoa ou situação<sup>61</sup>. O trocadilho é construído em nível fonético entre *PT* (/’pe ’te/) e *puta* (/’pu.ta/) e entre *Paris* (/pa.’ris/) e *pariu* (/pa.’riw/), mas leva para um nível semântico-discursivo: tanto entendemos uma intenção camuflada do uso da expressão em seu sentido original, como percebemos que esse uso marca um posicionamento contrário do autor em relação à decisão, de outro modo, não utilizaria tal expressão de irritação.

Ainda, temos que Tutty Vasques conta que “na base aliada, ele ganhou o apelido de ‘Levy en rose’”. “Levy en rose” aparece entre aspas, sendo atribuído à fala da “base aliada” e retoma o trocadilho já comentado anteriormente, só que, no caso, parece fazer mais sentido, pois, para a “base aliada”, ou seja, para os políticos coligados, haveria possibilidades de concretizar o mundo idealizado em cor-de-rosa e, aos contrários, restaria conformação.

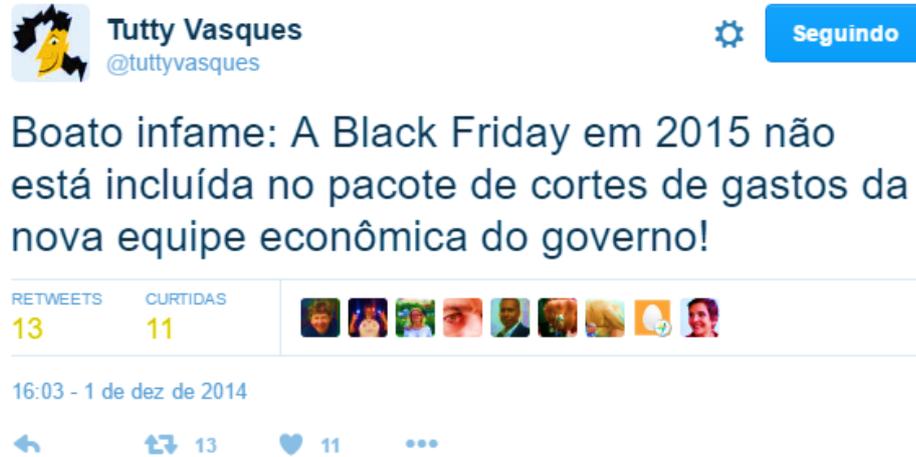
Dado a série de memórias mobilizadas para a construção desse texto, vimos que foi preciso retomar conhecimentos tanto de uma comunidade, o Brasil, no caso, quanto globais. Entretanto, tanto o texto das figuras 2.6 e 2.7 quanto o da 5, por mais que, para que o humor seja engatilhado, a retomada a conhecimentos mundiais não é suficiente para que os textos sejam risíveis por si só: esses conhecimentos globais são reconfigurados e adaptados aos

<sup>60</sup> Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20141127-44235-nac-60-cd2-c4-not/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

<sup>61</sup> A explicação da expressão demandaria maiores discussões, pois envolve uma série de memórias para construção da ofensa, mas não nos pareceu ser o caso nos ater a essa questão.

conhecimentos comunitários e o efeito de humor só é possível pela memória partilhada de determinado grupo, os brasileiros, no caso.

Figura 2.8 Tweet de @tuttyvasques 1 dez. 2014



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>62</sup>

Em mais uma referência à Black Friday, esse texto (figura 2.8) recupera mudanças econômicas propostas pelo ministro da Fazenda Joaquim Levy, após nomeação por Dilma Rousseff para seu segundo mandato. Nesse plano, o ministro conhecido como “mãos de tesoura” no primeiro mandato de Lula, propunha cortes orçamentários para melhoria do sistema econômico brasileiro. Tais gastos têm a ver com as despesas públicas e nada a ver com gastos os particulares dos indivíduos que aguardam pela Black Friday para aproveitar os descontos do dia. Para encadear os tipos de gastos, Tutty Vasques articula que se trata de “boato infame” que Black Friday estaria incluída no plano de cortes, ou seja, que seriam rumores infundados, numa tentativa de “acalmar” o possível leitor que tivesse feito tal associação, essa produz o humor do texto em questão.

Tendo em mente essas definições iniciais de humor, destacamos que Possenti (2013) aponta o humor como sendo um campo discursivo. Sendo, o humor, resultado de “práticas que se configura e às quais os sujeitos aderem, precisam aderir, ou às quais resistem”, é possível pensar, então, em *campo humorístico*, que se caracterizaria como tal por uma série de fatores que partem, basicamente, segundo Possenti (2013), do entendimento de que o humor pode tratar de qualquer assunto, e sua materialização pode ser praticada em gêneros e tipos textuais diversos.

<sup>62</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/539479798901637121>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

*dos indícios de autorais e do estilo de Tutty Vasques*

Dissemos, quando propusemos a adaptação do nó borromeano da paratopia criadora para o caso Tutty Vasques, que os processos de inscrição de um jornalista se diferem dos processos de inscrição de um escritor de literatura, e se diferem, também, do que temos chamado de jornalista/humorista. Isso se deve tanto pela figuração do autor, os modos como aparece, onde aparece, com quem, dentre outros relacionados às instâncias pessoa e escritor, quanto pela regulação imposta pelos lugares de onde fala.

Isto é, escrever um romance evoca características do que se trata ser um romance, os elementos que nele precisam aparecer para que se possa configurar um romance, se é um romance urbano, regionalista ou histórico. Escrever para uma revista de esportes é diferente do que escrever para um jornal. Escrever para um jornal de posicionamento de direita é diferente de escrever para um jornal de posicionamento de esquerda (num exemplo bem generalista e bipolarizado, se é que é possível). Enfim, o gênero, que impõe certo “roteiro”, e as instituições de fala são formas de balizar os processos de inscrição, determinam o que dizer e não dizer, delimitam um público leitor e o como dizer<sup>63</sup>.

Quando pensamos o caso Tutty Vasques temos que levar em consideração que:

- i) Alfredo Ribeiro tem formação no jornalismo, isso faz com que o modo como escreve conjura um tom de quem reporta, comede; ii) a produção de Tutty Vasques é classificada pelo próprio autor como *crônica de costumes*, gênero considerado literário, mas que tem circulação na esfera jornalística; iii) Tutty Vasques dá, aos textos, um tom de humor, o que envolve se valer de técnicas de inscrição que produzem esse efeito.

Parte dos textos que selecionamos para composição do *cópus* dessa pesquisa foram coletados da coluna e do blog de Tutty Vasques no jornal *O Estado de S. Paulo*, outra parte, de sua conta pessoal no *Twitter*, onde replicava muitos dos textos publicados naqueles outros dois suportes. Certamente entender que as instituições de fala regulam os discursos permite entender que o *cópus* coletado compreende uma produção em que há uma regulação institucional do *O Estado de S. Paulo*, jornal paulista conhecido por uma orientação política de direita, liberal e conservadora, que mesmo atribuindo ao colunista toda a responsabilidade dos textos, endossam a veiculação dos textos.

Tendo tais considerações em mente, nos interessa saber como se dá esse funcionamento no gesto inscricional de Tutty Vasques. Elencamos, no início da seção, alguns

---

<sup>63</sup> Como dito na primeira parte deste texto, não nos atentamos às questões relacionadas aos gêneros de produção de Tutty Vasques, preferindo classificá-los da maneira como o autor classifica: *crônicas de costumes*.

conceitos – *indícios de autoria, heterogeneidade discursiva, memória e humor* – sendo possível relacionar esses três últimos às três características que configuram indícios autorais, de acordo com a proposta de Possenti (2009a). Retomando, tal proposta segue no sentido de mostrar que o processo constituidor de autoria durante a textualização é, na verdade, observável em níveis discursivos, o que deixa de lado a análise que considera apenas algumas marcas de autoria. No caso de Tutty Vasques, entendemos que há algumas marcas que funcionam, também, como indícios, como veremos na análise que segue.

As três características que ajudam a identificar indícios autorais são: *dar voz a outros enunciadores, manter distância em relação ao próprio texto e evitar a mesmice*. São propriedades que não podem, assim como no nó borromeano das instâncias da paratopia criadora, ser compreendidas separadamente quando em funcionamento. Na medida em que for possível, mostraremos cada uma dessas características separadamente, mas sempre entendendo esse interdependência e funcionamento síncrono.

Vimos que o discurso é constitutivamente heterogêneo, ou seja, mesmo que não haja marcas textuais destacáveis da presença do outro, o outro é sempre uma ancoragem necessária para constituição do discurso do eu. Nesse processo, o sujeito que enuncia ganha espaço no discurso quando decide, mesmo que inconscientemente, como esse outro aparece em seu discurso. Isso tem a ver com a primeira característica que indica indícios de autoria, de acordo com Possenti (2009a), tem a ver com *dar voz a outros enunciadores*, isto é, o enunciador imprimi em seu discurso a voz do outro, o que é, nas palavras de Authier-Revuz (2004), um caso de heterogeneidade marcada. Vejamos dois casos:

Figura 2.9 Tweet @tuttyvasques 7 out. 2014

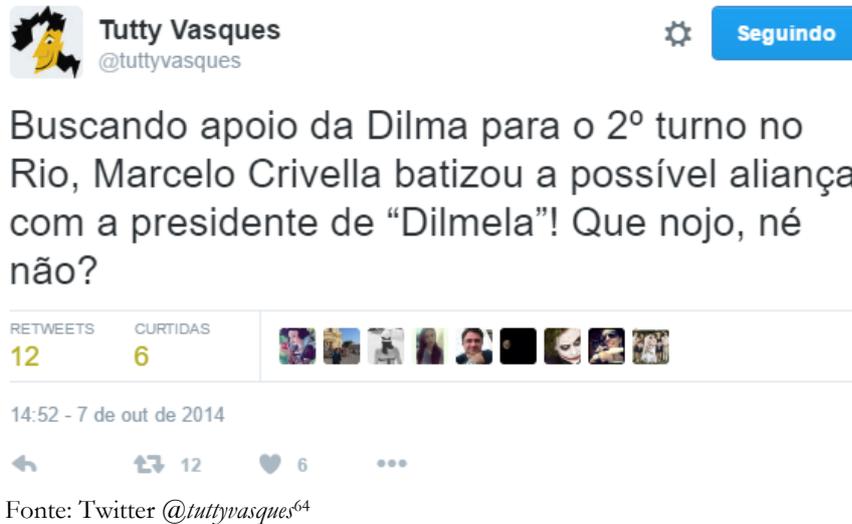


Figura 2.10 Tweet @tuttyvasques 10 out. 2014



Nos dois textos, Tutty Vasques recorre à polêmica eleição presidencial de 2014 em que Dilma Rousseff, candidata pelo PT, e Aécio Neves, candidato pelo PSDB, disputaram o segundo turno eleitoral. Além de uma retomada de um acontecimento que permite a reprodução de novos enunciados, as eleições, há, um caso de heterogeneidade marcada e mostrada: o sujeito que enuncia reporta as atividades do outro sujeito por meio de discurso relatado. Temos, no primeiro texto, um enunciador outro (Marcelo Crivella) cuja suposta fala aparece entre aspas, numa ilhota textual – “Dilmela”. As aspas servem tanto para marcar o neologismo resultante da mistura de *Dilma* e *Crivella*, quanto para conferir a Marcelo Crivella

<sup>64</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/519545695997792256>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

<sup>65</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/520598049304100864>>. Acesso em: 9 jul. 2016.

certa responsabilidade – *interlocutor<sub>1</sub> diz “x”*. É mais ou menos o mesmo que acontece no texto seguinte, com a diferença que temos, no caso, mais um sujeito envolvido – *interlocutor<sub>1</sub> aposta que interlocutor<sub>2</sub> vai torcer*.

Ainda em relação a esses dois textos, podemos observar a segunda característica elencada por Possenti (2009a) em relação aos indícios autorais: *manter a distância*. Ambos textos, ao transferir a responsabilidade, é como se o sujeito recuasse no sentido de informar que *interlocutor<sub>1</sub> diz “x”, não eu*, primeiro texto, e *interlocutor<sub>1</sub> aposta que interlocutor<sub>2</sub> vai torcer, não eu*.

Esse distanciamento é reforçado por algumas expressões que marcam a opinião do eu em relação ao outro: “Que nojo, não?” e “Começou a baixaria”. Os dois casos, além funcionarem como indicadores dessa distância em relação ao outro, imprimem claramente a opinião do sujeito que enuncia: o primeiro retoma todo o enunciado anterior e refuta, o segundo tem uma função apositiva ao texto que segue.

Enfim, a forma como Tutty Vasques elabora o texto e dá voz ao outro, mantendo certo distanciamento tem a ver com a última característica de indícios de autoria: *evitar a mesmice*. Quando Tutty Vasques se distancia em relação ao outro, não o faz apenas delimitando a voz do outro com aspas, por exemplo, mas imprimindo uma opinião. Quando diz “que nojo, não?”, é importante registrar que: i) ao escolher *que nojo*, ao invés de algum equivalente como “que estranho” ou mesmo “que diferente”, Tutty Vasques registra que “Dilmela” causa asco, que pode ser tanto pelo neologismo em si quanto pela aliança entre Dilma e Crivella; ii) o uso a partícula interrogativa “não?” funciona no sentido de confirmar a proposição anterior com seu interlocutor, esperando que seu interlocutor concorde com ele, entendendo uma certa cumplicidade de opiniões.

No segundo texto, ao dizer “Começou a baixaria”, marca uma opinião de desaprovação ao que se registra no enunciado seguinte, e não só, desaprova porque entende que os fatos de que fala são de comportamento grosseiro, sem classe.

Todas essas considerações são tomadas se entendermos todos os fatos como reais, mas, em se tratando de um jornalista/humorista, é impossível ignorar o caráter humorístico que emerge tendo todas essas considerações. A estratégia de Tutty Vasques é de retomar acontecimentos e recorrer à memória para construir enunciados e atribuí-los a um outro que fala: nem Crivella cogitou o neologismo *Dilmela* nem Dilma declarou apostar que Aécio torceria para a Argentina.

Nesse último caso, há uma ancoragem num conhecimento social, numa memória discursiva que registra o Brasil como inimigo da Argentina nos campos de futebol e que faz com que seja traçado um paralelo comparativo entre a rixa *Brasil x Argentina* e *Dilma x Aécio*, o humor é engatilhado, então, por essa sobreposição inesperada de campos, o futebolístico e o político.

Outro exemplo para essa característica de *dar voz ao outro* pode ser visto no texto da figura 2.11, abaixo:

Figura 2.11 *Efeito Francenildo* 8 out. 2014

## Efeito Francenildo

TUTTY VASQUES

08 Outubro 2014 | 15:21

Indicado para ministro da Fazenda de Aécio Neves, Armínio Fraga deu agora pra dizer que, uma vez em Brasília, faria uma gestão parecida com a de Antonio Palocci.

Só deve mudar o caseiro!

Fonte: Blog *TuttyHumor*<sup>66</sup>

Contextualizando: durante as eleições presidenciais de 2014, o candidato Aécio Neves declarou que, caso ganhasse, nomearia o presidente do Banco Central Armínio Fraga como ministro da Fazenda. Após essa declaração, Armínio Fraga disse que seu plano de gestão se assemelharia com o de Antônio Palocci, ex-ministro da Fazenda no período de presidência de Luís Inácio Lula da Silva, e que foi demitido, em 2006, pelo próprio presidente, por envolvimento na Ação Penal 470, mais conhecida como *Mensalão*. Àquela altura, Francenildo Costa, um caseiro, que declarou publicamente para a imprensa e para a Polícia Federal que vira Antônio Palocci frequentando uma determinada mansão em que eram realizadas reuniões e festas. No local, Palocci e outros envolvidos politicamente teriam reuniões que se faziam negociações suspeitas. Tal declaração impulsionou uma série de descobertas envolvendo o político em questão.

No texto, temos que Tutty Vasques reporta o que Armínio Fraga disse, mas, ao fazê-lo, não seleciona apenas verbos de dizer para atribuir a ele o que foi dito. Além do verbo *dizer*, Tutty Vasques acrescenta o comentário “**deu agora pra dizer**”, que é um tipo comentário

<sup>66</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/efeito-francenildo/>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

que é feito antes de se falar de ações que causam certa indignação por antes funcionarem de outra maneira. Um exemplo aleatório do uso desse comentário seria um diálogo entre dois amigos em que um diz que seu carro é muito econômico e sempre funcionou muito bem, mas que “deu agora pra ter problemas”, ou seja, há uma indignação não só pelo fato de ter problemas, mas por não ser o esperado do carro, que antes funcionava muito bem.

O fato de Armínio Fraga recuperar justamente o modelo econômico de Antônio Palocci causa espanto, levando em consideração todas as polêmicas relacionadas ao ex-ministro. Talvez fosse possível justificar tal fato se entendermos que, em resposta aos ataques da presidenta Dilma ao modelo econômico de FHC, essa fosse uma estratégia de marketing político de um partido reconhecer no outro as qualidades, o que não vem ao caso. Importa destacar que Tutty Vasques diz “só deve mudar o caseiro”, insinuando que, caso Fraga assumisse o ministério e se realmente se baseasse, mesmo que em partes, no modelo de Palocci, a única diferença seria o caseiro, ou seja, era esperado que Fraga também se envolvesse em casos de corrupção e que, por fim, fosse denunciado por um caseiro. O humor é engatilhado por esse resgate inesperado do caso Francenildo na memória comunitária.

Os textos destacados acima elucidam as três características que configuram o que Possenti (2002; 2009) diz se tratar de *indícios de autoria*. Tais indícios incidiriam na organização discursiva, ou seja, como o *eu* e o *outro* se relacionam e esculpem, na textualização, uma imagem autoral. Este texto seguirá subdividido em seções referentes a algumas marcas autorais de Tutty Vasques que acreditamos funcionar também como indícios, uma vez que surgem para costurar a voz do *outro* imprimindo o *eu*.

#### *algumas marcas autorais*

Os textos destacados acima elucidam as três características que configuram o que Possenti (2002; 2009) diz se tratar de *indícios de autoria*. Tais indícios incidiriam na organização discursiva, ou seja, como o *eu* e o *outro* se relacionam e esculpem, na textualização, uma imagem autoral. Este texto seguirá subdividido em subseções referentes a algumas marcas autorais de Tutty Vasques que acreditamos funcionar também como indícios, uma vez que surgem para costurar a voz do *outro* imprimindo o *eu*. Aqui, nos parece interessante recuperar o que Mainueneau (2008b) discorre sobre os *modos de enunciação*.

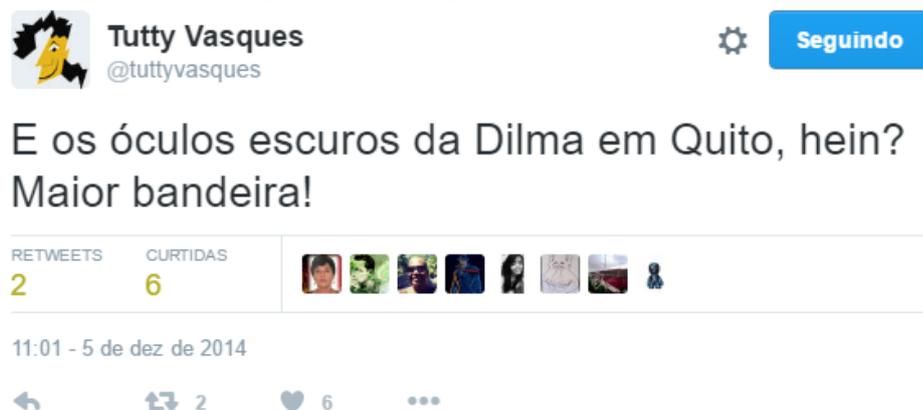
Quando trata do que chama de *semântica global*, que tem a ver com os planos discursivos dentro de um campo discursivo e não com conjuntos de produção específicos,

Maingueneau (2008b) destaca que, dentre alguns dos planos há os *modos de enunciação*. A esses modos de enunciação está ligado o que Maingueneau (2008b) chama de “modos de dizer”, que se relaciona a um *tom*, que muito tem a ver com a voz, a oralidade, o ritmo do texto: “o discurso, por mais escrito que seja, tem uma voz própria, mesmo quando a nega. [...] O próprio ‘tom’ se apoia sobre uma dupla figura do enunciador, a de um *caráter* e a de uma *corporalidade*, estreitamente associadas” (p.91-92).

O “modo de enunciação” obedece às mesmas restrições semânticas que regem o próprio conteúdo do discurso. Não apenas o modo de enunciação torna-se frequentemente tema do discurso, mas, além disso, esse conteúdo acaba por “tomar corpo” por toda a parte, graças ao modo de enunciação: os textos falam de um universo cujas regras são as mesmas que presidem sua enunciação. (MAINGUENEAU, 2008, p.93)

No caso de Tutty Vasques, não estamos tratando de um campo discursivo e nem temos um caso de materialização discursiva que se vale da voz (pensando na corporalidade), ou seja, o tom de seus textos é observável apenas na ordem dos enunciados. Porém, essa proposição é recuperável na medida em que, observando a produção de Tutty Vasques, temos enunciados que, por mais que escritos, se valem de traços da oralidade e que conferem um tom de conversa. Vejamos nos textos que seguem (figuras 2.12, 2.13, 2.14 e 2.15).

Figura 2.12 Tweet @tuttyvasques 5 dez. 2014



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>67</sup>

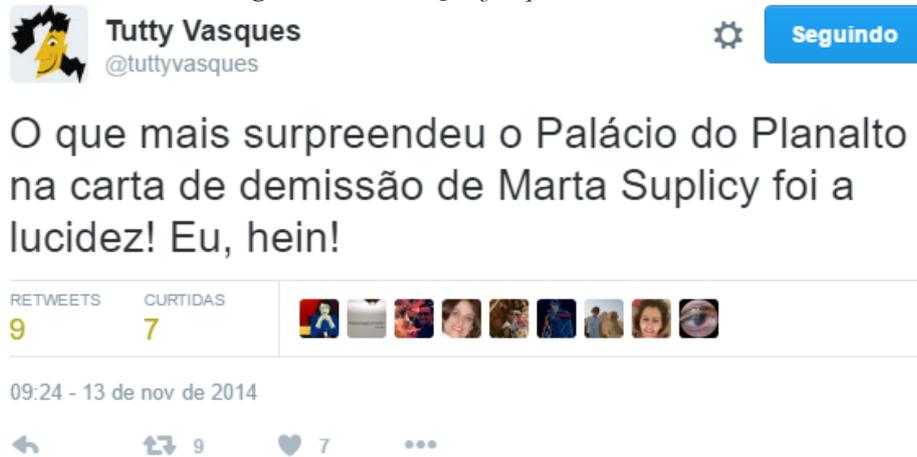
<sup>67</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/540853590890651649>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

Figura 2.13 Tweet @tuttyvasques 30 nov. 2014



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>68</sup>

Figura 2.14 Tweet @tuttyvasques 13 nov. 2014



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>69</sup>

Figura 2.15 *Sustentabilidade* 17 out. 2014

# Sustentabilidade

TUTTYVASQUES

17 Outubro 2014 | 21:42

De Aécio Neves, ainda sob o impacto do primeiro encontro com Marina Silva de cabelo solto:

“Como é que esse rabo de cavalo todo cabia naquele coque?”

Aí tem!

Fonte: Blog *TuttyHumor*<sup>70</sup>

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/539132750121684992>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

<sup>69</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/532856563841896449>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

<sup>70</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/sustentabilidade-6/>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

Todos esses textos têm marcas que caracterizam esse tom de conversa por meio de marcas de oralidade que conferem esse tom, são marcas: “hein?”, “Maior bandeira!”, “É mole?”, “Aí tem!” e “Eu, hein!”. Podemos usar “hein?”, que é uma interjeição, como partícula interrogativa para confirmar o que foi dito, para indicar uma dúvida, um não entendimento, ou ainda, como um conectivo entre a retomada de um tópico e um comentário. Este último caso contempla o texto da figura 2.12, em que há retomada à viagem da presidenta Dilma a quito e o fato de ela estar usando óculos escuros. Na sequência, temos “maior bandeira!”, versão reduzida de “dar maior bandeira!”, que tem sentido e informar que alguém cometeu uma gafe por dizer ou fazer algo inadequado, expondo-se, de certa forma, ao ridículo.

No texto seguinte (figura 2.13), temos a expressão “é mole?” que tem sentido de “dá pra acreditar?” ou “não é fácil não!”, muito usada em comentários sobre alguma situação. Nesse caso, especificamente, o comentário pode recair tanto na situação do Estado Islâmico quanto na aparente complexidade na classificação do Estado Islâmico pelo sociólogo.

Por último, no texto *Sustentabilidade*, há a expressão “aí tem!”, que é usada quando se pensa que há algo a mais não contado sobre alguma coisa. O texto remonta o primeiro encontro de Aécio Neves com Marina Silva, quando a ex-candidata oficializou apoio ao ex-candidato no segundo turno das eleições, em que Marina Silva apareceu com seu cabelo, volumoso, solto, e uma vez que sempre aparece de coque o fato surpreendeu de certa maneira. Precisamos considerar o trocadilho no título, pois *sustentabilidade* pode significar a condição de algo que é sustentável, que se pode manter, mas pode também fazer referência ao partido fundado pela política, *Rede Sustentabilidade*, mais conhecido como REDE. O humor é engatilhado pela relação entre “sustentabilidade” e “como é que esse rabo de cavalo todo cabia naquele coque?”, em que a sustentabilidade do coque estaria sendo questionada, o que se confirma com a expressão “aí tem!”, utilizada quando se assume que tem algo não dito, no caso, o como é possível ter tanto cabelo, já que volume, preso a um coque relativamente pequeno, em comparação ao tamanho do cabelo.

De certa maneira, tais marcas da oralidade caracterizam os *modos de coesão* no texto de Tutty Vasques. Essa categoria tem a ver, como já vimos anteriormente em alguns textos, com os recortes discursivos e a forma com que são tratados e encadeados no discurso. Tem relação com o que vimos anteriormente, sobre dar voz ao outro e manter distância em relação ao outro, de que fala Possenti (2009a), bem como muito tem muito a ver com a heterogeneidade discursiva, que falamos em seção anterior, baseando-nos nas concepções gerais de Authier-Revuz (2004).

Todavia, numa dinâmica que propõe uma semântica global, ou seja, que trata de vários planos discursivos constitutivos de uma semântica global, a partir da interdiscursividade, os *modos de coesão* podem ser entendidos como uma *anáfora discursiva*, ou seja, como, dentro de um campo discursivo, são construídas as remissões internas e externas. Isto é, há marcas na materialidade discursiva que delimitam o posicionamento discursivo de onde se fala.

Sendo assim, mesmo que não estejamos tratando de um campo discursivo, as marcas de oralidade que destacamos podem mostrar, talvez, um ponto de vista do autor, mas não necessariamente funcionam como conectores discursivos. Elas tanto conferem um tom de conversa quanto para circunscrever a inter-relação dos textos como parte de um compilado a que se atribui uma autoria, o que não tem necessariamente a ver com a mobilização de outros discursos.

Mas há, além dessas marcas que atribuem aos textos um tom de conversa, outras que consideramos não só marcas autorais recuperáveis por uma regularidade mas também indícios autorais, pensando na proposta de Possenti (2009a), ou seja, marcas que, ao mesmo tempo que caracterizam a produção de Tutty Vasques, (re)orientam as interpretações discursivas e funcionam como *anáforas discursivas*. Veremos, na sequência, algumas delas: “ô, raça!”, “entreouvido”, “cá pra nós”, “caramba” e “e não se fala mais disso ok?”.

“ô, raça!”

A primeira marca é a expressão – “ô, raça!” –, que inclusive dá nome ao livro de Tutty Vasques, pois é uma característica que marca o estilo de Tutty Vasques e que podem aparecer tanto no corpo do texto quanto como título de algumas publicações. Veremos, na sequência, alguns textos de Tutty Vasques que exemplificam o uso dessa expressão.

Figura 2.16 *Sem folga* 7 nov. 2014

**Sem folga**  
 Vem aí a Proclamação da  
 República, mais um feriado  
 inútil de fim de semana!  
 Nessas horas, o brasileiro  
 – ô, raça! – sente saudades  
 da Copa.

Fonte: Coluna *Tutty Humor*<sup>71</sup>

Figura 2.17 *Faremos agora uma pequena pausa...* 20 out. 2014

## Faremos agora uma pequena pausa...

TUTTY VASQUES

20 Outubro 2014 | 07:00



reprodução

**O pessoal da TI – ô, raça! – avisa que o blog ficará fora do ar na manhã desta segunda-feira, prometendo depois disso restabelecer a interatividade desta joça. Eu também estou com saudades dos leitores fiéis e dos desaforos de webpraxe! Espero reencontrá-los em breve na seção ‘Comentários’, extinta há 4 meses por problemas técnicos alheios à vontade deste blogueiro velho de guerra. Oremos!**

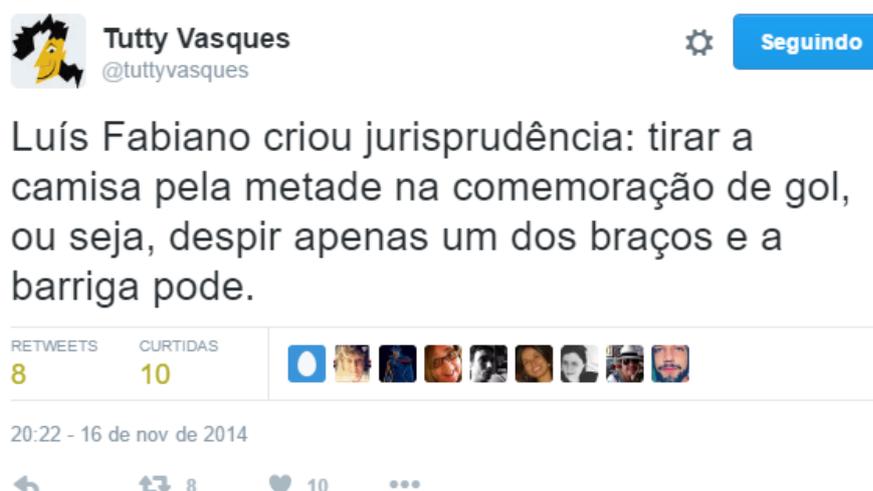
Fonte: Blog *TuttyHumor*<sup>72</sup>

Ambos textos têm, algum momento, a expressão “ô, raça!”, que caracteriza o estilo de Tutty Vasques, pois, considerando as proposições de Authier-Revuz (2004), pode ser entendida como uma *balizagem interpretativa*, ou seja, uma expressão que tem função modalizadora enunciativa. Vejamos, em um texto de Tutty Vasques, um exemplo de balizagem:

<sup>71</sup> Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20141107-44215-nac-47-cd2-c4-not/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

<sup>72</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/faremos-agora-uma-pequena-pausa/>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

Figura 2.18 Tweet @tuttyvasques 16 nov. 2014



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>73</sup>

No texto acima (figura 2.18) há uma referência ao seguinte ocorrido: o jogador de futebol Luís Fabiano ao fazer o primeiro gol a favor de seu time, São Paulo, numa partida contra o Palmeiras, começou a tirar a camisa em comemoração, mas não chegou a tirar completamente e voltou a vesti-la. Há uma regra da Confederação Brasileira de Futebol que proíbe que se tire a camisa durante as partidas de futebol, mesmo que tenha outra camisa por baixo ou só levante a camisa para cobrir o rosto, acarretando em cartão amarelo para o jogador que o fizer. Fato é que nessa partida Luís Fabiano não fez nenhuma dessas coisas, ele tirou um braço e, na sequência, já recolocou a camisa, o que ficou sendo comentado como “semi-tirada de camisa”.

Em alguns casos em que não há leis para o julgamento, em Direito, tem-se o que se chama *jurisprudência*, que é o conjunto de regras criado quando o caso vai para os tribunais superiores para que se firme um posicionamento em relação a esse caso e que sirva de modelo para julgamentos futuros. No texto acima, ao retomar o caso relatado, Tutty Vasques entende como sendo uma situação que configura jurisprudência. Dessa jurisprudência, define-se que “tirar a camisa pela metade na comemoração do gol, **ou seja**, despir apenas um dos braços e a barriga pode”. Esse conectivo “ou seja” é um balizador de sentidos que, a partir das proposições de Authier-Revuz (2004), reformula o que o autor, de onde fala, entende por “tirar a camisa pela metade”, que é “despir apenas um dos braços e a barriga”. Aparentemente, as duas reformulações têm o mesmo sentido, mas nos parece ser onde acontece o humor, já que “tirar

<sup>73</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/534109319810519040/>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

a camisa pela metade”, a “semi-tirada de camisa” que comentamos, não faz sentido, a princípio – pela lógica, não se tira a camisa pela metade – e Tutty Vasques explica, então, de que se trata essa jurisprudência.

No caso de “ô, raça!” (figuras 2.16 e 2.17), o autor faz uma pausa para, com distanciamento, tecer um comentário irônico que pode ser tanto de desaprovação/discordância quanto para ressaltar que se trata de um grupo cujas peculiaridades se sobressaem. Trata-se de um dos esquemas de balizagem interpretativa que Authier-Revuz (2004) propõe – *x, comentário sobre x* – em que, ao enunciar, o sujeito reinterpreta o que foi dito para dar a um novo sentido ou mesmo para dar ênfase àquela informação.

No texto *Sem folga* (figura 2.16), por exemplo, Tutty Vasques pausa para comentar “brasileiros”, o mesmo que acontece com “o pessoal da TI” no texto *Faremos agora uma pequena pausa...* (figura 2.17). Se considerada a totalidade do texto, essa pausa serve para dizer que “o brasileiro”, que tanto reclamou da Copa de 2014 no Brasil, recorrendo a uma memória do acontecimento, ainda preferiria a copa a um feriado num domingo, ou seja, uma “raça” que estabelece opiniões com base nos próprios interesses, pois, certamente, é melhor os dias de folga durante os jogos do Brasil na copa do que um feriado no domingo, em que já não se trabalha de qualquer forma.

No outro texto (figura 2.17), temos um comentário que se refere ao “pessoal da TI”. É preciso ter uma noção da totalidade do texto para poder validar a reinterpretação: temos a informação de que o blog estaria inativo por um dia para reparos em problemas técnicos, mas quando Tutty Vasques faz esse comentário, “ô, raça!”, atribui a esse grupo de pessoas, a essa “raça”, a culpa da inatividade do blog naquele dia e a culpa da falta de funcionalidade da opção *comentários* que já estava ocorrendo por meses.

Nesse texto, é possível observar, ainda, outras marcas de heterogeneidade em que Tutty Vasques assinala, por meio de discurso relatado indireto, o que é dito pelo “pessoal da TI” e o que ele diz: “**o pessoal da TI** – ô, raça! – **avisou** que o blog ficará fora do ar [...] **prometendo** depois disso reestabelecer [...]”, “*Eu também estou com saudades dos leitores fiéis [...]! Espero reencontrá-los em breve [...]*”. Há, nesse trecho, três interlocutores: o *eu* que enuncia e dois outros – **o pessoal da TI** e os leitores fiéis. Esses são uma terceira pessoa de que se fala, aquele o emissor do aviso reportado pelo eu do enunciado.

Figura 2.19 Tweet @tuttyvasques 10 out. 2014



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>74</sup>

Nesse último texto (figura 2.19), além de o comentário sobre o elemento anterior a “ô, raça!” ter esse caráter de ressaltar que se trata de um grupo cujas características são peculiaridades – por mercado podemos entender tanto o *local onde se vendem mercadorias* quanto a *atividade que envolve relações de compra e venda de produtos* – o elemento de que se comenta aparece entre aspas: “o mercado”. Ou seja, “ô, raça!” não funciona exatamente da mesma forma que nos textos anteriores, nesse caso, Tutty Vasques marca que “o mercado”, da maneira que se entende, não é como ele entende, o que faz com que “ô, raça!”, na sequência, reforce um distanciamento já marcado pelas aspas em “o mercado”.

<sup>74</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/523099671527698432/>>. Acesso em: 9 jul. 2016

Figura 2.20 O Brasil mudou! 23 out. 2014

# O Brasil mudou!

TUTTY VASQUES

23 Outubro 2014 | 11:29

Recall da Colgate-Palmolive é o primeiro do Brasil para antisséptico bucal com bactéria, mas logo, logo a concorrência entrará nessa briga.

Foi assim nos casos do leite com formol e do extrato de tomate com pelo de rato, dois clássicos da Anvisa.

Essas coisas a oposição não vê – ô raça!

Fonte: Blog *TuttyHumor*<sup>75</sup>

A figura 2.20 é mais um exemplo interessante do uso de “ô, raça!” e que surte um efeito de humor. Temos uma retomada a um acontecimento: em outubro de 2014, a Colgate-Palmolive, empresa de produtos de higiene bucal, pessoal, limpeza e nutrição animal, teria realizado um recall, isto é, recolhendo e repondo produtos defeituosos de um lote de produtos que tinham um nível de bactérias acima do permitido: “Recall da Colgate-Palmolive é o primeiro do Brasil para **antisséptico** bucal com **bactéria**”. Logo na sequência, prossegue resgatando uma memória de acontecimentos similares: “Foi assim nos casos do leite com formol e do extrato de tomate com pelo de rato, dois clássicos da Anvisa”.

O efeito de humor é decorrente de uma série de elementos. A primeira quebra de script estaria em o “primeiro **antisséptico** bucal com **bactéria**”: *antisséptico* se refere a uma substância que supostamente impede a existência e proliferação de micróbios, as *bactérias* são um tipo de micróbios. Logo, não se espera que um antisséptico bucal tenha bactérias, esperaríamos um roteiro como “o primeiro antisséptico bucal com durabilidade 24h” ou “o primeiro antisséptico bucal sem álcool”, dentre outras opções, sendo que essa quebra de roteiro já causa, se não o riso, um estranhamento.

A segunda quebra de roteiro estaria em “mas logo, logo a concorrência entrará nessa briga”, em decorrência do fato de ser o “primeiro antisséptico bucal com bactéria”, pois não é previsível que, num caso desses, marcas concorrentes queiram desenvolver produtos similares que incitem uma disputa nas vendas.

<sup>75</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/o-brasil-mudou-2/>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

Por fim, em “Essas coisas a oposição não vê – ô, raça!” temos o último gatilho do humor. Sempre que se tem um tópico que causa polêmica, essa dita “oposição” pode ser retomada, uma vez que a própria palavra “oposição” pressupõe um confronto de ideias. Muito utilizada no campo político, a delimitação do que se trata a “oposição” depende de uma contextualização. No caso do texto da figura 2.20, a oposição pode compreender o grupo de pessoas que se manifestaram chocados com o fato de a Colgate-Palmolive ter liberado um lote de antisséptico bucal com bactérias acima do permitido. O uso de “ô, raça!”, na sequência de “Essas coisas a oposição não vê”, pontua essa instabilidade da “oposição” que ajuíza o ocorrido sem levar em consideração que outros problemas que invalidam a qualidade do produto já aconteceram de outras formas em diferentes situações (“casos do leite com formol e do extrato de tomate com pelo de rato”), podendo, ainda, arriscar na inferência de que das outras vezes essa mesma “oposição” não tenha dado tanta importância.

Em geral, a expressão “ô, raça!” aparece ou no título do texto ou com uma função apositiva. Nesse último caso, o sentido não é de esclarecimento ou explicação do nome que precede, mas aparece como um comentário que tem sempre o sentido de imprimir ao nome antecede, que normalmente são de grupos (o mercado, a oposição, o pessoal da TI, etc), um efeito de distanciamento em relação ao autor.

Tal expressão pode ser entendida como sendo uma marca de Tutty Vasques por ter uma recorrência considerável em seus textos. No cópulo coletado, mesmo não tendo um número grande de ocorrências em relação a quantidade de textos publicados (tabela 1), é proporcionalmente relevante se se considerada a quantidade de dias que o cópulo abarca, 65 dias.

**Tabela 1** Ocorrências do modalizador “ô, raça!”

| <b>Suporte</b>                                                             | <b>Ocorrências (quantidade de textos)</b> |
|----------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| <i>Blog</i>                                                                | 11* (353)                                 |
| <i>Coluna</i>                                                              | 12* (288)                                 |
| <i>Twitter</i>                                                             | 2 (268)                                   |
| * com uma (1) ocorrência da expressão traduzida para o inglês (“ô, race!”) |                                           |

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

“entreouvido”

A segunda marca autoral elencada é o termo “entreouvido”. Vejamos o texto da figura 2.21.

Figura 2.21 *Copacabana te engana* 17 nov. 2014

# Copacabana te engana

TUTTYVASQUES

17 Novembro 2014 | 11:37

Entreouvido no domingo em meio à debandada da multidão na Avenida Atlântica:

“Bons tempos aqueles em que arrastão em Parada Gay era só o nome das meias dos travestis e transexuais!”

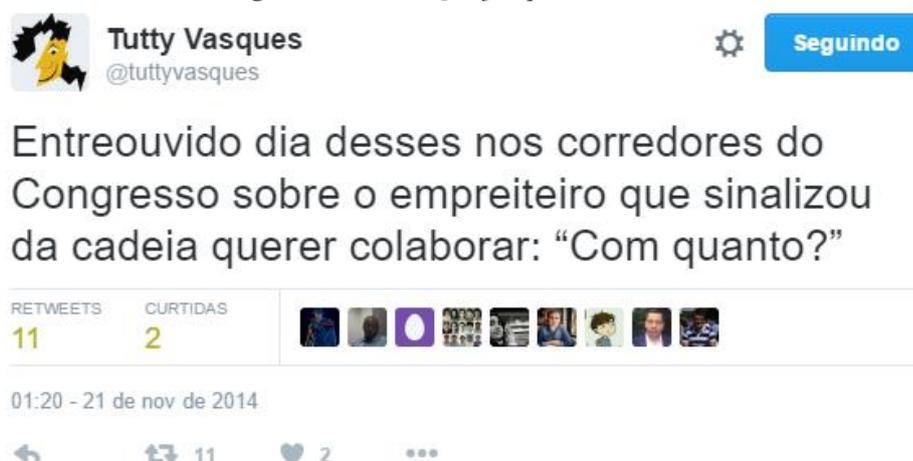
Fonte: Blog *TuttyHumor*<sup>76</sup>

Nesse texto, *Copacabana te engana*, temos configurada a seguinte situação: há uma multidão que está meio a uma correria na Avenida Atlântica, o que reconstrói o cenário de arrastões e assaltos que ocorreram durante a 19ª Parada do Orgulho LGBT do Rio. “Entreouvir” tem um sentido de *ouvir imprecisamente, confusamente*. Posto isto, Tutty Vasques reporta que entrevistou-se, meio a essa situação, o seguinte: “Bons tempos aqueles em que arrastão em Parada Gay era só o nome das meias dos travestis e transexuais!”.

O uso das aspas marca o enunciado do outro, mesmo que seja um outro indistinto, e ocorre algo parecido aos textos das figuras 2.1 e 2.2, em que Tutty Vasques atribui a Dilma e a Marcelo Crivella enunciados que não foram ditos por eles, o autor entende como sendo um possível enunciado meio a situação e o atribui às pessoas presentes na parada. Há um efeito de humor que recai na ambiguidade semântica da palavra *arrastão* que pode significar tanto um *tipo de assalto realizado por grupo numeroso de delinquentes enquanto avança rapidamente em meio a grande concentração de pessoas* quanto um tipo de meia-calça dita feminina que também é utilizada por travestis e transexuais. O gatilho está no fato de que, diferente do que se esperava numa Parada Gay, apenas meias arrastão, tiveram arrastões de assalto também.

<sup>76</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/copacabana-te-engana/>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

Figura 2.22 Tweet @tuttyvasques 21 nov. 2015



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>77</sup>

Há, nesse texto (figura 2.22), outro exemplo do uso de “entreouvido”, num contexto de uma conversa de corredor no Congresso sobre o fato de um dos empreiteiros presos na *Operação Lava-Jato* ter declarado que contribuiria com a investigação. Essa operação foi deflagrada em março de 2014 pela Polícia Federal como sendo uma mobilização investigativa de um grande esquema de lavagem e desvio de dinheiro que envolviam a Petrobrás, algumas empreiteiras e políticos.

Considerando a declaração de que esse empreiteiro interessava em *contribuir*, é possível atribuir a esse verbo tanto o sentido de *cooperar no desenvolvimento de alguma coisa* quanto de *oferecer auxílio material ou financeiro*. Ocorre que numa conversa nos corredores do Congresso implica inferir uma conversa entre deputados e senadores, um grupo a que se relaciona a ideia de corrupção – todo (ou quase todo) político é corrupto. Se assim o são, quando Tutty Vasques atribui a uma voz indistinta dentre as conversas nos corredores do Congresso o enunciado “com quanto?”, muda-se o enfoque de que o empreiteiro teria declarado contribuir com as investigações para fazer valer a ideia de *oferecer auxílio financeiro*, onde engatilha-se o humor do texto.

A tabela (2) abaixo registra as ocorrências de *entreouvido* nos textos de Tutty Vasques.

<sup>77</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/535633895077978112>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

Tabela 2 Ocorrências do sintagma “Entreouvido”

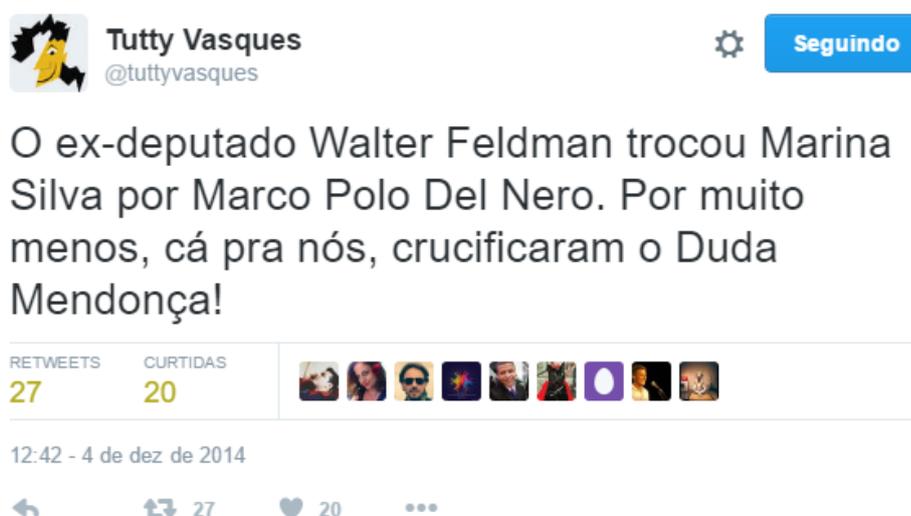
| Suporte        | Ocorrências (quantidade de textos) |
|----------------|------------------------------------|
| <i>Blog</i>    | 7 (353)                            |
| <i>Coluna</i>  | 7 (288)                            |
| <i>Twitter</i> | 6 (268)                            |

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

“cá pra nós”

A seguir, veremos alguns textos em que aparecem a expressão “cá pra nós”, que é marca característica de Tutty Vasques.

Figura 2.23 Tweet @tuttyvasques 4 dez. 2014



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>78</sup>

Primeiramente, uma contextualização: Walter Feldman, ex-deputado, como dito no texto, foi coordenador da campanha de Marina Silva em 2014. Um mês após o fim das eleições, assumiu cargo de secretário-geral da Federação Paulista de Futebol, presidida por Marco Polo Del Nero. Duda Mendonça é um importante publicitário brasileiro que trabalhou em campanhas políticas de sucesso, por exemplo, a campanha que elegeu o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva em 2002. O publicitário foi alvo de investigações na Ação Penal 470, o *Mensalão*, por sonegação de impostos do valor recebido pela campanha do presidente mencionado, já que se tratava de um pagamento classificado como “não contabilizado”, sendo

<sup>78</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/540516541599862784/>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

absolvido após restituição do saldo devedor ao fisco e por não terem sido levantadas provas que comprovassem de que esse valor teria origem ilícita dos recursos. Ainda, em 2004, foi preso em flagrante numa ação da Polícia Federal de repressão de rinhas de galos, considerado crime ambiental.

Posto isso, retomando o texto da figura 2.23, Tutty Vasques, após dizer que Walter Feldman “trocou” Marina Silva por Marco Polo Del Nero, há uma suposta comparação entre Walter Feldman e Duda Mendonça. Só é possível entender essa comparação quando temos “Por muito menos, cá entre nós, **crucificaram** Duda Mendonça”. Há uma aparente indignação por parte de quem enuncia pelo fato de a mudança de cargo de Walter Feldman não ter “crucificado” por isso. Por *crucificar* entendemos que, além de *pregar na cruz*, apreende-se o sentido de *atormentar*. Fato é que, se considerarmos o histórico de Feldman e Mendonça, veremos que temos dois percursos que muito se diferem: esse carrega consigo várias polêmicas e envolvimento em situações ditas criminosas, aquele não tem nenhum registro desse tipo.

Quando diz “por muito menos”, seguido de “cá pra nós”, Tutty Vasques assume: i) uma cumplicidade com o seu interlocutor, entendendo que esse interlocutor partilha das mesmas ideias que ele, além de ser uma expressão que se usa numa conversa entre indivíduos que confidenciam pensamentos; ii) um tom irônico, caso de heterogeneidade marcada e não mostrada, pois, ao assumir que Feldman deveria ter sido mais crucificado que Mendonça há um efeito de humor gerado pelo conhecimento do histórico de ambos – certamente Tutty Vasques não pensa que Feldman precise de ser alvo de críticas e de que Mendonça não tenha dado razões para ter sido “crucificado” (caso contrário o efeito de humor não existiria).

Temos, a seguir, outro caso do uso de “cá pra nós” (figura 2.24):

Figura 2.24 *Cá pra nós* 26 nov. 2014

**Cá pra nós**  
 Que ninguém nos ouça, mas  
 a aposentadoria de FHC  
 na USP (R\$ 22,1 mil) é talvez  
 a única coisa boa que rendeu  
 notícia este ano na universidade!  
 Melhor que estupro, né não?

Fonte: Coluna *Tutty Humor*<sup>79</sup>

Em 2014, a Universidade de São Paulo, USP, esteve várias vezes no noticiário diário por várias ocorrências de violência como roubos, estupros, ataques homofóbicos e até

<sup>79</sup> Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20141126-44234-nac-44-cd2-c4-not/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

mesmo o caso de um rapaz encontrado morto dentro da cidade universitária, em São Paulo. Fernando Henrique Cardoso, FHC, ex-presidente do Brasil, é professor aposentado em 1968 como professor catedrático dessa mesma instituição. No dia 17 de novembro de 2014, o Portal da Transparência, site por onde a população pode acompanhar os gastos da verba pública, divulgou os vencimentos de mais de 29 mil servidores, ativos e aposentados, dentre eles, FHC. O professor catedrático da USP, que receberia, àquela altura, R\$22.150,00 ao mês, valor superior ao teto no estado de São Paulo, teria declarado considerar “razoável” o valor da aposentadoria.

No texto da página anterior (figura 2.24), o título é a expressão *cá pra nós*, que registra, como dito no texto anterior, um tom de conversa entre pessoas que teriam os mesmos posicionamentos, pois redireciona determinado tópico em discussão para a “reavaliação” a partir do que “nós” pensa. Nesse caso, funciona naquele esquema de *dizer x, comentário sobre x* (cf. Authier-Revuz, 2004), em que o elemento de que se fala, tanto os casos de violência na USP quanto a aposentadoria de FHC, precede a enunciação, pois é recuperado numa memória de fatos recentes à publicação do texto e que teve uma certa circulação. O humor desse texto é efeito de uma ironia no comentário sobre o fato pela comparação da notícia da aposentadoria de FHC com os casos de violência em que Tutty Vasques diz que a notícia dessa aposentadoria seria “melhor que estupro”, seguido da partícula interrogativa “né não?” que confirma a pressuposição de que seu interlocutor compartilhe da mesma ideia. Por serem situações fundamentalmente incomparáveis – casos de violência que ferem os direitos humanos e um caso de previdência – mas igualmente polêmicas, em diferentes instâncias, o que impossibilitaria suavizar um em prol de outro, há uma ironia como efeito, pois, ao que parece, Tutty Vasques não acredita, sabendo das distinções, que um caso seja realmente melhor que outro.

Essa expressão “cá pra nós” pode ser entendida como modalizadora, uma vez que inclui um interlocutor e redireciona o sentido do que foi dito para o sentido que Tutty Vasques acredita compartilhar com esse interlocutor a que se refere. Tal expressão é, também, consideravelmente recorrente na produção de Tutty Vasques (tabela 3).

**Tabela 2** Ocorrências do modalizador “cá pra nós”

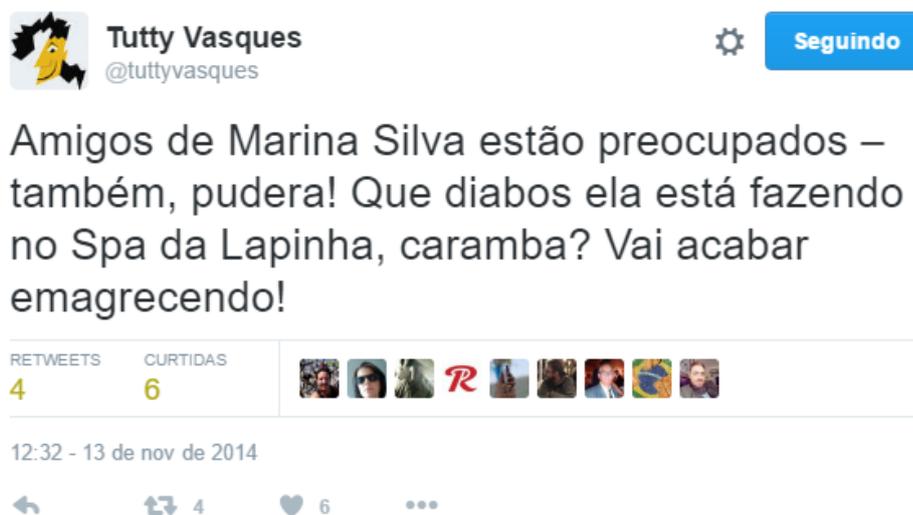
| <b>Suporte</b> | <b>Ocorrências (quantidade de textos)</b> |
|----------------|-------------------------------------------|
| <i>Blog</i>    | 10 (353)                                  |
| <i>Coluna</i>  | 7 (288)                                   |
| <i>Twitter</i> | 3 (268)                                   |

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

“caramba”

Há, nos textos de Tutty Vasques, uma expressão muito usada: “caramba”. Trata-se de uma interjeição que indica *espanto ou indignação*. Quaisquer que sejam as reações, assume-se uma discordância a algo. Vejamos, na sequência, dois textos que mostram o uso dessa expressão para melhor discorrer sobre seu uso.

Figura 2.25 Tweet @tuttyvasques 13 nov. 2015



Fonte: Twitter @tuttyvasques<sup>80</sup>

N figura 2.25, temos outro texto que envolve a historiadora e política Marina Silva, mas que o enfoque incide diretamente sobre ela. Candidata nas eleições presidenciais de 2014, Marina Silva tirou alguns dias de repouso no Lapinha Spa, no Paraná, após o fim de sua campanha. Nesse texto temos mais um dos casos que Tutty Vasques atribui certos enunciados ou atitudes a um outro que não necessariamente tenha dito ou feito o que se diz. Tutty Vasques diz que “amigos de Marina Silva estão preocupados” e, em seguida, concorda com a preocupação quando diz “também, **pudera!**” – *pudera* é uma interjeição que confirma o que o outro disse por ser algo esperado, uma expressão que equivale a *com razão*.

“**Que diabos** ela está fazendo no Spa da Lapinha, **caramba?**”: *que diabos* é uma expressão que se usa para questionar coisas que não estão sendo compreendidas e *caramba*, como dissemos, indica *espanto ou indignação*. Tais construções levam ao sentido de que Tutty Vasques estaria realmente indignado com o fato. Mas o motivo pela indignação está posto

<sup>80</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques/status/532903832112873472/>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

quando diz que Marina Silva “vai acabar emagrecendo!”. Para compreender e ver que é aí que acontece o gatilho do humor precisamos pontuar a duas coisas: i) em relação à imagem corpórea que se liga à pessoa Marina Silva, é de uma mulher magra, por vezes lembrada por tal característica; ii) quando se fala em spa, que é um estabelecimento direcionado para tratamentos de saúde e beleza ou mesmo para um retiro para descanso, há uma memória que se sobressai, a de que quem frequenta spa o faz para emagrecer. Temos, então, um humor engatilhado por essa sobreposição de memórias retomadas quando é dito “vai acabar emagrecendo!”, pois se Marina é magra e já é por vezes lembrada por isso, ir a um spa parece ser desnecessário ou, pelo menos, impensável para os que atribuem à noção de spa somente a ideia de local para emagrecimento.

**Tabela 3** Ocorrências da expressão “caramba”

| <b>Suporte</b> | <b>Ocorrências (quantidade de textos)</b> |
|----------------|-------------------------------------------|
| <i>Blog</i>    | 4 (353)                                   |
| <i>Coluna</i>  | 3 (288)                                   |
| <i>Twitter</i> | 3 (268)                                   |

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

“e não se fala mais nisso, ok?”

Nos textos de Tutty Vasques, a expressão “e não se fala mais nisso, ok?” é recorrente nos seus textos. A tabela abaixo (5) registra as ocorrências:

**Tabela 4** Ocorrências de “E não se fala mais nisso, ok?”

| <b>Suporte</b> | <b>Ocorrências (quantidade de textos)</b> |
|----------------|-------------------------------------------|
| <i>Blog</i>    | 4 (353)                                   |
| <i>Coluna</i>  | 2 (288)                                   |
| <i>Twitter</i> | 2 (268)                                   |

Fonte: Elabaorada pelo próprio autor

Tal expressão aparece sempre que Tutty Vasques retoma algum tópico para explicar, esclarecer alguma polêmica<sup>81</sup> que possa ter gerado. No geral, o autor recorta trechos e informações e as sobrepõe de uma forma que parecem verdade, e assim o faz por terem traços que emulam uma possível verdade. Os textos que seguem exemplificam o uso da expressão em questão – “e não se fala mais nisso, ok?”.

<sup>81</sup> Em se tratando de polêmica, precisamos destacar que Maingueneau (2010), nas suas considerações em torno do registro polêmico, ressalta que há uma diferença entre o *registro polêmico* e *texto com intenção polêmica*.

Figura 2.26 *Desmentido* 4 nov. 2014

# Desmentido

TUTTY VASQUES

04 Novembro 2014 | 00:02

O PSDB não cogitou contratar os advogados do Fluminense para mudar o resultado da eleição!

E não se fala mais nisso, ok?

Fonte: Blog *TuttyHumor*<sup>82</sup>

Figura 2.27 *Intriga da oposição* 6 nov. 2014

# Intriga da oposição

TUTTY VASQUES

06 Novembro 2014 | 12:01

A presidente Dilma esclarece que, ao contrário do que andam espalhando nas redes sociais, ela não se referiu à torcida do Flamengo quando disse que “é preciso saber perder”.

E não se fala mais nisso, ok?

Fonte: Blog *TuttyHumor*<sup>83</sup>

Os dois textos, datados de 4 e 6 de novembro de 2014, estão alicerçados em dois campos discursivos férteis de polêmicas, o político e o futebolístico, e se referem a dois casos específicos: i) a eleição presidencial de 2014; ii) o Campeonato Brasileiro de 2013.

Em 2014, ocorreu uma das eleições presidenciais mais acirradas da história do Brasil. Num contexto de extrema polarização política, disputaram o segundo turno a presidenta Dilma Rousseff, pelo PT, e o ex-candidato Aécio Neves, pelo PSDB, que tiveram 51,64% e 48,36% dos votos, respectivamente. O fato é que, devido a essa polarização que dividia o país

<sup>82</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/desmentido/>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

<sup>83</sup> Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/tutty/intriga-da-oposicao-3/>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

quase que pela metade, muitos ficaram insatisfeitos e indignados com o resultado e, por se tratar de um campo constitutivamente fértil de polêmicas, o caso repercutiu ainda por algum tempo após as eleições. Após o pronunciamento de sua reeleição, o primeiro discurso, em relação ao período pós-eleitoral, a presidenta disse que

“Desmontar os palanques significa perceber que na democracia - em toda e qualquer democracia - no processo eleitoral se disputam visões, propostas, as mais diferentes, e essas propostas e essas visões são levadas ao escrutínio popular. O povo vai decidir o que ele considera que seja a proposta que ganhará majoritariamente apoio e aquela que não ganhará. Isso significa ter consciência do que a democracia é. A democracia é, primeiro, esse fato: você disputa a eleição, se submete e pode ou não, ganhar. O ato de poder ou não ganhar faz parte do jogo democrático. **Há que saber ganhar, como há que saber perder.** As duas exigem uma atitude. A atitude do ganhador não pode ser nem de soberba, nem pretensão de ser o último grito em matéria de visão política.”<sup>84</sup> (grifos nossos)

O outro caso a que os textos fazem referência é o do debate acerca do Campeonato Brasileiro de 2013 em que a Portuguesa, time paulista, teria escalado irregularmente um jogador, Héverton, numa partida contra o Grêmio, assim como o Flamengo, time carioca, que escalou, também irregularmente, o jogador André Santos num jogo contra o Cruzeiro. Os dois jogadores estavam suspensos e ainda não podiam retornar aos campos. Esse evento fez com que ocorresse um inquérito no Superior Tribunal de Justiça Desportiva que determinou que ambos times perderiam alguns pontos na classificação, o que reclassificaria o Fluminense para a Série A do campeonato e rebaixaria os dois times para a Série B. O advogado do Fluminense teve papel fundamental nesse processo, ficando conhecido por sua excelência em suas defesas ao time.

A partir desses conhecimentos, Tutty Vasques elabora, nos textos acima (figuras 2.26 e 2.27), uma espécie de colagem que se vale dos dois ocorridos. Em *Desmentido* (figura 2.26), temos o seguinte enunciado: “O PSDB não cogitou contratar o advogado do Fluminense para mudar o resultado da eleição!”. Tal enunciado, após o título “*Desmentido*”, tem um tom de esclarecimento a uma suposta consideração de que o advogado do Fluminense, aquele que teve papel fundamental no processo no STJD, teria sido cotado pelo PSDB, partido derrotado nas eleições, para a abertura de um processo que revisse os resultados das eleições, numa tentativa de reverter o resultado a seu favor e em detrimento do partido de oposição, PT. É um caso que um tema do campo futebolístico passa a circular no campo político.

---

<sup>84</sup> Fonte: Palácio do Planalto – Presidência da República. **Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, após reunião com lideranças do Partido Social Democrático (PSD)**. Brasília/DF: 5 nov. 2014. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/discorso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-apos-reuniao-com-liderancas-do-partido-social-democratico-psd-brasilia-df>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

Em *Intriga da oposição* (figura 2.27), acontece o contrário, o discurso de Dilma, no campo político, é destacado e utilizado em referência a um evento no campo futebolístico. Acontece, nesse texto Tutty Vasques, por meio de recortes, retoma o discurso de Dilma sobre as eleições, atribui a ela uma fala fictícia, estratégia que já vimos acontecer nos textos do autor, redirecionando o enunciado “é preciso saber perder” para o campo futebolístico, como que indicando ser válido também para o Flamengo, mas ao mesmo tempo mantendo a distância quando atribui o esclarecimento à presidenta e não como sendo ele estabelecendo a relação.

À expressão “e não se fala mais isso, ok?” é atribuída um sentido de que, naquele momento, as polêmicas teriam sido dadas por encerradas. Entretanto, essa expressão, por mais que não funcione como um modo de coesão discursiva, é utilizada nas retomadas de textos polêmicos, e imprime, num segundo plano, se não o posicionamento, um ponto de vista do autor em relação ao tópico. É possível depreender que: i) no primeiro texto, o autor esteja se referindo à frustração de Aécio Neves pela derrota e ao fato de que não é possível alterar os resultados, o que pode ser tanto uma aceitação do resultado quanto uma celebração ao mesmo, de forma a zombar com a derrota de Aécio Neves; ii) no segundo texto, o duplo sentido de “é preciso saber perder” pode marcar tanto que o autor concorda com a presidenta sobre o fato de que é preciso saber ganhar e perder, uma referência à essa possível frustração do ex-candidato mencionado, como dizer que o Flamengo, que foi penalizado pela decisão do STJD, também teria que aceitar a derrota.

#### *intertextualidade interna e externa*

Por último, veremos alguns textos em que há o que vamos chamar de *intertextualidade externa* e *intertextualidade interna*, nos apropriando da classificação dada por Maingueneau (2008b) quando trata de *semântica global*. Ao definir a intertextualidade como um dos planos discursivos, Maingueneau (2008b) está considerando mais as relações intertextuais legitimadas pela competência discursiva do que o intertexto, ou seja, os fragmentos que de fato cita: “todo campo discursivo define certa maneira de citar os discursos anteriores do mesmo campo” (p.77). Há restrições e filiações discursivas que são estabelecidas com o passado de cada discurso constrói para si e que intervêm nos níveis de intertextualidade.

Maingueneau (2008b) propõe que a intertextualidade pode ocorrer internamente e externamente, o que vai chamar de intertextualidade interna e intertextualidade externa. A

primeira em relação a uma memória discursiva interior ao campo discursivo de que se enuncia e a outra em relação aos outros campos.

Assim como quando nos valem os *modos de coesão*, um dos planos da semântica global, esta classificação nos pareceu propícia de ser mobilizada para pensar não a intertextualidade entre campos discursivos, mas observar a relação textual estabelecida com o exterior dos textos e a relação entre os textos de Tutty Vasques. Exemplificaremos para melhor compreensão, a começar, na sequência, pelo texto *Código Linguístico*, publicado no dia 8 de outubro (figura 2.28):

Figura 2.28 *Código linguístico* 8 out. 2014

## Código linguístico

**L**egado indissociável do debate eleitoral em curso, a polêmica sobre o uso adequado do ‘aparelho excretor’ traz para o discurso político a possibilidade do emprego de expressões idiomáticas de gosto duvidoso sem riscos de ferir o chamado decoro parlamentar. Como diria Levy Fidelix, “quem tem aparelho excretor tem medo”! A seguir, mais alguns exemplos do jargão popular incorporado à eloquência dos homens públicos:

- 1) ‘Passarinho que come pedra
- sabe o aparelho excretor que tem!’
- 2) ‘Pimenta no aparelho excretor dos outros é refresco!’
- 3) ‘Aparelho excretor de bêbado não tem dono!’
- 4) ‘Tirar o aparelho excretor da reta!’
- 5) ‘Com o aparelho excretor na mão!’
- 6) ‘Fazer aparelho excretor doce!’
- 7) ‘Aparelho excretor do mundo!’ (o mesmo que ‘aparelho excretor do Judas’).
- 8) ‘...até o aparelho excretor fazer bico!’



CARLINHOS MÜLLER/ESTADÃO

Fonte: Coluna *TuttyHumor*<sup>85</sup>

Para entender a situação, temos um acontecimento discursivo de certa forma datado: no dia 7 de outubro de 2014 ocorreu um debate presidencial televisionado pela Rede Record a ex-candidata à presidência Luciana Genro questionou o ex-candidato Levy Fidelix sobre seu posicionamento em relação a questões relacionadas à constituição familiar e ao casamento civil igualitário que contemplasse a comunidade LGBT. O ex-candidato Levy Fidelix, que pareceu reduzir toda a questão a apenas o relacionamento homoafetivo entre homens, disse não poder incentivar o casamento civil LGBT se fundamentando no conhecimento biológico de que “aparelho excretor não reproduz”. O enunciado, altamente destacável, circulou nos noticiários e rede sociais, tanto no sentido de adesão aos ideais do ex-candidato quanto de refuta ao mesmo.

<sup>85</sup> Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20141008-44185-nac-45-cd2-c4-not/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

O título do texto, *Código linguístico*, faz referência à escolha lexical de Levy Fidelix, “aparelho excretor”, e que permite “para o discurso político a possibilidade do emprego de expressões idiomáticas de gosto duvidoso sem riscos de ferir o chamado decoro parlamentar”. Dessa forma, Tutty Vasques retoma essa fala do ex-candidato e se vale, também, de provérbios e expressões idiomáticas para causar o efeito de humor, que é engatilhado pelo uso de “*aparelho excretor*” em substituição da palavra *cu* (forma coloquial para *ânus* e considerada vulgar) em provérbios e expressões que usam essa palavra: i) “Passarinho que come pedra sabe o **aparelho excretor** que tem!”; ii) “Pimenta no **aparelho excretor** dos outros é refresco!”; iii) “**Aparelho excretor** de bêbado não tem dono!”; iv) ‘Tirar o **aparelho excretor** da reta!; v) “Com o **aparelho excretor** na mão!”; vi) “Fazer **aparelho excretor** doce!”; vii) “**Aparelho excretor** do mundo!” (o mesmo que “**aparelho excretor** do Judas”); vii) “...até o **aparelho excretor** fazer bico!”.

O debate presidencial pode ser entendido como um acontecimento impulsionador de um novo tópico de que se pode falar e, pensando no humor, se fazer referência, e o enunciado “aparelho excretor não reproduz” como um regulador linguístico que propuliona novas possibilidades de enunciado. Assim sendo, o texto do jornalista/humorista se ancora externamente, ou seja, se vale do enunciado de Levy Fidelix, da polêmica gerada e de provérbios e expressões idiomáticas. Entretanto, o uso de “aparelho excretor” em provérbios se repete em textos futuros, o que faz com que este “código linguístico” estabeleça uma nova regulação linguística nos seus textos. Vejamos nos seguintes textos (figuras 2.29 e 2.30):

Figura 2.29 *Aécio sim, Aécio não...* 9 out. 2014

## Aécio sim, Aécio não...

**S**e pudesse escolher, Marina Silva faria um plebiscito para decidir se adere ou não à candidatura de Aécio Neves. Não será surpresa para ninguém na Rede Sustentabilidade se o segundo turno acabar sem que o eleitor entenda direito que diabos a Marina Silva apoiou depois que saiu da disputa! Ela perdeu a eleição por causa dessa dificuldade de dizer sim ou não, é ou não é, vai ou não vai, foi ou não foi... Contam que, ainda menina no Acre, nunca sabia o que responder

quando o palhaço Carequinha perguntava “tá certo ou não tá, garotada?”.

Há dias vem dizendo aos tucanos que talvez sim, talvez não, depende, sei lá! Como ela mesmo costuma frisar, “não é um discurso, é uma vida”, entende? Por essas e por outras, o Brasil acabou desistindo da Marina nas urnas, mas os tucanos precisam de paciência: como diz o Levy Fidelix, ela só está fazendo um pouco de “aparelho excretor doce” antes de dar seu apoio – ao que tudo indica ainda hoje – ao Aécio. Calma, gente!



CARLINHOS MÜLLER/ESTADÃO

Fonte: Coluna *TuttyHumor*<sup>86</sup>

Figura 2.30 *Desarranjo na Bovespa* 22 out. 2014

**Desarranjo na Bovespa**  
Dilma sobe nas pesquisas e  
deixa mercado financeiro com o  
aparelho excretor na mão. A fase  
do nervosismo já passou! Tinha  
ação ontem se jogando pela janela!

Fonte: Coluna *TuttyHumor*<sup>87</sup>

Nesses textos temos um caso de intertextualidade interna, pois há, além da ancoragem externa, uma relação dependente para que haja sentido nos textos. No caso do texto da figura 2.29, ainda há referência à fala de Levy Fidelix (“como diz Levy Fidelix, ela só está fazendo um pouco de ‘**aparelho excretor** doce’”), o que permite que o leitor compreenda o trocadilho. Todavia, no texto da figura 2.30, não há menção da fala do ex-candidato no trecho “[...] deixa mercado financeiro com o **aparelho excretor** na mão”, o que permite diferentes tipos de interpretação: i) o autor entende que seu leitor tenha conhecimento do texto *Código linguístico* e, por conseguinte, entenda a referência contextualizada ii) autor aposta que, mesmo que não tenha lido o texto *Código linguístico*, o leitor tenha conhecimento da polêmica fala de Levy Fidelix e deixa essa interpretação de intertextualidade subentendida; ii) mesmo que o leitor não saiba do evento, há uma gatilho de nível lexical, o mesmo que o próprio enunciado de Levy Fidelix causa (script 1: “cu na mão”; script 2: “aparelho excretor na mão”).

Outro acontecimento que, diferente do caso anterior que é marcado tanto por um evento datado quanto por um enunciado que possibilita novos enunciados, é o caso da falta d’água, ou a crise hídrica, como é muitas vezes referenciado, em que Tutty Vasques se vale de trocadilhos que permeiam o linguístico e o extralinguístico. No texto *Esse chove não molha!* (figura 2.31), do dia 23 de outubro de 2014, em que o efeito de humor se dá pelo uso de provérbios e expressões que usem a palavra “água” num processo quase que de subversão, mas não no enunciado, mas no sentido que emerge do uso dessa expressões.

<sup>86</sup> Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20141009-44186-nac-53-cd2-c8-not/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

<sup>87</sup> Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20141022-44199-nac-42-cd2-c4-not/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

Figura 2.31 *Esse chove não molha!* 23 out. 2014

## Esse chove não molha!

A promoção *Carro-Pipa do Faustão* está sendo preparada para segurar a audiência do *Domingão* quando terminar a *Dança dos Famosos*. O vencedor do concurso ainda não definido pela direção do programa levará 10 mil litros d'água de prêmio. O precioso líquido, como se sabe, está mudando do vinho pra água.

Vai chegar o dia em que 'um banho de água fria' nas ideias de alguém será um ato de grande generosidade. 'Vai tomar banho!' deixará de ser xinga-

mento; 'vender feito água' perderá o sentido figurado; 'fazer tempestade em copo d'água' deve virar expressão crítica à previsão frustrada de chuva pela Meteorologia.

A crise hídrica mexeu com velhos significados: tem coisa melhor hoje em dia que 'dar com os burros n'água'? Quando, enfim, São Paulo secar de vez, voltar pra casa 'na maior água', ainda que seja 'água que passarinho não bebe', pode até contar com a compreensão da patroa. Caso contrário, ela que 'tire seu cavalinho da chuva', até porque ela não vem mesmo!



Fonte: Coluna *Tutty Humor*<sup>88</sup>

O texto *Esse chove não molha!* exemplifica casos de *intertextualidade externa* ou seja, ancora-se em expressões e provérbios, estabelecendo uma relação com esse “exterior” do texto. O humor se dá por esse jogo que se estabelece entre o problema da falta d'água e a leitura literal dos provérbios e das expressões, desconsiderando o aspecto conotativo que carregam em si. A começar pelo título, “chove não molha”, que é muito usado para expressão situações de indecisão, há um movimento em direção ao sentido denotativo da expressão, em que, no momento em que enunciava, a falta de chuva ou a pouca chuva não era suficientemente decisiva para se resolver a questão da crise hídrica, que precisava de um considerável período de chuvas para estabilizar a situação.

Há uma subversão linguística em “mudando do vinho pra água”, que remete a expressão “mudar da água pro vinho”, que, possivelmente, alude ao Evangelho de João em que remonta o caso em que Jesus teria transformado água em vinho numa festa de casamento. O efeito de humor dessa expressão se deve ao fato de que, usada a princípio para uma ideia de mudança radical e normalmente num sentido positivo de mudança, a raridade maior seria de vinhos e não de água, mas a polarização de valoração é invertida, no texto, para a água, que passa a ser o que é raro, referência à falta d'água que se instaurava principalmente na região Sudeste do Brasil (script 1: vinho tem maior valor que a água por sua raridade; script 2: inverte-se, a água tem maior valor que o vinho por sua raridade).

<sup>88</sup> Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20141023-44200-nac-49-cd2-c4-not/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

Figura 2.32 *A revolta dos sem-água!* 17 out. 2014

## A revolta dos sem-água!

**É** cedo ainda para se incomodar com protestos contra a falta d'água: as autoridades responsáveis pelo abastecimento de São Paulo estão decerto esperando o verão chegar para esquentar a cabeça com isso. É bom que se preparem!

Ao que tudo indica, não haverá motivo mais forte neste final de ano na cidade para quebrar vidraça de banco, tocar fogo em ônibus, espalhar lixo nas ruas, depredar agências de carros importados, atirar co-

quetel molotov na polícia, forçar o portão do Palácio dos Bandeirantes...

Os próprios sem-teto terão que rever os rumos do movimento, afinal, de que vale lutar por uma casa sem água nas torneiras? As péssimas condições do transporte público, a insegurança nas ruas, a violência policial, o desrespeito aos ciclistas, o papelão do Corinthians, nada de ruim na rotina do paulistano parece tão grave quanto a porcaria da vida numa megalópole estrangulada pela crise hídrica.

Periga nem ter ceia de Natal para não sujar mais louça!



CARLINHOS MÜLLER/ESTADÃO

Fonte: Coluna *Tutty Humor*<sup>89</sup>

Figura 2.33 *Ceia nas redes sociais* 29 out. 2014

### Ceia nas redes sociais

A crise hídrica está mesmo mudando os hábitos do brasileiro. Já tem gente em São Paulo combinando com familiares passar a noite de Natal no Facebook para economizar água na lavagem de pratos após a ceia!

Fonte: Coluna *Tutty Humor*<sup>90</sup>

Há, nesses dois textos (figuras 2.31 e 2.32), casos de intertextualidade tanto interna como externa, quando, ancorados na dita crise hídrica, estabelecem uma relação entre si não só pelo tema abordado, mas também com o como é abordado: “Periga nem ter ceia de Natal para não sujar mais louça!” e “Já tem gente em São Paulo combinando com familiares passar a noite de Natal no Facebook para economizar água na lavagem de pratos após a ceia!”. Apesar de não terem uma interdependência, notamos outro caso em que há recorrência da ironia do autor: possivelmente, tais teorias de que a ceia de Natal estaria comprometida por conta da falta d'água para lavar louça não passam de teorias (o que não se pode afirmar), e as soluções

<sup>89</sup> Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20141017-44194-nac-48-cd2-c6-not/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

<sup>90</sup> Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20141029-44206-spo-41-cd2-c4-not/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

para o problema – “nem ter ceia de Natal” e “passar a noite de Natal no Facebook” – parecem ser onde recai o gatilho do humor, pois não são soluções esperadas para o caso.

Há casos em que o trabalho de ressignificação das expressões é feito pelo próprio autor, como em: i) “um banho de água fria” não equivale ao efeito conativo de “ser frustrado”, mas o literal de tomar banho com água fria; e ii) “fazer tempestade em copo d’água” não se trata de exagerar sobre coisas mínimas, mas uma “crítica à previsão frustrada de chuva pela Meteorologia”. O que se tem é que o sentido metafórico de tais expressões não seria mais válido a partir do momento em que há uma crise hídrica e a falta d’água impossibilitaria o uso dessas expressões.

Considerando os textos dessa subseção, temos dois acontecimentos, o debate presidencial e a crise hídrica, e que são acontecimentos “visíveis” nas proposições de Possenti (2013) e em que a temática permite o efeito de humor, por licenciar uso em textos humorísticos e em outros campos discursivos.

\*\*\*

## considerações finais

Este trabalho se propôs analisar processos de gestão de autoria e de construção do efeito de humor a partir de um *cópus* que reúne textos de Tutty Vasques. Para isso nos fiamos no conceito de *paratopia criadora*, de Maingueneau (2006), para observar o funcionamento da construção de uma imagem autoral que é resultado de uma combinação de três instâncias em funcionamento concomitante: a *pessoa*, o *escritor* e o *inscritor*.

No caso analisado, vimos que a *pessoa* Tutty Vasques é de difícil definição por dividir corpo com Alfredo Ribeiro, *ortônimo*, e fazendo com que pudéssemos, em algum momento, entender que a *pessoa* seria, na verdade, Alfredo Ribeiro enquanto que a instância *escritor* o próprio Tutty Vasques (o que não se confirma). Essa (im)possível definição nos leva a pensar que, quando pensamos numa imagem de autor, não é possível desvincular uma série de fatores externos à produção textual, ou seja, pensar em “autor de” alguma coisa leva a pensar uma conjuntura externa à produção estritamente textual.

Diante disso, entendemos que a textualização muito tem a ver com esse exterior ao texto e que imprime indícios que mostram um sujeito engendrando a mobilização discursiva no texto. Uma análise fundamentada na noção de indícios de autoria e não de marcas autorais é investir numa proposta que entende que o processo de inscrição como o espaço que o autor encontra para, ancorado sempre no outro, mostrar-se. É como o eu aparece, mesmo que dependendo do discurso do outro, que se dá o que se pode chamar de estilo, não só as escolhas lexicais, as estruturas sintático-semânticas, mas a que essas escolhas remetem num nível discursivo. Tais escolhas estruturais que marcam determinada autoria podem ser mais frequentes nas textualizações discursivas de determinado autor, mas, para uma dinâmica que se propõe analisar indícios, uma análise puramente focada nessas marcas não dá conta da dimensão discursiva que constitui caráter autoral.

Ainda assim, é preciso deixar claro que evidentemente, em determinados textos, há marcas autorais recorrentes e que se tornam uma característica de determinado autor, mas mesmo essas marcas, quando mediadoras dos discursos, podem ser consideradas indícios de autoria, como no caso de “ô, raça!”, que virou uma marca de Tutty Vasques, mas tem, como vimos, também uma função de balizagem interpretativa, ou seja, (re)interpreta os enunciados.

Na análise, vimos que os textos de Tutty Vasques não tratam de um tema específico, mas de uma variedade de temas que configuram uma produção que zomba de fatos da(s) sociedade(s). É certo que falamos de um jornalista do Rio de Janeiro, o que poderia limitar

a abrangência dos temas, mas há traços que podemos dizer mais universais em sua produção: a escrita de Tutty Vasques estabelece uma relação direta com aquilo que é contemporâneo à publicação de seus textos, sejam fatos cariocas, nacionais ou internacionais, basta que circulem e que tenham destaque mínimo nos noticiários diários.

Retomando Possenti (2009), “tudo é ao mesmo tempo um jogo de formas que não se repetem e uma escolha condicionada por fatores contextuais” (p.117): num processo de constituição autoral, devemos considerar que há fatores extralinguísticos como, no nosso caso em análise, a forma com que Tutty Vasques se apresenta, como e por quem é retomado, questão que discutimos na primeira parte desse trabalho, e também os processos de inscrição, a textualização, que é onde podemos observar as marcas discursivas linguisticamente. É na inscrição linguísticas que encontramos não só marcas mas também indícios de autoria, sendo que algumas marcas funcionam como balizadoras interpretativas e, logo, são indícios também.

É ao conjunto de indícios autorais na inscrição que se relaciona a noção de uma totalidade autoral, principalmente em casos em que a instância inscridor, do modelo de *paratopia criadora*, se sobressai em relação aos outros, que é o caso de Tutty Vasques que, por ter uma trajetória de pessoa e de escritor de difícil delimitação, passa a circular mais pelos seus textos do que pela *pessoa* Tutty Vasques/Alfredo Ribeiro ou do *escritor* Tutty Vasques.

Ademais, são textos que, apesar de terem certa variedade temática, acompanham o que de mais evidente circula na época de sua produção, com uma maior recorrência textos que tratam de questões políticas e político-sociais. Destaco que, com base nos textos de Tutty Vasques, foi possível observar projeto estético político cuja forma é o humor, o que me fez pensar num futuro projeto de pesquisa que visa pensar o humor como uma *partilha do sensível*, pensando nas proposições de Rancière (2009), principalmente quando presente no campo político.

Por fim, ressaltamos que, com base na análise desenvolvida, o apagamento do sujeito empírico, prática recorrente em estudos discursivos, impossibilita uma compreensão de uma totalidade autoral, uma vez que é preciso levar em consideração esse sujeito cujo gesto inscricional suscita a reflexão acerca dos estudos de autoria. No caso analisado, uma vez que vimos que a produção textual é determinada pelo meio de produção, essa questão fica clara, já que interfere diretamente no funcionamento da *paratopia criadora*.

## referências

- AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Apresentação: Marlene Teixeira. Revisão técnica da tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 257p.
- CARMELINO, A. C.; RAMOS, P. Uma trajetória das pesquisas linguísticas sobre humor no Brasil. In: CARMELINO, A. C. (Org.). **Humor**: eis a questão. São Paulo: Cortez, 2015. p.7-17.
- CHAGAS, D. S. **Humor e discurso**: uma análise dos textos do colunista Tutty Vasques. 2014. 17p. Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2014.
- CHAGAS, D. Humor e contemporaneidade: uma análise dos textos do colunista Tutty Vasques. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 45 (3): p.763-775, 2016.
- FOULCAULT, M. O que é um autor? In:\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol.III). Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. p.264-298.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In:\_\_\_\_\_ **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.143-277.
- HANSEN, J. A. Autor. In: JOBIM, J. L. (Org.). **Palavras da crítica**: tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.11-41.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3ed. São Paulo: Editora 34, 2013. 152p.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Sousa-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a. 184p.
- \_\_\_\_\_. Interdiscurso. In: \_\_\_\_\_; CHARRAUDEAU, P. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 192p.
- \_\_\_\_\_. **Discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006. 329p.
- \_\_\_\_\_. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Organização de Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. Tradução de Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 207p.
- \_\_\_\_\_. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editoria, 2008b. 184p. 1ª edição em francês: 1984.
- MELO, J. M. A crônica. In: CASTRO, G.; GALENO, A. (Orgs.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. (Coleção Ensaios Transversais).

- PAVEAU, M. Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. Tradução de Jocilene Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.5, p. 137-161, dez.2013.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- POSSENTI, S. Humor e grandes frases. In: NAVARRO, P.; POSSENTI, S. (Org.). **Estudos do texto e do discurso: práticas discursivas na contemporaneidade**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2012. 236p.
- \_\_\_\_\_. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2013. 183p.
- \_\_\_\_\_. Índícios de autoria. In: \_\_\_\_\_. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009a. p.103-117.
- \_\_\_\_\_. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009b. 213p.
- \_\_\_\_\_. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. 152p.
- \_\_\_\_\_. Pelo humor na linguística. **DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v.7, n.2, p.491-519, 1991.
- RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**. Tradução de Mônica Costa Netto, 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- RASKIN, V. **Semantic Mechanisms of Humor**. Dordrecht: D. Reidel. 1985. 284p.
- \_\_\_\_\_. Semantic Mechanisms of Humor. **Proceedings of the Fifth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. Berkeley, California: D. Reidel. 1979. p.325-335.
- RIBEIRO, A. **Ô, raça! Má notícia é a maior diversão: o humor de Tutty Vasques na internet**. Organização e seleção: Fábio Rodrigues. Rio de Janeiro: Apicuri, 2015a. 360p.
- \_\_\_\_\_. Quem afinal é Tutty Vasques? **Editora Apicuri**, Rio de Janeiro, 11 nov. 2015b. Disponível em: < <http://www.apicuri.com.br/index.php/2013-08-12-01-42-53/item/366-quem-afinal-e-tutty-vasques>>. Acesso em: 3 dez. 2015b.
- SÁ, X. Crônicas de costumes e os costumes da crônica: entrevista. [12 de abril de 2016]. São Paulo: **Super Libris (SescTV)**. Entrevista concedida a José Roberto Torero.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1997a. 308p. 1ª edição: 1996.
- \_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento crítico à consciência universal**. 22.ed. São Paulo: Record, 2012. 174p. 1ª edição: 2000.
- \_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 3ed. São Paulo: Hucitec, 1997b. 190p. 1ª edição: 1994.

TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. **DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v.6, n.1, p.55-82, 1990.

\_\_\_\_\_. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. **Estudos Linguísticos e Literários**, v.5 e 6, p.42-79, 1989a.

\_\_\_\_\_. Recursos linguísticos e discursivos do humor: humor e classe social na televisão brasileira. In: 36º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 1989, São Paulo. **Estudos Linguísticos – Anais...** Lorena: Prefeitura Municipal de Lorena/GEL-SP, 1989b. v.18. p.670–677

VASQUES, T. **Nem tutty é verdade.**: crônicas & calúnias. Petrópolis: Editora Nova Fronteira, 1988. 109p.

\_\_\_\_\_. Tutty Humor. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 7 out. 2014 - 4 dez. 2014. Caderno 2. Versão Digital. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Tutty Humor**: Má notícia é a maior diversão. 2014. Publicações entre Outubro e Dezembro de 2014. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/tutty/>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Tutty Vasques**. 2014. Publicações entre Outubro e Dezembro de 2014. Disponível em: <<https://twitter.com/tuttyvasques>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

## anexo 1

Quarta, 11 de Novembro de 2015

## QUEM AFINAL É TUTTY VASQUES?

Escrito por [Editora Apicuri](#)[tamanho da fonte](#)[Imprimir](#)[E-mail](#)[Seja o primeiro a comentar!](#)

*Ô, raça!*, o livro que traz os melhores textos de Tutty Vasques, chega às livrarias em novembro. Resultado de um árduo trabalho de pesquisa e edição do humor que o autor pratica diariamente em diversos portais de informação e redes sociais da internet, sempre sob a retranca “Má notícia é a maior diversão”, a obra apresenta um estilo que não poupa ninguém. Confira abaixo quem afinal está por trás dessa figura topetuda de aparência tão afiada quanto o seu sarcasmo.



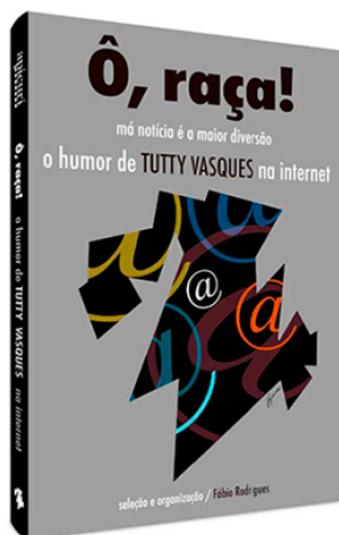
Eu nasci Alfredo, tijucano e ainda por cima vascaíno em meados dos anos 50, filho de uma família de portugueses da saga que trouxe o bar da esquina para o Rio de Janeiro. Estudei sempre em escolas públicas, fui adolescente no AI-5 e precisei me decidir por alguma profissão em pleno governo Médici, auge da ditadura militar. Escolhi o jornalismo por causa de um vizinho que me apresentou a sua turma da Eco, a Escola de Comunicação da UFRJ. Eram todos cabeludos, de esquerda ou desbundados, o que na época pegava superbem. Entrei para a Eco em nonagésimo oitavo lugar entre 100 classificados e lá encontrei outros malucos, muitos inteiramente numa boa, alguns com pressa de ingressar no mercado de trabalho pela brecha da inércia sindical em tempos de regime militar.

Entre numa redação, a do finado *Diário de Notícias*, pela primeira vez aos 19 anos. De lá, emendei estágios no *Jornal dos Sports* – cobri o glorioso São Cristóvão do Fio Maravilha – e na *Rádio Jornal do Brasil*, onde comecei a aprender jornalismo sério com Ana Maria Machado. Seis anos depois, repórter especial e pauteiro da rádio, enchi o saco do que estava fazendo e abri um bar.

O Cilada – Bar do Alfredo – era vizinho do Antonio’s, no Leblon, e reuniu alguns dos bêbados mais badalados da cidade nas madrugadas entre fevereiro de 1981 e fevereiro de 1982. Já estava quase virando um deles quando saí pela porta dos fundos para fazer teatro. Produzi a peça *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, com adaptação do Alex Polari, direção de Buza Ferraz, o maior fracasso da história do Teatro Villa-Lobos. Quando entrou 1983, estava desempregado e com uma filha – Júlia cresceu na barriga da mãe (a atriz Guida Vianna) em cima do palco – por nascer em abril. Fui ganhar dinheiro com... cinema. Trabalhei um ano lançando filmes brasileiros com o gigante do Marco Aurélio Marcondes (quem é do ramo sabe de quem estou falando), de *Memórias do Cárcere* a *Garota Dourada*.

Em 1984, voltei à redação para ser repórter da *Folha de S. Paulo* na gestão de Matinas Suzuki Jr., na sucursal Rio. No início de 1986, virei subeditor do Artur Xexéo nas revistas *Programa* e *Domingo*. Foi aí que nasceu o Tutty Vasques, cronista de humor que passou a dividir corpo com Alfredo Ribeiro, logo depois editor, junto com Joaquim Ferreira dos Santos, das duas revistas do *JB*. Em 1990, enchi o saco de novo, dessa vez do trabalho de edição. Fomos – Alfredo e Tutty –, sob os auspícios de Marcos Sá Corrêa, cobrir a Copa da Itália, voltamos direto para a reportagem política (era ano eleitoral), fizemos trio com Ancelmo Gois no Informe *JB*. Em 1991, saímos para criar com Flávio Pinheiro a *Veja Rio*. Cronista e editor passaram cinco anos na Abril, sempre acumulando colaborações com a *Veja-mãe* de Mario Sergio Conti. Entramos para o quadro restrito de editores-executivos da empresa, até que, em 1996, o *JB* dirigido por Marcelo Pontes me ofereceu um caminhão de dinheiro para ser Tutty Vasques na vida. Com dois filhos gêmeos (Antônio e Francisco) recém-nascidos do casamento com a fotógrafa Ana Stewart, aceitei, menos pela grana do que pela aventura (já estava de saco cheio de ser Alfredo).

Foram três anos em que o prazer de ser Tutty compensou até os atrasos de salários. Depois de colaborações com *Bundas* e *Contigo* (pode?), fui refazer a vida, decidido a ganhá-la à custa do Tutty. Em janeiro de 2001, ganhei coluna na revista *Época* convidado por Augusto Nunes e, convocado por Marcos Sá Corrêa, integrei a turma de jornalistas que fundou o site *NO*. – Notícia e Opinião. O site de enorme sucesso editorial não suportou a megalomania de seus megainvestidores. Acabou e, de lá, saiu um grupo de teimosos, que no dia 3 de junho de 2002 botou no ar o *NoMínimo* ([www.nominimo.com.br](http://www.nominimo.com.br)). Uma empresa de jornalistas com a pretensão de virar quilombo de uma turma que planeja há algum tempo fugir da grande imprensa. Funcionamos até junho de 2007 como um grupo de teatro dos anos 70, uma espécie de Asdrúbal Trouxe o Trombone temporão do jornalismo. Sentia-me com 20 anos, a idade ideal para se meter com Internet. Voltei a ser Alfredo Ribeiro desesperadamente, dobrei a produção do Tutty, trabalhava 16 horas por dia, mas quem liga para isso quando se é jovem? Mantive duas colunas em *NoMínimo* (uma diária de notas, outra semanal de crônica) e na revista *Veja-Rio* (em rodízio com Manoel Carlos). Assinei uma coluna diária no jornal *Lance* durante a Copa do Mundo de 2006 e os Jogos Pan-Americanos de 2007.



Em junho de 2007, *NoMínimo* perdeu patrocínio e saiu do ar soltando fogos: cinco anos é uma eternidade para um projeto jornalístico alternativo na Internet. Seguiram-se, quase que imediatamente, sete anos de blog diário no *Estadão* (coluna pelo menos cinco dias da semana no papel nos cadernos *Aliás*, *Metrópole* e *Caderno 2*), até que em dezembro de 2014 dancei numa dessas listas de cortes na folha de pagamento em voga em toda a imprensa. Resultado: 2015 foi um ano dedicado ao livro, que já estava em processo de gestação quando saí do *Estadão*, e ao Facebook, onde o Tutty manteve produção diária no mesmo ritmo do jornal, até que, chamado para coordenar a área de Internet do Instituto Moreira Salles, começamos – Alfredo e Tutty - em setembro de 2015 uma tentativa de virarmos uma mesma entidade. Tem sido divertido e, como sempre, trabalhoso.

O que *Ô, raça!* encerra na fase Tutty Vasques é a possibilidade de voltar a ser um gaiato de frequência diária a par e passo com o noticiário. Isso é coisa pra maluco, muito mais do que já somos. Neste sentido, *Ô, raça!* encerra um ciclo iniciado há 15 anos.

Sou um sobrevivente de uma época que já foi difícil, chata, sonhadora, decepcionante... Se deixar de ser divertida, aí fica insuportável! Este livro foi feito com a alegria de uma releitura do baixo astral do noticiário: é preciso dar um desconto ao DNA da História do Brasil. Isso aqui nunca foi bom, está custando a melhorar, mas também já foi pior. Pode haver alguma graça neste caminho.

---

*Ô, raça! Má notícia é a maior diversão -- o humor de Tutty Vasques na internet*

Lançamento: 17/11/2015, a partir das 18h30, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional (São Paulo) |

23/11/2015, a partir das 19h, na Livraria Argumento Leblon (Rio de Janeiro)

R\$39,00 | 360 págs. | ISBN 978-85-8317-035-8

Seleção e organização: Fábio Rodrigues

Lido 442 vezes

Última modificação em Quarta, 11 de Novembro de 2015